

**Nilton G. Medeiros**

# **Omega - Alfa**

São Paulo  
1ª Edição - 2014



[www.biblioteca24horas.com](http://www.biblioteca24horas.com)

Nilton G. Medeiros

Copyright ©2014 – Todos os direitos reservados a:  
**Nilton G. Medeiros**

ISBN: 978-85-4160-657-8

1ª Edição - **Março** de 2014

Direitos exclusivos para Língua Portuguesa cedidos à  
Biblioteca24horas, Seven System International Ltda.  
Rua Luís Coelho 320/32 Consolação  
São Paulo – SP – Brasil CEP 01309-000

**(11) 3259-4224 / [leitor@biblioteca24horas.com](mailto:leitor@biblioteca24horas.com)**  
**Vendas:** [www.biblioteca24horas.com](http://www.biblioteca24horas.com)

*Todos os direitos reservados. Nenhuma parte do conteúdo deste livro poderá ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja ela impressa, digital, áudio ou visual sem a expressa autorização por escrito da Biblioteca24horas Seven System International.*

## **Benefício Adicional Gratuito**

Ao adquirir ou receber este livro, o leitor tem direito a uma licença de uso (disponibilizada na penúltima página deste livro) no portal **www.biblioteca24horas.com**, por tempo predeterminado, através de *login* (pessoal e intransferível) com o seguinte benefício:

**Acesso ao Formato Digital** – Acessar e ler este livro no seu formato digital por via da internet, através de navegador comum, por um período acumulado de (o total de tempo de 5 minutos X quantidade de páginas) minutos por um prazo máximo de 90 dias, a serem contados do primeiro acesso.

Este benefício será válido até a data de vencimento da licença de uso em 30/12/2014.

**Ao autor reserva-se o direito de atualizar o conteúdo deste livro e/ou do conteúdo fornecido via internet sem prévio aviso.**

*Copyright © 2014 - Todos os direitos referentes ao Benefício Adicional Gratuito são reservados à Biblioteca24horas Seven System International.*

Nilton G. Medeiros



# OMEGA-ALFA

NILTON G. MEDEIROS

Ficção Científica

---

*Um homem iniciou a raça humana. Será o fim da humanidade  
determinado pelo último homem?  
E este conseguirá dar continuidade à raça humana em algum lugar do  
Universo sem o extinto berço Terra?*

Nilton G. Medeiros



*A Deus, o meu louvor, por me conceder este prazer.*

*A meus pais... que repousam o sono dos justos.*

*À minha inestimável esposa.*

*Ao meu querido filho a quem, ao lhe contar meus mirabolantes sonhos, me disse: “Porque não escreve um livro?”*

*À minha amada filha, que sempre me apoiou.*

*E, não menos importantes, aos meus irmãos, primos, sobrinhas e amigos, que me incentivaram e me empolgaram a escrever.*

Nilton G. Medeiros



*Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com países e instituições, empresas, marcas ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.*

Nilton G. Medeiros



## Sobre o autor:



Nascido na capital de São Paulo, em 1964, Nilton Gonçalves Medeiros cresceu em São Paulo e mudou-se para Caieiras (grande São Paulo) em 1998, na tranquilidade de Caieiras no início como um hobby escreveu Ômega-Alfa, formado em Ciência da Computação (2005), atua como diretor-sócio da empresa SISTROM SISTEMAS WEB.

Nilton G. Medeiros



## Sinopse

Desde que o mundo é mundo, só evoluiu por causa de pessoas visionárias, que colocam o bem da coletividade acima de seus próprios interesses. É o caso de Roberto Lobo, comandante da nave espacial com destino ao exoplaneta mais próximo.

Para fazer parte de sua equipe, foi escolhida a cientista especialista em física quântica, Paloma Veríssimo. Foi uma maneira que o seu superior encontrou de defendê-la, após ela ter desmascarado um plano de sabotagem dos EUA.

Roberto e Paloma se envolvem e se apaixonam. Dois anos se passam, ao sair do laboratório em que trabalha, Paloma é perseguida por agentes secretos que querem sabotar o IVC (novo colisor de partículas). Após uma perseguição eletrizante pelas avenidas movimentadas de São Paulo, acaba sendo baleada e morta.

Mesmo abalado com a morte da mulher que mais amou, Roberto vai em frente com o projeto para o qual foi designado. E é a partir de suas lembranças que a história inicia. Fragilizado pela idade avançada, decide registrar suas memórias e transferir toda a sua vida registrada no cérebro – a sua mente consciente e subconsciente – para um cérebro de androide. Uma verdadeira viagem pelo mundo da ficção e da fantasia!

Nilton G. Medeiros



# OMEGA

## Parte I

Nilton G. Medeiros



## Sumário

Sobre o autor:.....	11
Sinopse.....	13
Capítulo 1 - São Paulo – Brasil, Ano 2027 .....	19
Capítulo 2 - Quinze anos depois... Espaço sideral, Ano 2042.....	23
Capítulo 3 - Trinta e três anos depois... Espaço sideral, Ano 2075 .....	31
Capítulo 4 - Cinquenta anos antes... Terra, Ano 2025.....	35
Capítulo 5 - Parnamirim, RN – Brasil, Ano 2025 .....	41
Capítulo 6 - São Paulo, SP – O Amigo .....	51
Capítulo 7 - O Teletransporte .....	55
Capítulo 8 - Chuveiro Alienígena .....	63
Capítulo 9 - Domingo, Parque do Ibirapuera.....	67
Capítulo 10 - O Encontro.....	69
Capítulo 11 - Langley, Virgínia, EUA .....	77
Capítulo 12 - Parnamirim, RN - Segunda-feira pela manhã .....	81
Capítulo 13 - Centro de Lançamento da Barreira do Inferno.....	85
Capítulo 14 - O Dispositivo .....	93
Capítulo 15 - Ano 2027 – Instalação do teletransporte no Brasil .....	105
Capítulo 16 - A Palestra.....	109
Capítulo 17 - A Proposta .....	127
Capítulo 18 - Brasília, DF .....	133
Capítulo 19 - O Casamento .....	139

Capítulo 20 - Viagem ao Mundo Virtual .....	145
Capítulo 21 - 旭岳 - Asahidake, Japão .....	163
Capítulo 22 - 2029 - A Perseguição.....	171
Capítulo 23 - Vale da Sombra da Morte .....	187
Capítulo 24 - O Resgate.....	213
Capítulo 25 - A Destruição Iminente da Terra .....	219
Capítulo 26 - Marte .....	227
Capítulo 27 - Um Novo Nascimento.....	235
Capítulo 28 - A Nova Geração - Os clones e os Bebês de Provetas.....	245
Agradecimentos.....	251

## Capítulo 1

São Paulo, SP - Brasil, Ano 2027

Paloma corria desesperada pelo estacionamento do terceiro subsolo do prédio onde trabalhava. Próxima ao seu carro, tentou abrir a porta apertando o controle remoto, mas o nervosismo fez com que o deixasse cair no chão. Pegou-o com as mãos trêmulas enquanto olhava para a porta metálica de acesso ao piso superior fechada. A sua voz interior a alertou: *“Saia logo daí ou você vai morrer!”*. Entrou no automóvel, colocou sua digital no painel de partida, ligando-o ao mesmo tempo em que dois homens forçavam violentamente a porta metálica. Altos, de ternos escuros, pistolas automáticas com silenciadores em punho, olharam para todos os lados até localizá-la. Quando o mais alto identificou seu automóvel, apontou a pistola em direção ao para-brisa mirando no vulto do motorista ao volante. Três tiros foram disparados ao mesmo tempo em que Paloma agachava-se sob o painel desviando-se dos tiros e acelerando em primeira marcha. Saiu cantando pneus; com a visibilidade comprometida pelas perfurações das balas, ralou a lateral traseira esquerda do veículo na coluna de concreto, subiu em velocidade máxima a rampa em direção ao térreo.

Os dois homens correram pelas escadas para chegar ao térreo, enquanto um deles advertia pelo transmissor inserido ao ouvido que a detivessem na saída.

Apesar dos seguranças do prédio bloquearem a saída, postados na frente da cancela abaixada fazendo sinal para que ela parasse, Paloma acelerou mais ainda. Quase atropelou os

homens, que se jogaram para os lados, antes do veículo estraçalhar a cancela e sair em alta velocidade pela Avenida Luiz Carlos Berrini em direção à Avenida Águas Espraiadas.

Paloma ligou pelo viva-voz do carro para Roberto, enquanto tentava despistar seus perseguidores em um veículo sedan preto. Acabou se desconcentrando do volante e, para não bater no veículo parado à sua frente no semáforo fechado, subiu pela estreita calçada que separava as duas pistas. Ao invadir a contramão, veículos buzinaaram e acenderam os faróis em protesto. Ela entrou por uma rua à esquerda, seguindo a esmo por algumas ruas estreitas. Seus perseguidores, cada vez mais perto, começaram a atirar. Em um dado momento, um tiro atravessou o vidro traseiro, perfurando o encosto de cabeça do passageiro. Assustada, Paloma deixou escapar um breve grito. No desespero, ela entrou por uma viela que terminava em um terreno baldio. Passou sobre alguns entulhos e caiu na Avenida Espraiada pela contramão. Esquivou-se dos veículos com seu carro robusto tipo *offroad*, até atingir a rampa de acesso ao Viaduto José Bonifácio. Sem a mesma sorte, os seus perseguidores bateram em dois veículos que estavam parados, com seus ocupantes perplexos olhando a “louca” que saiu do nada e entrou com tudo na avenida.

Roberto atendeu o celular que mostrava o nome de sua amada, sendo atropelado pelas palavras rápidas e aflitas de Paloma:

“Estou sendo perseguida por dois agentes, agora me encontro sobre a ponte em direção à Marginal Pinheiros”.

Ainda com o viva-voz ligado, ao chegar ao topo do viaduto ela se deparou com um bloqueio de duas caminhonetes da Polícia Federal. Diante dos homens uniformizados e armados com metralhadoras e fuzis, Paloma gritou: “Oh! Meu Deus”. Freou bruscamente, deu marcha a ré, enquanto os policiais dispararam tiros de metralhadoras contra o veículo. Do outro lado da linha, impotente, Roberto escutava os tiros e o som do veículo colidindo contra o muro de contenção da ponte. Em seguida, o estrondo que denunciava uma explosão. A ligação foi interrompida.

Roberto acordou gritando... “NÃÃÃO!”

Ω-α



## Capítulo 2

Quinze anos depois...

Espaço sideral, Ano 2042

Sentando-se sobre a cama, ficou paralisado por alguns minutos, o pescoço e peito suados. Colocou as mãos no rosto, impactado pelo pesadelo que trazia à tona o passado que o tornou solitário. “Paloma... meu amor...”, murmurou baixinho, antes de se levantar. Tomou um banho, foi para o refeitório, comeu algo enquanto a cafeteira moía os grãos de café. Logo, o aroma tomou o local. Olhando ao seu redor, suspirou cabisbaixo, encheu uma caneca com café bem quente como ele gostava, e foi para a sala de controle.

Sentado em sua poltrona de comando da nave principal, checou os painéis de controle como de costume. Ainda mergulhado nas lembranças, ignorou um aviso no pequeno monitor à sua frente, acoplado à poltrona, enquanto tomava seu café. Olhou para as estrelas através da grande janela panorâmica, mas na verdade seu olhar e pensamentos estavam além, na cidade de São Paulo, mais precisamente no Parque do Ibirapuera. Não se esquecia daquele momento em que ela falava, observando cada detalhe: os lábios dela se mexendo, os raios do sol iluminando a face de Paloma, quando subitamente seus pensamentos foram interrompidos pela voz suave do computador-mãe.

– Senhor! Acordou de seu sono cedo, dormiu poucas horas – disse-lhe com voz feminina em som quase humano. – De qualquer forma, iria acordá-lo para lhe dar o aviso.

– Olá, Dorah! – respondeu Roberto como que cobrando um “bom-dia”. – Qual é a má notícia de hoje?

– Estamos nos distanciando do Sistema Solar. Os seres autotróficos estão perdendo gradativamente sua capacidade de transformar energia luminosa em energia química; sensores acusam falha... – Antes que Dorah pudesse terminar, Roberto acordou de seus pensamentos.

– O quê? Mas que seres são esses?

Apoiou a mão esquerda no largo braço da poltrona, olhando diretamente para o aviso no monitor, deixou a caneca de lado e tocou com o dedo sobre ele. A janela panorâmica se transformou em um grande monitor mostrando detalhes do aviso. Havia câmeras de alta definição altamente protegidas por todo o interior e exterior da nave, que enviavam imagens diretamente para o computador-mãe para análise e armazenamento em servidores de imagens. Por sua vez, estas eram exibidas no monitor em forma de janelas panorâmicas.

– Seres do ecossistema... – antes que Dorah terminasse sua explicação dicionário, Roberto a interrompeu.

– *Ok*, Dorah, já estou vendo, é o setor ETA<sup>1</sup>, mostre-me as imagens das câmeras do local. – Ah! A floresta... estamos ficando sem Sol. Você está se referindo ao processo de fotossíntese! Prepare o teletransporte, quero ver isso de perto.

---

<sup>1</sup> Ecossistema Terrestre e Aquático

Estava no mês de seu aniversário, prestes a completar 47 anos, tendo transcorrido dois anos desde que deixara o planeta vermelho. A nave já tinha percorrido cerca de 160 UA<sup>1</sup> e entrava na heliopausa, deixando para trás o sistema solar. Sua velocidade ainda era de 21.000 Km/h, menos de 1% do que precisava atingir.

– Envie os robôs responsáveis pela manutenção para o setor ETA, que de lá enviarei instruções a eles.

Roberto queria que tivesse sobrado um único engenheiro responsável para socar, por não prever a falta de luz solar enquanto aquela imensa nave espacial saía do sistema solar em busca de outro planeta habitável. Entretanto, a verdade é que se houvesse algum humano com ele, estaria tão feliz que daria um longo abraço afetuoso. Sabia que não houvera tempo para preparar a nave para esta viagem; ele mesmo teve de terminar várias outras coisas; por sorte, todo o material que precisava já estava a bordo, graças à agilidade dos brasileiros.

Andou alguns metros em direção ao teletransporte; sua visão escureceu por algumas frações de segundos, para em seguida vislumbrar a minifloresta com pouca luminosidade natural. Parado no hall que antecedia a floresta, a sua presença ativou o sistema de iluminação. Levantou a cabeça para ver a parte superior das árvores: a grande redoma em forma de colmeia feita de tungstênio transparente com nanotecnologia alternava o grau de transparência em horários programados, permitindo a entrada de luz solar durante o

---

<sup>1</sup>Unidade Astronômica - 1 UA= 150 milhões de km

tempo programado, imitando os ciclos do dia e da noite para que as plantas fizessem seu processo de fotossíntese.

Naquele momento, Roberto contemplou um crepúsculo e o sol pequeno se transformando em mais uma estrela brilhante. Começou a andar em direção à floresta saindo do chão de metal para a terra. Teve vontade de pisar descalço; tirou as botas e as meias e sentiu a terra sob os pés, aproximou-se da árvore mais próxima abrindo caminho pela mata. Apoiado nela, lembrou-se que ia lá com mais frequência durante seus primeiros dois anos de vida solitária nesta cidade espacial.

Notou a presença de dois robôs humanoides com não mais que um metro e meio de altura que se aproximavam. Tinham a cabeça como a de um astronauta com capacete, praticamente sem pescoço; seus corpos de metal harmonizavam com o de um homem, com exceção da cintura e coxa que portavam algumas ferramentas. Eles eram “descendentes” do patriarca ASIMO<sup>1</sup>. Roberto calçou novamente suas botas, enquanto um sorriso cínico tomava conta dele, ao pensar nos dois humanoides trabalhando na floresta como “Tico e Teco”, dois esquilos trapalhões de um desenho animado do século 20, que assistira no passado. Porém, Roberto se lembrou da inteligência e precisão desses robôs e não ousou chamá-los assim.

– Olá, rapazes!

---

<sup>1</sup> ASIMO, robô humanoide desenvolvido pela Honda®

– *Olá, Senhor* – responderam os dois robôs em uníssono com voz sintetizada.

Uma linha horizontal de uns dez centímetros de luz azul acendia, sincronizada com a fala localizada em seu rosto de vidro preto, que protegia as duas câmeras fazendo a vez dos olhos. O primeiro humanoide identificado por H232 continuou:

– *Quais são as ordens, Senhor?*

– H232, quero que façam a troca total da iluminação deste setor por iluminações que produzam luz no espectro, conforme os tipos de plantas vegetativas nesta floresta. A Dorah fornecerá a documentação técnica necessária.

Roberto tirou da cintura seu **Extensor de Computador**, o EC, um pouco menor que a palma da mão, que, substituindo o antigo celular, lhe permitia trabalhar *online* com os *cloud servers*<sup>1</sup> e em comunicação direta com Dorah.

– Dorah, localize os dados técnicos sobre os tipos de plantas vegetativas do setor ETA e a faixa de espectro de luz que elas precisam para o processo de fotossíntese e envie para o H232 e H230.

– Entendido, Senhor – Dorah acessou todas as informações do setor ETA.

Roberto dirigiu-se novamente aos robôs:

---

<sup>1</sup>Vários servidores formando uma nuvem de capacidade computacional

– Atentem para a quantidade de luz e o tempo de exposição. Alguma dúvida, H232?

– Não Senhor.

– H230, alguma dúvida?

– Não Senhor, Dorah acabou de enviar os dados técnicos, gostaria de revisá-los conosco, Senhor?

– Não, H230, confio no trabalho de vocês.

H232 solicitou permissão para iniciar o serviço. Roberto consentiu e pediu à Dorah que o teletransportasse novamente até a nave principal. Desintegrou-se, causando uma pequena corrente de ar que preencheu o vácuo deixado por ele. H232 convocou mais oito robôs, cada um com suas especialidades. A comunicação entre os robôs e Dorah era feita por uma frequência de rádio totalmente restrita aos robôs e computadores inteligentes. Cada robô, dotado de inteligência artificial para assumir decisões críticas, seguia uma hierarquia militar.

H232 enviou o H230 ao almoxarifado, no terceiro subsolo da nave, para coordenar a separação e conferência de todo material necessário ao projeto. H232 movimentou-se em direção à floresta, olhou para a esquerda, para a direita girando sua cabeça lentamente, olhou para cima com suas duas câmeras tridimensionais e com os braços para trás, como que contemplando a beleza da floresta, mas em seu cérebro molecular estava rodando o melhor algoritmo para executar o serviço, analisando cada detalhe das plantas eletrônicas do local baixadas para seu banco de dados.

Enquanto isso, H230 caminhou uns 50 metros pelo corredor da nave, compenetrado em sua tarefa, até chegar ao elevador, desceu até o almoxarifado, acessou o computador para localizar as lâmpadas que emitem luz com correção espectral entre 400 e 700Na.

Containers e mais containers alojados no grande almoxarifado continham todo o material para reposição e manutenção da nave, e havia outro setor com tudo o que era necessário para habitação inicial de um planeta.

A nave interestelar com seu grande módulo de floresta acoplado à sua retaguarda seguia rumo ao cosmo em busca de planetas rochosos orbitando a “zona habitável” das estrelas, mapeados por sondas enviadas na década de 20 do século 21, com mais de duzentos planetas a serem pesquisados de perto.

Marte já tinha ficado para trás havia muito tempo, e a nave aumentava sua velocidade gradativamente.

Após minuciosa análise das probabilidades, Dorah estava confiante de que encontraria um planeta em condições de receber vida, com características semelhantes às da Terra,

Quase uma semana depois, o trabalho dos robôs estava concluído e funcionando perfeitamente. Com o processo de fotossíntese garantido – última pendência a ser solucionada, – Roberto sabia que não contemplaria o final da jornada. Teria que preparar a sua próxima geração; em alguns meses a nave entraria em velocidade próxima a 50 mil km por segundos. Mesmo assim, teria de percorrer cerca de 40 anos-luz até os exoplanetas.



## Capítulo 3

Trinta e três anos depois...

Espaço sideral, Ano 2075

**A**pós se alimentar, Roberto saiu do refeitório. Ao andar, deu uma cambaleada. Sentiu dificuldade para respirar; sabia que seu coração estava cansado e poderia parar a qualquer momento. Era o seu segundo coração clonado dele mesmo, e temia que o corpo não resistisse a um novo transplante. Estava com 80 anos de idade. Chamou pelo EC, um auxiliar de caminhada, desenvolvido pela Honda japonesa. O equipamento, preso à cintura, sustentava o peso do corpo e caminhava obedecendo aos impulsos do corpo e mente. Quando necessário, podia levitar a quase 2 metros de altura para transpor um obstáculo.

Roberto refletiu sobre sua vida e percebeu que era hora de tomar algumas providências, até então postergadas. Decidiu fazer algumas coisas importantes: gravar suas lembranças narradas para o computador-mãe; transferir toda a sua vida registrada no cérebro, a sua mente consciente e subconsciente para um cérebro eletrônico de androide; clonar-se e trazer à vida alguns embriões humanos que aguardavam em estado de criogenia. Já trazer vida humana para a nave ficaria a cargo de Dorah e o seu “eu” androide após sua morte clínica. A nave dispunha de robôs berçários para cuidar de bebês. Ele teria que se acertar com Dorah, pois segundo ela não estava preparada para “cuidar” de crianças. Apesar de deter informações detalhadas da raça humana, “pulou fora” por não contar com programas específicos para

acompanhar o crescimento da criança no dia a dia, na conjectura de Roberto.

Chamou Dorah e expôs seu plano, pedindo para que ela gravasse tudo o que tinha a dizer em seu diário de bordo.

Ao seu comando, um som de *beep* soou e o comando “GRAVANDO” apareceu na tela e em seu rosto, refletido como espelho no monitor, a marcação da data, hora, cronômetro e mais algumas informações, Roberto começou a narrar suas lembranças.

$\Omega$ - $\alpha$

# ALFA

## Parte I



## Capítulo 4

Cinquenta anos antes...

Terra, Ano 2025

**O** domínio da economia global pelos países ricos já não existia. O Brasil juntou-se à mesa dos líderes da economia mundial, passando a representar não apenas os países da América do Sul, como outros países pobres e emergentes no mundo inteiro. Ao aproximar as empresas dos cientistas, o governo brasileiro estimulou a inovação; as empresas tiveram um meio, e os cientistas um fim para suas pesquisas.

Alguns recursos naturais como a água para beber e o petróleo ficaram cada vez mais escassos. O Brasil, ainda dispendo de alguns lençóis subterrâneos de água, aproveitou para exportar água, derivados de petróleo, e biodiversidade para o mundo. Também evoluiu na área de ciências, contribuindo para a área de robótica. Com uma avançada pesquisa em neurorobótica, torna-se um país de primeiro mundo.

Cientistas do mundo inteiro desenvolveram, em conjunto na Europa, o IVC, um novo colisor de partículas, sucessor do ILC<sup>1</sup>, mais poderoso, em um gigantesco laboratório subterrâneo com quilômetros de profundidade. Dezenas de cientistas brasileiros tinham um papel importante

---

<sup>1</sup> Sucessor do LHC, acelerador de partículas.

nesse projeto que prometia revolucionar o mundo como o vemos, assim como o seu antecessor trouxe o controle da gravidade ao permitir facilmente a levitação de cargas e rochas pesando toneladas. A descoberta, pelos brasileiros, de que esse processo gravitacional também funcionava ao inverso resolveu o problema de gravidade nas naves espaciais, ao criar uma gravidade semelhante à da Terra, permitindo a vida dos astronautas por tempo indeterminado no espaço. A ausência de gravidade prolongada causava efeitos colaterais como atrofia muscular, descalcificação, diminuição dos ossos e tantos outros problemas. A perda de tempo com frequentes exercícios para compensar a falta de gravidade era de ação paliativa, mas com a gravidade artificial em naves espaciais resolveram-se esses problemas. A energia nuclear aprimorada era usada com segurança em larga escala comercial; pequenas baterias forneciam energia por muitos anos, e os robôs humanoides se beneficiaram da autonomia.

Os Estados Unidos, ao longo dos tempos, investiram pesadamente em armamento bélico e tecnologia para guerra e destruição. Todo seu armamento militar e tecnologia foram como palhas ao fogo contra as catástrofes naturais. A mãe natureza entregava, finalmente, a conta aos habitantes da Terra pelos maus tratos. Mais de cinquenta por cento das espécies foram extintas pelo aumento da temperatura média mundial que dizimou seus habitats naturais. Ao final do ano de 2012, como um começo apocalíptico, terremotos, vulcões, furacões, *tsunamis*, frio e calor assolaram impiedosamente alguns países, inclusive os países ricos como os Estados Unidos, enfraquecendo-os.

Os brasileiros, acomodados em um país no qual tudo o que se planta dá, também foram atingidos. Seu clima tropical e persistente já não era mais como antigamente: furacões eram constantes nas cidades planas do Brasil; a precipitação e as estações do ano de que cada espécie dependia para sobreviver estavam comprometidas; nevava onde era sertão e fazia calor e muitas chuvas ocorriam no sul do país. Isso obrigou a população a sair da zona de conforto e debruçar-se sobre os estudos climáticos. Em uma guerra acirrada contra o tempo, desenvolveram técnicas jamais imaginadas em cultivo de lavouras, aprimoraram em conjunto com a Espanha um ecossistema artificial autossuficiente para gerar oxigênio e alimentos às cidades subterrâneas e em longas missões espaciais. O controle de gravidade foi fundamental para que o Brasil e o Japão desenvolvessem uma nave interestelar em consórcio com países com o mesmo interesse em explorar outros planetas para extrair minério e água. O consórcio também planejava enviar duas “arcas” interestelares para pesquisar e preparar exoplanetas a receberem vida. Um projeto caro e sem garantia de sucesso, colocando em risco centenas de vidas a bordo, porém a chance de êxito era boa e representava um grande salto para toda a humanidade. O planeta Terra passava por alterações que a espécie humana não suportaria até o final dessas mudanças; as nações não pouparam esforços e nem dinheiro para enviar o ser humano a outros planetas.

O tempo para se chegar ao exoplaneta mais próximo era de quase 300 anos. Dada a velocidade máxima segura da nave, ficava claro a todos que seria uma viagem só de ida, pelo menos por quase um milênio, até que a descendência da nova geração espacial pudesse visitar o que sobraria da Terra.

Cogitaram algumas hipóteses para mandar o homem nessa missão: uma delas era enviá-lo em estado de criogenia em uma nave totalmente automatizada, mas não havia técnica perfeita suficiente para ressuscitar o homem desse estado. Outra opção era enviar embriões congelados: se tudo ocorresse bem, ficaria a cargo de robôs trazer a vida desses embriões ao término da viagem, mas envolvia muitos aspectos negativos. Sem nenhum controle da Terra sobre a nave seria impossível evitar um acidente durante o percurso. Se mesmo por um milagre a nave chegasse ao destino, a educação de crianças e seu treinamento apenas por robôs e vídeos e hologramas para realizarem o que seria esperado em sua missão seriam bastante improváveis de ser bem-sucedidos. Poucos sobreviveriam, além de correrem o risco de cair na selvageria, comprometendo toda a missão.

Usar o teletransporte como método de suspensão de vida até a chegada ao destino também não funcionaria. Experiências mostraram que um indivíduo em modo de suspensão é como se estivesse dormindo e preso a um sonho angustiante tentando acordar. A compreensão temporal do processamento neuronal varia conforme as diferentes fases do sono: cada segundo na vida real equivale a cinco minutos na primeira camada de sono; uma suspensão por um ano equivaleriam a trezentos anos. Se alguns dias de sono suspenso já causariam um transtorno psicológico, quanto mais alguns séculos reais.

A melhor opção encontrada e escolhida por unanimidade foi mesclar duas opções: enviar homens e mulheres em estado consciente no controle da nave e enviar também milhares de embriões humanos e de animais congelados de quase toda espécie. Chegaram a um número de

duzentos astronautas que trabalhariam e preparariam sua próxima geração de netos e bisnetos dentro da nave-destino. Tal quantidade de pessoas teoricamente evitaria alteração das características da raça humana ao longo do tempo – a famosa deriva genética, – visto a viagem em uma nave multigeracional estar previsto para durar em torno de trezentos anos e mais a adaptação ao exoplaneta, num total de quase setecentos anos até a completa colonização e multiplicação das espécies.

A nave espacial interestelar 1 “NEI-1” foi desenvolvida para ser uma nave geracional movida a propulsão por pulsos nucleares, hidrogênio e plasma, uma espécie de gás extremamente quente, cuja temperatura chegaria à casa de um milhão de graus Celsius. De tão quente, o único meio de conservá-lo seria dentro de um campo magnético que funcionaria como "invólucro", e assim a nave foi totalmente construída no espaço a partir da maior estação espacial global, dotada de um potente teletransporte de carga que barateou o elevadíssimo custo do material ao espaço. A era interestelar estava começando, um novo mundo nos aguardava!

$\Omega$ - $\alpha$

Desde a primeira década do século 21, ao previrem a ascensão de alguns países emergentes, a perda de controle mundial e o pioneirismo no espaço sideral, os EUA decidiram enviar agentes secretos da CIA para investigar e criar um plano de atrasos nos maiores projetos científicos de alguns países como Brasil.

$\Omega$ - $\alpha$

Nilton G. Medeiros



## Capítulo 5

Parnamirim, RN – Brasil, Ano 2025

**R**oberto Lobo, em seus 30 anos de idade, era uma pessoa ativa e um pouco reservado, embora com a timidez sob controle. De estatura mediana, cabelos castanho-claros bem aparados em corte militar, cobertos pelo quepe azul-escuro com uma fina listra branca contornando o quepe sobre a insígnia da FAB do lado esquerdo frontal que fazia parte de seu uniforme azul, composto de camiseta branca, camisa azul-claro, jaqueta e calça azuis, sapatos pretos, na ponta da gola da jaqueta um pequeno pássaro de metal. Seus olhos cor de mel ocultados por uns belos óculos de sol militares da *Oakley*, feitos especialmente para a FAB, harmonizavam com seu rosto de aspecto sério. Em seus ombros a insígnia regulamentar de sua graduação como Tenente-Coronel; veterano astronauta, tinha ido ao espaço muitas vezes.

Roberto foi convidado pela AEB (Agência Espacial Brasileira) a participar do projeto NOÉ, criado pela Missão Espacial Brasileira e Agência de Exploração Aeroespacial do Japão (Jaxa), por se destacar entre os melhores pilotos. Seu raciocínio rápido e frieza em tomar decisões críticas acertadas lhe concederam muitas condecorações.

No CLBI<sup>1</sup>, em Parnamirim, Rio Grande do Norte, Roberto estava em treinamento e acabava de sair do novo

---

<sup>1</sup>Centro de lançamento da barreira do inferno

simulador da NEI<sup>1</sup> quando um oficial da base aproximou-se dele.

– Bom dia, Senhor! – elevou a mão direita à testa em continência.

– Bom dia! – respondeu devolvendo com a mesma continência.

– O general solicita sua presença em seu gabinete, urgente.

Roberto dispensou o oficial e pegou seu EC, que acusava um recado, tirando-o do modo silencioso. Surgiu uma pequena tela holográfica com o recado do general solicitando seu comparecimento ao gabinete dele para assunto oficial. Passou pelo pátio ao ar livre e dirigiu-se aonde era chamado. Fazia calor naquela manhã, mais que o comum, mas Roberto não se importou – seu corpo estava frio por causa do ar-condicionado no simulador. Aproveitou para sentir o sol aquecendo sua face ao som de pássaros voando, aspirou o cheiro do mar trazido pelo vento. O calor já começava a incomodar, tendo já se aquecido pelo sol e pela caminhada, quando avistou o prédio em que se localizava o gabinete a alguns metros. O escritório parecia ter apenas o andar térreo, em forma de arco como um rocambole cortado ao meio na horizontal, Roberto passou pela entrada guardada por dois oficiais que bateram continência deixando-o entrar, pegou o elevador em direção ao subsolo. O alívio tomou conta dele, novamente em contato com o ar-condicionado.

---

<sup>1</sup> Nave Espacial Interestelar

Quando o elevador parou dois níveis abaixo, seguiu por um corredor com várias salas de controle, algumas com parede de vidro transparente que mostrava operadores, técnicos e alguns cientistas trabalhando. No final do corredor, ao lado de uma porta de ferro esmaltada, um oficial bateu continência e abriu a porta do gabinete.

Atrás de uma grande escrivaninha, sentado em uma poltrona giratória de couro rústico, o General José Machado, um homem negro alto, com pouco mais de 55 anos de idade, dotado ainda de um corpo forte, carregava marcas de cicatrizes por queimadura adquiridas em sua última batalha. A queimadura atingiu sua face direita passando pelo pescoço e descendo até o braço direito e parte do peito, criando relevos e veios na pele disfarçados discretamente pela cor de sua pele. Os olhos pequenos e brilhantes e o sorriso largo quebravam o aspecto de homem durão dele.

O gabinete assemelhava-se a uma pequena sala de estar. Uma fraca corrente de ar frio e um som distante de águas caindo vinham da parede lateral direita, onde havia uma janela artificial com a imagem em vídeo de um lindo bosque e, ao fundo, bem distante, uma cachoeira.

O General manuseou algumas informações na tela holográfica em sua mesa e minimizando a tela olhou para Roberto. Seu sorriso denunciava o contentamento em ver o seu homem de confiança.

– General! – disse Roberto batendo continência e ficando ereto.

– À vontade, Tenente! Sente-se, por favor. Tenho informações de seu progresso no simulador, você está indo muito bem.

– Obrigado, General, a cada dia me familiarizo mais com a nave, mas não é fácil. – Puxou a cadeira e sentou-se de frente para o General.

– Eu sei, eu sei. Eu mesmo não consigo entender como você consegue armazenar tanta informação; são milhares de comandos e procedimentos.

– É verdade, mas é algo que gosto muito de fazer; eu não vejo a hora de sair pelo espaço com essa nave.

– Falta pouco, Roberto, muito pouco, aliás; será antes do que você imagina! É por isso que o chamei: para falarmos dessa antecipação do lançamento.

– O que houve? – indagou Roberto, cauteloso.

– O que vou lhe dizer é confidencial: temos informações da ABIN<sup>1</sup> que o projeto NOÉ será sabotado!

– Sabotado? Quem sabotaria um projeto desses? – Roberto quase se levantou da cadeira.

– Os americanos! – Mal acabara de falar e a porta do gabinete se abriu com o oficial que fazia guarda dizendo a alguém que o General José Machado o aguardava.

---

<sup>1</sup> Agência Brasileira de Inteligência

O General José Machado se levantou e Roberto o seguiu. Virando-se de frente, observou a patente de General do oficial que acabava de entrar na sala.

– General Adilson, como vai? Este é o Tenente Roberto, o astronauta de que lhe falei – disse o General José Machado cumprimentando-o com um aperto de mão.

– Vou bem, General José Machado. Prazer, Tenente – respondeu olhando rapidamente nos olhos de Roberto, o qual lhe devolveu o olhar curioso.

– O prazer é meu em conhecê-lo pessoalmente; já o conheço pela mídia – respondeu Roberto.

Do rosto comprido e retangular do General Adilson escapou um leve sorriso. Sem o quepe, sua cabeça revelava o cabelo liso e grisalho.

– Sentem-se, por favor! – gesticulou o General José Machado, que continuou: – Tenente, como você já deve saber, o General Adilson, nosso assessor de Segurança Nacional, veio do Distrito Federal para nos alertar. Como eu já havia dito, os americanos pretendem sabotar o projeto NOÉ. O General Adilson tem mais informações.

O General Adilson pôs a mão esquerda sobre a coxa, escorregando até ao joelho e à mão direita segurou o queixo com o polegar e o indicador, direcionando seu olhar para Roberto e começou a falar:

– Senhores, não é de hoje que os EUA vêm sabotando nossa tecnologia. Parece inacreditável, porque suas sabotagens sempre foram muito bem elaboradas e disfarçadas

como acidentes; nisso eles são mestres. A exemplo do acidente com o VLS-1 V103<sup>1</sup> em agosto de 2003, no centro de lançamento de Alcântara, agentes da CIA infiltrados como assistentes vindo da NASA para nos auxiliar provocaram o acidente, que teve início com o funcionamento não previsto de um dos propulsores do primeiro estágio. Em apenas oito segundos a torre móvel de integração já havia sido tomada pela fumaça dos gases à alta temperatura de até 3.000° C, tornando qualquer tentativa de escape literalmente impossível. Isso conforme informações compiladas do relatório da investigação do acidente que ocasionou a morte de 21 servidores do Instituto de Aeronáutica e Espaço do Centro Técnico Aeroespacial, pela Agência Espacial Brasileira. Esse “acidente” atrasou o Brasil no desenvolvimento da nossa tecnologia e conhecimento espacial. – O General Adilson fez um gesto com as duas mãos flexionando apenas os dedos indicador e médio juntos como aspas ao mencionar a palavra acidente, e continuou sua explicação para que Roberto não tivesse dúvidas de que os americanos seriam capazes, pois precisaria que ele ficasse em alerta máximo.

– Em setembro de 2006, o “acidente” com o Boeing 737-800 da Gol, voo 1907, atingido por um jato, ocasionou a morte de 154 passageiros. Na época, um agente da ABIN, de codinome “*Andrea Teles*”, enviado para o caso, descobriu que entre as vítimas havia um grupo no avião: o famoso grupo da pescaria, indivíduos bastante conhecidos do meio médico-científico pelo trabalho na área de engenharia

---

<sup>1</sup> Veículo Lançador de Satélites

genética, até mesmo desenvolvimento de alta tecnologia. Outros membros que também estavam nesse voo eram nosso pessoal: os membros do Ministério da Defesa e outros cientistas brasileiros na área de Antropologia, Biologia e Genética. Um passageiro que chamou bastante a atenção foi o norte-americano sem história. E ninguém sabia quem era, a não ser o próprio seguro social nos Estados Unidos, que o identificou como um simples transeunte, um mendigo americano a “passeio” pelo Brasil – gesticulou novamente com os dedos o General.

– Alguns dos cientistas abordo do avião estavam envolvidos em assuntos do governo e segredo de Estado em certas pesquisas realizadas na região. Vários deles trabalhavam no desenvolvimento de um novo tipo de combustível baseado em vírus.

O Tenente Roberto acompanhava surpreso e atento as revelações.

– Isso mesmo, produção de energia baseada na manipulação genética de vírus – continuou o General Adilson. – O MIT (Instituto Tecnológico de Massachusetts) estava desenvolvendo algo parecido para criar baterias de laptops mais potentes. Revestiram os vírus com moléculas de óxido de cobalto e partículas de ouro e em seguida os alinharam para formar minúsculos fios que servem como o anodo na bateria. A equipe de oito pessoas do MIT descreveu o trabalho em uma das edições do jornal Science.

No entanto, a pesquisa brasileira não se limitava a apenas uma simples bateria de notebook, mas em uma fonte de energia limpa e autossuficiente, autogeradora, e a um

custo baixíssimo. A solução do século estava dentro do avião que caiu em função de uma manobra irresponsável de dois pilotos americanos inconsequentes? Parece meio absurdo, mas como estes escaparam de morrer da mesma forma? A soma de coincidências neste caso ultrapassa a barreira da realidade e do bom senso.

Foi uma tremenda coincidência que no jatinho estivesse um famoso repórter americano para divulgar a verdade como acidente. Também foi coincidência o fato de o avião americano ter desligado o *transponder* para que não fosse possível a localização da altitude do avião. Assim, não foi possível aos controladores de voo se comunicarem nem com um avião nem com o outro. Porque o Boeing da GOL não respondeu ao chamado do rádio? Porque todos já estavam mortos, devido à bomba de gás presente a bordo com o passageiro americano desconhecido e convencido pela CIA a fazer essa viagem desconhecendo o seu desfecho. Porque a Excel Air fez questão de filmar o jato *Legacy* no momento da decolagem? Simplesmente para comprovar que ele não estava avariado quando decolou. Mas não foi o *Legacy* que colidiu com o voo 1907. Se fosse, ele estaria em pedaços; ou você acredita que um pedacinho de fibra da asa do jatinho rasgou a fuselagem do Boeing como se este fosse de papel? O agente descobriu que estava diante de uma grande armação. Após isso, o avião simplesmente caiu; o *Legacy* não estava lá por acaso, era simplesmente o maior “laranja” da história.

Naquela época, o local onde o Boeing da GOL foi derrubado era um ponto cego pelos radares do Brasil. Um caça F-22 Raptor americano invisível aos radares da época abateu o Boeing após todos a bordo estarem mortos pelo gás.

Nossos heróis brasileiros foram assassinados pelo governo americano com apoio de uma empresa na Califórnia, que comercializava tecnologia biológica em todo o planeta. Nossos homens do Ministério da Defesa estavam nesse voo para proteger essas pessoas e suas pesquisas. – O General fez uma pausa olhando para José Machado.

Perplexo, Roberto comentou:

– Mas isso faz tanto tempo... Depois dos conflitos entre o Brasil e os EUA por causa do pré-sal, e a pressão mundial apoiando o Brasil, os EUA recuaram e sempre mantiveram a política da boa vizinhança.

– Apenas na aparência, Tenente – interrompeu o General Adilson. – Sabemos hoje que a CIA está na captura do cientista brasileiro que descobriu a sabotagem no IVC. A CIA assassinou um cientista do IVC por engano, achando se tratar do brasileiro que descobriu a sabotagem. Temos vários cientistas brasileiros nesse projeto; por medidas de segurança afastamos essa cientista do projeto, que está retornando ao Brasil. A pedido do nosso General José Machado, ela será transferida para o projeto NOÉ, que está precisando de um especialista em física quântica e nuclear.

– O senhor disse “ela”; é uma cientista?

– Sim, é uma cientista excepcional. O nome dela é Paloma Veríssimo, o General José Machado está com a ficha dela e o colocará a par da operação. Meu tempo esgotou, tenho outro compromisso agora. – Olhando o relógio-EC de pulso, o General Adilson despediu-se de ambos e foi embora.

– General, onde é que eu entro nessa estória?

– Tenente, a cientista Paloma aceitou meu convite e fará parte da sua equipe na NEI-1. Como temos pouco tempo, preciso que sua equipe ensine todos os procedimentos a ela para habitar com vocês a NEI. No momento, eu quero que você tire cinco dias de licença para descansar. Vá pra casa e só volte na próxima segunda-feira para discutirmos algumas missões. A propósito, você irá conhecer o teletransporte, fará uso dele antes de ir para espaço. Não se esqueça de que tudo o que falamos aqui é confidencial.

– Pode deixar, General. Por acaso posso ver a foto dela?

– Dela quem? Ah, da cientista? Não, não pode, pelo menos por enquanto. Na semana que vem você a conhecerá pessoalmente, mas vou lhe dar uma dica. Existem dois tipos de mulher brasileira: as admiradas pelo mundo por sua beleza indiscutível e as cientistas.

– *Ok*, General, entendi o recado, vou pegar minhas coisas e estou indo para o meu apê em São Paulo. A propósito, obrigado por pedirem para os técnicos instalarem um daqueles chuveiros lá em casa.

– Não há de quê, fazia parte do projeto de treinamento.  
– O General estampou uma boca sorridente.

– Ficarei com meu EC ligado, qualquer novidade estarei *online*. – Roberto despediu-se do General e se foi.

$\Omega$ - $\alpha$

## Capítulo 6

São Paulo, SP – O Amigo

**R**oberto caminhava pelas ruas de Moema para compensar a maior parte do dia em que ficava fechado em prédios subterrâneos. Era uma tarde de quinta-feira, fazia sol e o clima estava agradável. Andava sob as sombras das árvores que cobriam as largas calçadas; ao passar em frente a uma igreja diminuiu os passos quase parando. Olhando a fachada da igreja, lembrou-se de seu amigo de infância que havia muito tempo não encontrava. Tinham o hábito de ir à igreja juntos quando crianças, até que a carreira de Roberto e o casamento de seu amigo André contribuíram significativamente para distanciá-los. Mas eles se gostavam tanto que ainda mantinham contato quando possível. Alguns minutos de caminhada e seu celular informou uma ligação de André. Rapidamente atendeu com entusiasmo:

– André! Estava pensando em você neste momento!

– É mesmo? Há tempos que venho pensando em você também, adivinha onde estou?

– Não faço a menor ideia... Você quase não sai da sua cidade! Seu compromisso com a igreja não o deixa sair.

– Mas por causa desse compromisso é que estou hoje aqui. “Vai que dou sorte e te acho em São Paulo!”, pensei ao te ligar. Ao contrário de mim, você não para em casa.

– Que maravilha, André, deu sorte. Estou de licença, você pode me encontrar agora?

– Claro, Roberto, eu estou com a tarde toda livre!

André estava na região do Brás e marcaram de se encontrar na Avenida Paulista, um local mais próximo de ambos. Foram a uma cafeteria.

Trajado com terno alinhado e gravata, André era uma pessoa de aspecto sereno, olhos pretos, pele clara, magro e alto, dotado de um crânio um pouco maior que o normal, disfarçado pelos densos cabelos lisos. O sorriso denunciava seu lado brincalhão.

– Roberto, meu amigo astronauta, que vive no mundo da Lua literalmente! – Sorrindo, abriu os braços para Roberto.

– André, meu amigo pastor, gente fina literalmente! Você continua magrelo.

– Sou magrelo, mas não sou pastor, na minha igreja tem outro nome...

– Você não apascenta as ovelhas do Senhor Jesus?

– De certo modo sim...

– Então, você é pastor!

Ambos se abraçaram e ao se soltarem mantiveram os braços e mãos unidos por alguns segundos. Foram para uma mesa vaga nos fundos, guiados pela garçonete que anotou os pedidos e os deixou a sós.

– E você e a sua família André, como estão?

– Graças a Deus, vai tudo bem. Os moleques estão mais altos do que eu, só aprontando, estão inteirados em tecnologia. Eles querem te ver, te prepara pra quando você for lá em casa; têm uma bateria de perguntas. Falando nisso, e as novidades? Você que anda no meio dos cientistas, conta aí como anda esse tal de teletransporte que a mídia tanto está comentando: isso funciona cem por cento? Dói? Quando que nós, simples mortais, poderemos usar?

– Espera aí! Se teus filhos puxaram a você, estou perdido! Mas vamos lá, a novidade é que eu vou utilizar o teletransporte logo, logo.

– Sério? Não acredito! Eu tenho um amigo que vai utilizar o teletransporte? Você está falando sério mesmo?

– Muito sério – Roberto abaixou a voz e aproximou-se de André enquanto a garçonete vinha pelo corredor com as bebidas. Continuou quase sussurrando: – Faço parte de um projeto da MEB<sup>1</sup>. É segredo de Estado, confio em você, hein, André!

– Você me conhece, Roberto, pode deixar comigo: segredo é segredo!

Após a garçonete ter servido as bebidas deixando-os novamente a sós, André pegou seu café gelado e exótico, enquanto Roberto pegava seu café quente com creme e disse:

– Vou te contar tudo o que sei sobre o teletransporte!

---

<sup>1</sup> Missão Espacial Brasileira

Nilton G. Medeiros

$\Omega$ - $\alpha$



## Capítulo 7

### □ Teletransporte

– Os cientistas me deram uma explicação complexa. Tentarei explicar o que sei de uma maneira simples. Achávamos que era impossível teletransportar um organismo vivo, principalmente do ser humano, com cerca de um trilhão de átomos, mas foi a coisa mais fácil! Veja bem, do que nós somos feitos?

– De barro?

– Hã?! Bem, de certa forma somos feitos do pó das estrelas, digo do mesmo átomo das estrelas. Mas o que quero dizer realmente é que nosso corpo é composto de 70% de H<sub>2</sub>O, água mesmo; o resto é carbono, iodo, ferro, magnésio e tantos outros minerais encontrados em qualquer lugar da natureza. Os computadores científicos de hoje são praticamente ilimitados tanto em memória como em velocidade de processamento. Escanear e analisar um trilhão de átomos e entrelaçá-los para reconstruí-los não foi problema: a massa corporal já existe no destino. Cada pessoa que é teletransportada deixa sua massa no estoque da máquina de origem. Na realidade, a pessoa não passa para o outro lado: ela é destruída átomo a átomo; no destino é feita uma cópia idêntica à da pessoa de origem. O que é transmitido por rádio como “teletransporte” é a mente, que são suas intuições, suas lembranças e seu conhecimento.

– Meu Deus! Roberto, o camarada é destruído?

– Sim, mas sua massa fica no estoque de origem, e no destino aparece uma cópia fiel que pensa ser ele mesmo. A grande dificuldade foi reconstituir a mente e dar o *start* ao ser humano sem causar nenhum problema neurológico e fisiológico. É aí que os créditos das pesquisas foram dados ao androide mais famoso do mundo conhecido como “O Bicentenário”. Ele resolveu essa questão conseguindo dar o *start*!

– Roberto, se os próprios homens construíram esse androide, como é que não souberam fazer isto?

– Porque não foram os humanos que o fizeram, André. Aconteceu o seguinte: a grande empresa americana BB-9213 reuniu cientistas especializados em computadores do mundo inteiro. Durante anos, estes se envolveram na criação do computador mais inteligente do mundo, que simula pensamentos e compreende o que falamos. Depois de evoluírem-no, este apresentou aos cientistas um projeto da criação de um supercérebro eletrônico. O projeto era tão complexo que os cientistas não entenderam nada; a cada pergunta feita ao computador para explicar o que significava, as respostas geravam milhares de novas perguntas. Então, os cientistas chegaram à conclusão de que demandariam mais tempo e esforço para compreender as respostas do que levaram para aprender o código genético humano do projeto genoma.

Apenas confiaram nesse computador, que coordenou a fabricação do supercérebro eletrônico. Quando este ficou pronto, os cientistas o colocaram no androide batizado de “Bicentenário”, em homenagem a Isaac Asimov, autor de livros de ficção científica do século 20 e bioquímico

estadunidense nascido na Rússia. Na ocasião de ligá-lo, temeram por alguma reação perigosa.

Desapontaram-se na hora porque o androide apenas os saudou e ficou quieto; fizeram perguntas e ele limitava-se a responder com frases curtas, permanecendo mudo, como se tivesse vergonha. Olhava para todos e para tudo, olhava suas mãos, seus pés. Somente quando o puseram para trabalhar com alguns cientistas, viram que ele tinha criatividade e muito potencial. Sua capacidade e inteligência eram superiores aos de um ser humano. Também se mostrou dotado de personalidade própria; ele tinha caráter, parecia ter amor por todos e por tudo. E o melhor de tudo: não tinha sentimentos negativos como ódio, inveja; ele era transparente.

– Ele é puro, Roberto, espero que os homens não o corrompam.

– Sim, para finalizar, colocaram-no para trabalhar no projeto de teletransporte. Ele dedicou alguns anos para estudar a mente humana, criou novas tecnologias só para processar seus programas que procediam como os neurônios da mente humana a ser copiada. Foi quando ele deu a solução de transferir a mente humana, a “consciência do ser” para um supercérebro eletrônico ou para a cópia humana reconstruída com precisão no destino do teletransporte.

– E sabendo disso tudo, mesmo assim você vai usar o teletransporte? Não sei se você é corajoso ou maluco!

– Quando eu usar, a minha cópia falara com você como foi. – Roberto colocou a mão sobre o ombro de seu amigo com um sorriso.

– Nos Estados Unidos já utilizam há algum tempo, está mais que aprovado. As pessoas teletransportadas juram que são elas mesmas, não foi encontrada diferença entre o original e a cópia. Um fato curioso ocorreu nos primeiros testes quando o original não era destruído por segurança e ética. A cópia do corpo aparecia do outro lado, em coma, no destino. Todos os órgãos funcionando, inclusive o cérebro, mas em coma profundo. Depois de algum tempo, morria se não fosse mantido por aparelhos.

– O corpo não tinha o fôlego de vida; não se pode duplicar o espírito – André respondeu elevando a mão sobre a boca.

– Era o que os cientistas suspeitavam. O androide, não sabendo nada sobre isto, voltou às pesquisas, estudou a história da humanidade e nada. Questionou ao cientista companheiro de trabalho o que lhe faltava saber sobre a humanidade, ao que este não soube responder, já que o androide sabia mais que ele sobre a raça humana. Dizem que um dos amigos deixou escapar um pum daqueles bem fedido; o androide olhou pra ele para identificar a origem do barulho. Seu amigo disse: “Minha nossa, melhor cuidar da alma que o corpo já era!”. O androide levantou-se, olhou para um, depois olhou para o outro, repetiu o gesto até parar, inerte. O amigo disse: “Olha o que você fez com o Bicentenário! Infectou seus circuitos com esse peido bombástico!”. Enquanto o outro caía na gargalhada, o Bicentenário disse que, apesar do alto nível de gás sulfídrico e enxofre, ele estava bem e que os dois tinham respondido às suas dúvidas, e concluiu: a alma ou centro das emoções e o espírito ou intelecto não são copiáveis e muito menos teletransportados; o corpo original tem que ser desintegrado para que a alma e o

espírito acompanhem a mente teletransportada à cópia do corpo. Até hoje ninguém sabe como o Bicentenário fez isso. E adivinha quem foi a cobaia?

– O cara do peido? – André respondeu com ar de que ia rir

– Não, André! – Os dois caíram na risada. – Ninguém queria ser voluntário para isso; pegaram um preso condenado à morte, e no dia da sua execução o colocaram na máquina. Se ele sáísse vivo do outro lado, ganharia a liberdade, e foi o que aconteceu: o cara saiu do outro lado suando, com o coração a mil achando que iria morrer. Foi um sucesso, daí em diante você já sabe pelas notícias.

– Mas eu nunca soube disso.

– Claro, foi tudo em segredo, até hoje só nós temos acesso aos meio científicos, mas agora já não há problemas se falarmos sobre isto.

– Olha só como são as coisas, Roberto: antes, os cientistas combatiam a fé das pessoas que acreditavam nas coisas impossíveis. Era para o ser humano estar a anos-luz de evolução se ele tivesse ficado em seu estado original de pureza. Foi preciso um robô para que Deus desse o conhecimento do teletransporte. Quantas coisas inefáveis a humanidade poderia estar usufruindo: a energia, a força no Universo sempre estiveram aí na natureza para usarmos, mistérios que não desvendamos por nossa causa mesmo.

– André, hoje a maioria dos cientistas não debatem o que é incompreensível: os fenômenos da fé, por exemplo. Se Deus é infinito, e eu creio que O é, então seu conhecimento é

infinito, seu poder é infinito, seu amor é infinito, sua perfeição é infinita, enfim, tudo Nele é infinito, pela lógica teríamos que ter uma mente infinita com compreensão infinita para entendê-lo e também aos seus mistérios.

André estava impressionado. Enquanto terminava sua bebida, olhou sério para Roberto e disse:

– Meu amigo, falando em mistério, sinto que algo está para lhe acontecer. Eu não faço ideia do que seja, mas é muito grande, não entendo sua ligação com isso e por quê, mas vou orar por você e pela humanidade.

Roberto abaixou a cabeça e confirmou o que já havia sentido algum tempo atrás, mas não comentara com ninguém. Levantaram-se e, ao sair, apontou seu celular ao caixa, confirmou o débito e foram embora.

Dispondo ainda de tempo, André concordou em ir ao apartamento de Roberto, que ficava no 47º andar. André concluiu que o amigo gostava mesmo das alturas. Ao abrir a porta do elevador privado, passaram pelo hall; as lâminas de iluminação fixadas nas paredes como parte da pintura se acenderam, esmaecendo em tom amarelo suave; as paredes laterais eram acompanhadas de dois aparadores de vidro, um de cada lado, acomodando alguns objetos exóticos, como um pedaço de rocha que André deduziu ser Lunar ou Marciana. Em frente, uma porta branca acetinada com detalhes em filetes dourados; em sua lateral um painel de leitura biométrica onde Roberto colocou sua palma da mão direita. A porta deslizou suavemente para a direita, abrindo passagem para o living. Apesar de André não ser do tipo de reparar em

ambientes, após se acomodar em uma poltrona confortável, abriu os braços sobre o encosto, olhando a sala.

– Magnífico apartamento! – exclamou esticando as pernas.

Roberto pediu para que ele tirasse o paletó e ficasse mais à vontade.

– Lembra da “NEI”, André?

– Que Nei? Está de caso novo?

– Não! A Nave Espacial Interestelar “NEI” da qual faço parte, na missão NOÉ.

– Ah, sim! Me conta como vai a construção da “arca”, Sr. Noé?

– A nave está quase pronta. Em alguns meses faremos uma viagem até a base, em Marte, para teste do ecossistema espacial. Depois, daremos início à grande viagem ao exoplaneta Gliese 581g, onde procuraremos um planeta para habitar. Na verdade, nenhum de nós chegará vivo ao planeta, mas sim a nossa descendência. Se tudo der certo, chegarão lá, tornarão o planeta habitável, se adaptarão e, creio que daqui a uns mil anos, essa nossa descendência voltará à Terra para saber como está ou recolonizá-la caso ainda seja habitável.

– Roberto, só de saber que você faz parte desta missão me parte o coração. Pensar que talvez nunca mais vá te ver aqui na Terra... Que passem milhares de anos, mas vou te ver no céu.

– Eu também fico assim, André, de deixar tudo para trás, os amigos como você e sua família, mas alguém tem que ir e eu sou qualificado para isso.

– A NEI comporta muitas gerações e tanto tempo no espaço, Roberto?

– Sim, é uma nave muito grande, quase do tamanho de um bairro, suporta várias gerações, tudo é reciclado, tem floresta, lavouras, fabrica seu próprio oxigênio, é autossuficiente, muito resistente a impactos de pequenos meteoritos. Se nós mesmos não a destruímos sua validade é indeterminada. Somos em duzentos astronautas entre homens e mulheres, além dos embriões humanos e de animais congelados.

Roberto fez sinal com a mão para que André se levantasse e disse:

– Venha aqui que vou te mostrar uma novidade que a MEB instalou em casa para testar e foi implantada na “NEI”.

André levantou-se rapidamente e seguiu seu amigo entrando em sua suíte, atravessou o grande quarto e, ao fundo, a porta do banheiro máster se abriu. Entrando, Roberto disse:

– Te apresento o chuveiro alienígena!

$\Omega$ - $\alpha$

## Capítulo 8

### Chuveiro Alienígena

– Chuveiro alienígena? – perguntou André perplexo, enquanto entrava no banheiro e olhava em direção ao boxe.

A ducha estava fixada no teto em uma linda base cromada com espalhador de água um pouco diferente do comum. No lugar dos registros de água quente e fria havia um painel retangular com um botão quadrado e, mais abaixo, fora do painel, uma alavanca com alça retangular embutida na parede.

Curioso, André perguntou ao amigo:

– É muito bonito, porque o nome “chuveiro alienígena”?

Roberto aproximou-se do painel e explicou:

– Parece um chuveiro normal, mas não é. Nesse chuveiro você não precisa de toalhas porque você não se molha.

André abriu a boca e arregalou os olhos.

– Espera aí, como assim, não molha? Eu sei que água está escassa pra caramba, mas já inventaram água seca?

– É melhor te mostrar, eu o chamo de chuveiro alienígena, mas foram nossos cientistas que o criaram para uso na “NEI”. Foi um sucesso que nossas indústrias estão loucas para comercializar, só estão aguardando a liberação.

Esticando o braço de André embaixo do chuveiro, Roberto puxou a manga da camisa. Ao apertar o botão quadrado, luzes indicativas acenderam ao lado, como um equalizador estéreo. Na parede, ouviu-se um som suave como o de um motor elétrico em movimento na parede. Pelo espalhador, em vez de sair água começaram a sair gotas em forma de gel aeradas do tamanho de pequenas pétalas de rosas. As gotas rosadas, apesar de leves, caíam rapidamente pela força com que eram expelidas. Ao atingirem o seu braço, André teve uma sensação estranha, ao mesmo tempo relaxante: a maior parte do gel parecia penetrar em seus poros e sumir. Olhou para baixo ao sentir uma sucção no ralo sugando o ar e as demais gotas de gel não absorvidas pela pele.

Roberto apertou o botão para desligar e explicou:

– Observe bem seu braço, passe a mão sobre a pele onde as gotas atingiram.

André passou a mão e sentiu que a pele estava limpa e mais macia.

– Caramba, Roberto, a pele está suave e parece um pouco mais clara!

– Esse tipo de gel faz uma limpeza profunda de poros, ao mesmo tempo que hidrata a pele. O excesso é sugado pelo ralo e reciclado para ser usado novamente. Cerca de setenta por cento da água utilizada nesse processo é reutilizada, o resto é descartado com as demais impurezas.

– E essa alavanca, para que serve?

– Para abrir o compartimento de filtro. Mais ou menos a cada seis meses eu troco o filtro e os produtos que se juntam à água para formar o gel. No meu caso, que moro sozinho, para dois banhos diários é essa a validade do filtro.

– Eu vou pegar roupas limpas enquanto você toma banho. É só apertar esse botão que em cinco minutos você já estará limpo.

– Não sei não – respondeu André meio desconfiado.

Após Roberto sair do quarto, André decidiu testar o chuveiro. Ao apertar o botão, o processo das gotas começou novamente. Seus cabelos lisos ficaram rapidamente molhados. André juntou suas mãos para encher de gel e aproximou-o do rosto. A suave fragrância o envolveu enquanto esfregava o resto do corpo. Ouviu a voz de Roberto ressoar no quarto avisando que deixara roupas limpas sobre a cama e após essas palavras, o silêncio.

André terminou seu banho, vestiu as roupas deixadas sobre a cama e foi até ao living, onde encontrou Roberto às voltas com uns aperitivos e bebidas.

– CARAMBA! Que maravilha de chuveiro! Limpa tudo mesmo, meu cabelo nem precisou de shampoo, além de limpo ficou com um aspecto melhor.

– É muito bom e bem prático! Quando cair o custo da produção, acho que todos os lares terão um. A mulherada vai adorar porque dispensa o secador, vão poder lavar o cabelo todos os dias como nós, homens. Chega mais, André, vem beliscar alguma coisa.

– Beleza, mas eu quero um desses para mim. Eu quero porque eu quero, dá um jeito, arruma um para mim...

Eram quase seis horas da tarde. Após lancharem, André convidou Roberto para acompanhá-lo em seu compromisso com a igreja naquela noite, em São Paulo. Após o culto, Roberto voltou ao seu apartamento, tomou um banho e por volta das vinte e três horas deitou-se na cama. Estava sensível como nunca, ansioso e com receio de que a missão NOÉ viesse a falhar. Meditar durante a pregação ajudou-o a ter sua fé revigorada e os temores dissipados.

Ω-α

## Capítulo 9

Domingo, Parque do Ibirapuera

No domingo pela manhã, Roberto estava no parque do Ibirapuera fazendo sua corrida matinal. Aproximou-se do lago, passando pelas árvores e diminuindo o ritmo até se aproximar ao de uma caminhada. Às suas margens, namorados abraçados curtiam a vida, alguns davam comida aos patos. Nesse momento, sentiu a falta de uma companheira, e o nome da cientista ecoou em seus pensamentos como uma música que se repete continuamente para não ser esquecida: “Paloma, Paloma Veríssimo...”. A curiosidade o aguçou, não sabia se o General estava apenas brincando ou falando sério, só descobriria quando a visse. O nome Paloma entrou em seu coração mesmo antes de conhecê-la, um nome muito incomum para sua era. Na sua equipe havia algumas mulheres interessadas nele, mas a recíproca não era verdadeira. Não tinha nenhum tipo de carinho especial ou ao menos uma mínima atração por alguma. Pensava que talvez, com o tempo, algumas delas ficariam interessantes no Espaço.

Seu EC preso à cintura tocou, era o General Machado.

– Olá, Tenente, conseguiu descansar?

– Sim, o bastante, pronto para retornar à base amanhã.

– Ótimo, mas antes eu preciso que você se encontre com a cientista e venham juntos para cá.

– A tal da Paloma?

– Sim, ela mesma, não me diga que já se esqueceu dela?

– Com esse nome... não senhor!

– Ela deverá ficar por um mês ainda na sede da empresa até que passe todo o seu trabalho para outros cientistas que a substituirão no IVC. Mas esta semana ela está dispensada do trabalho para conhecer a base e a missão NOÉ. Por isto, aproveitando que você está em São Paulo combinei com os superiores dela que enviaria um oficial para acompanhá-la à empresa, que fica na Avenida Luiz Carlos Berrini. Já passei o endereço e todos os dados que precisa, qualquer novidade entre em contato.

– *Ok*, General, retornarei na segunda-feira mesmo para a base com a cientista, até logo.

– Eu os verei somente na terça, então use a tarde da segunda para apresentar a cidade de Parnamirim à cientista.

Ligação encerrada, Roberto deslizou o dedo sobre o EC e checkou as informações transmitidas do endereço, andar e nome completo da cientista, mas nenhuma foto dela. Leu e releu as informações e nada de anexos. “Bem que o General podia ter enviado uma foto dela para facilitar o reconhecimento, ele está tramando alguma coisa”, pensou. Com o nome completo de Paloma, procurou naquele mesmo instante fotos ou dados sobre ela na rede global sem sucesso. Lembrou-se que ela estava envolvida com o IVC e, com certeza, suas informações deviam ter sido deletadas, banidas da rede global, como a sua e a de todos da missão NOÉ.

## Capítulo 10

### □ Encontro

Segunda-feira, 9h10 da manhã. Roberto colocou seu carro no estacionamento e subiu para o térreo. Enquanto avançava pelo saguão, a sua imagem era refletida no piso todo em granito e mármore polido. Ao passar por um segurança, ao vê-lo de uniforme da aeronáutica, este estufou o peito e tentou encolher a barriga, como se estivesse diante de seu superior. Ainda soltou um leve sorriso, o corpo balançando desajeitadamente para cumprimentá-lo. Diante da figura que em nada combinava com a sobriedade do local, Roberto travou seus lábios para não rir. “Esse cara está mais para porteiro de hotel de quinta categoria do que para segurança”. Retribuiu o cumprimento com o olhar e um leve assentimento de cabeça, pensando: “Descansar recruta”.

No balcão da recepção, o oficial tirou seus óculos escuros e os guardou no bolso da jaqueta. Logo, três moças de uniformes e lenços no pescoço lembrando mais comissárias de bordo do que recepcionistas, começaram a disputar o seu atendimento, deixando outros visitantes em espera. Enquanto uma perguntava seu nome, outra anotava e outra acessava a lista de visitantes no computador em meio a sorrisos e risadas.

Uma das moças confirmou pelo ramal sua presença na empresa e depois de autorizada sua entrada, disse-lhe:

– Senhor Roberto, este é seu crachá, pegue o segundo elevador à esquerda, 36º andar. Antes de subir, porém,

gostaria de completar o seu cadastro, incompleto. Qual o seu... hum... o seu celular?

Percebendo as segundas intenções na pergunta, Roberto respondeu ironicamente:

– Meu celular é um EC e, por favor, corrija em seu cadastro, no lugar de “Senhor” coloque “Tenente”. – Sorriu e virou-lhe as costas indo em direção ao elevador.

Os outros visitantes, até então emburrados, riram delas, vingados.

As portas do elevador se abriram no 36º andar. Roberto passou pelo hall e pelas portas de vidro que se abriram automaticamente, entrou na recepção da empresa, reparando no logo atômico da empresa em metal polido atrás da recepcionista. Esta desligou o telefone e convidou-o para sentar-se.

Roberto folheou algumas revistas nos *e-readers* dispostos sobre a mesa; após alguns minutos surgiu uma copeira trazendo em uma bandeja algumas bebidas.

– Com licença, aceita uma bebida? Tenho água com e sem gás, café e suco.

– Só água sem gás e o café, por favor.

– A Dra. Paloma já vai atendê-lo, só mais um minuto – informou a recepcionista gentilmente.

Logo, uma moça de estatura baixa, cabelo *Chanel*, braços largos, no pescoço dois colares grandes, brincos de

argolas largas, dirigiu-se a ele sorrindo a estendendo a mão para cumprimentá-lo.

– Tenente Roberto, desculpe a demora...

– O General estava certo – Roberto deixou escapar seu pensamento em voz alta num ato de decepção. Ao perceber seu erro, queria enfiar a cara numa lixeira.

– Como? O que disse, Tenente? – indagou a moça, intrigada.

– Ah, me desculpe, até que não demorou, eu... bem, eu quis dizer que o General estava certo de que a Doutora é uma cientista mesmo – tentou consertar, ficando sem jeito.

– Ah, não! Há um equívoco; eu sou Irene, a auxiliar da Doutora Paloma. Por enquanto estou estagiando, quem sabe um dia eu chego ao nível de conhecimento dela – respondeu, orgulhosa por ter sido confundida com a Doutora, ajeitando seu cabelo.

– Hoje estou ao total dispor dela; só amanhã começaremos o treinamento.

– Bem, a Doutora pediu para chamá-lo ao laboratório antes de irem. Por favor, me acompanhe.

Roberto passou por um amplo andar, o chão forrado com placas de carpete corporativo *new scudeto* em tom azul, e várias mesas divididas apenas por biombos almofadados, onde havia monitores de vídeos transparentes como finas placas de vidro, cujas cores nítidas mostravam planilhas e dados comerciais.

Ultrapassando o corredor, entrou em outro ambiente. A estagiária seguiu em direção a uma parede de acrílico leitoso. Ao colocar o seu polegar no leitor biométrico, a parede se deslocou abrindo acesso ao laboratório. Ao fundo, a cientista, de costas, mexia em objetos holográficos sobre uma mesa de emissão holográfica.

– Doutora, este é o Tenente Roberto – anunciou a estagiária.

Roberto levou as mãos para trás em posição de descanso militar, com o peito para frente e a costa ereta. A cientista, ainda se mantendo de costas, disse:

– Só um minuto, Tenente, estou finalizando esse processo e já lhe dou atenção.

Num reflexo involuntário, Roberto olhou a cientista dos pés à cabeça. Apesar do jaleco branco, ela parecia ser muito bonita: seu cabelo, em um lindo penteado, estava preso por uma presilha que chamava atenção. A cientista jogou alguns objetos mostrados pelo computador em uma gaveta holográfica identificada por um código e desligou a projeção. Virou-se para cumprimentá-lo estendendo a mão. Roberto pegou em sua mão enquanto fixava o olhar nos olhos pretos e brilhantes da cientista, valorizados por longos cílios pretos, sobrancelhas castanhas grossas e bem definidas. Os cabelos marrom amêndoa emolduravam seu lindo rosto angelical composto por um par de lábios rosados. Pelo seu treinamento, Roberto observou as pupilas de Paloma se dilatarem, enquanto conseguia balbuciar algo como “Prazer em conhecê-la”.

– Prazer, eu sou a Paloma – ela devolveu com a voz trêmula, o olhar arrebatado dentro do dele.

– Doutora, sentirei sua falta – disse a estagiária tentando quebrar o encanto.

– Eu voltarei por uns dias aqui... até... passar todo meu trabalho – respondeu lentamente Paloma sem tirar os olhos de Roberto.

– Vim buscá-la para irmos à base – Roberto conseguiu falar algo mantendo a mão presa à dela enquanto com a mão esquerda tirava o quepe.

Percebendo-se invisível para os dois, a estagiária achou graça e riu ao notar que ainda estavam de mãos dadas.

– Eu vou indo, duvido que vocês precisem de mim. Acho que posso dizer qualquer coisa que vocês não vão me dar ouvidos.

Os dois concordaram sem saber o que ela falava.

– Vou beber concreto, vocês me acompanham? – disse a estagiária debochando da situação.

O tempo parecia ter parado naquele momento. Roberto tentou sair daquela sensação de estranhamento que o tirava da realidade, afrouxou sua mão para se desprender da de Paloma. Ela soltou da mão dele contra a vontade; sem jeito, passou a mão pelos cabelos tirando-os dos olhos.

– Ela falou em beber concreto? – disse Roberto apontando com o polegar direito em direção à porta em sua retaguarda, depois que a estagiária os deixou a sós.

- Não, acho que não! Não liga, ela é meio maluquinha.
- Paloma tirou o jaleco colocando-o sobre a mesa.

Estava com uma calça social feminina verde-escura com quatro botões decorativos na frente e uma camiseta regata preta. Pegou um blazer sobre a cadeira e o vestiu cobrindo os ombros que estavam estonteando Roberto.

Roberto, disfarçando para não dar na cara seu interesse, deu uma olhada em volta enquanto Paloma pegava uma maleta metálica.

- Onde estão as ferramentas, tubos de ensaios e as provetas deste laboratório?

– Ah, este é um laboratório virtual, não podemos fazer experiências físicas aqui. Estagiários, como a Irene, poderiam explodir o prédio. Tudo aqui é feito no simulador do computador com recursos holográficos.

- Certo, bem inteligente, por isso as siglas LV em alto-relevo na entrada?

– Sim, bem observado. Vamos, Tenente, estou pronta.

– *Ok*, vamos, deixe que eu leve sua maleta.

Desceram e dirigiram-se ao carro de Roberto. Ele colocou seus óculos escuros e deu uma olhada para ela com ar quase sério. Paloma, um leve sorriso no rosto, retirou do blazer um lindo par de óculos escuros e colocou-o. Deu uma olhada meio sério também para ele. Feliz como nunca, Roberto parecia que a conhecia havia muito tempo, como se ela já fizesse parte de sua vida. Mal conseguia acreditar que

ela era tão perfeita: ia viajar e só levava consigo uma maletinha metálica, que maravilha.

– Tenente, você está indo na direção errada, meu hotel fica no outro sentido. – Paloma fez um gesto com o dedo apontando a direção.

– Como? Hotel? Pensei que íamos para o aeroporto. – Roberto mudou de faixa para fazer o retorno.

– Sim, vamos, mas só depois de pegar algumas coisinhas que deixei no hotel. Estou hospedada no *Blue Tree Towers*, conhece?

– O da Avenida Roque Petroni Junior?

– Sim, este mesmo, bem próximo daqui.

– Mas que ingênuo que sou, achando que você ia se virar com uma maletinha...

– Como é que é, Tenente? – Paloma abaixou um pouco os óculos escuros para que ele visse seu olhar fulminante.

– Nada não, eu estava pensando alto. A propósito, Doutora, pode me chamar só de Roberto.

– *Ok*, Tenente, mas só se você parar de me chamar de Doutora, me faz sentir uma médica.

– Quem mandou fazer doutorado! Obrigado por me deixar chamá-la pelo nome. Aliás, Paloma é um lindo nome.

Roberto estacionou o carro em frente ao hotel, fingiu olhar para frente enquanto ela descia do carro. Disfarçado pelos óculos escuros, ficou olhando-a de costas até que ela

virou a cabeça de repente para ele, confirmando saber que era observada. Roberto virou a cabeça para frente tentando disfarçar, mas tarde demais; ela já o tinha visto. Então, ele voltou a olhá-la. Paloma deu um sorriso e seguiu em frente.

Passados vários minutos, Paloma reapareceu com uma mala de rodas enorme. Com um ar meio cínico de quem quer dizer algo, Roberto saiu do carro para ajudá-la.

– Desculpe a demora, tive que fechar a conta – justificou-se Paloma.

– Mas que malinha – Roberto não resistiu ao comentário com ar de deboche.

– Peguei só o necessário! Acabei de vir da Europa; sorte a sua que as outras malas ficaram no hotel, guardadas para quando eu voltar.

Roberto assumiu um ar sério e compenetrado enquanto dirigia até o aeroporto de Congonhas. Entrou no estacionamento em uma área para militares, com acesso a um corredor subterrâneo. Saíram do carro e passaram por dois oficiais que os identificaram liberando sua entrada à pista de pouso, onde um avião da FAB os aguardava.

$\Omega$ - $\alpha$

## Capítulo II

Langley, Virgínia, EUA

**E**stados Unidos, cidade de Langley, Virgínia, escritório da CIA, DASI – Divisão de Assuntos Secretos Internacionais:

Mr. Derick, diretor da DASI, convoca seus homens para uma reunião de emergência.

– Senhores, mais uma vez a história nos ensina que se você quer uma coisa bem feita, faça você mesmo! A encomenda de “queima de arquivo” que terceirizamos através da empresa *Blackwater USA* acabou em fracasso, terminando na morte do cientista errado. A *Blackwater USA* perdeu seus dois agentes espões no confronto com a segurança do laboratório IVC, simplesmente porque foram descobertos por uma vadia.

– Isso quase nos custou a sabotagem do IVC. Por sorte, ainda temos um cientista infiltrado com nacionalidade alemã que seguirá com o nosso plano “B”, desde que recuperemos o dispositivo secreto contendo a codificação de entrada do IVC. Esse dispositivo foi confiscado por uma cientista brasileira, a mesma vadia que os delatou. Felizmente, o dispositivo foi criptografado pelos agentes espões e a chave para descryptografia nos foi enviada pelos agentes momentos antes de sua morte. Sem esse dispositivo não há sabotagem. Não teremos outra chance senão nos próximos testes iniciais do IVC.

– Os estúpidos espiões não tiveram tempo para informar à *Blackwater USA* quem é essa cientista. Sabemos que é uma mulher que, ao descobrir a sabotagem, enganou os dois espiões incompetentes. Ela está de posse do dispositivo e talvez o motivo de levá-lo consigo seja descriptografá-lo no Brasil. Se conseguir, os brasileiros terão provas concretas contra nós. Isso não pode acontecer, a esta altura o governo brasileiro já sabe de nossas intenções; a segurança por lá foi reforçada, conseqüentemente Japão e Brasil restringiram o acesso à nave espacial do projeto NOÉ. Mas até o lançamento nossos homens acharão um jeito.

– Para piorar a situação, rapazes, o Brasil mantém os registros de seus cientistas sob sete chaves. Sua missão será: descobrir nos últimos dois meses todas as brasileiras que saíram da Europa para o Brasil (e não são poucas), localizar essa vadia e o dispositivo. De posse do dispositivo, ela tem que ser eliminada, dessa vez sem engano, leve o tempo que for até os testes do IVC, que deverão ocorrer nos próximos dois ou três anos. Infiltrem-se na Polícia Federal brasileira, usem todos os recursos que precisarem. Sobraram alguns corruptos no Brasil; corrompam as pessoas certas, não poderemos falhar: os Estados Unidos da América precisam a todo custo se levantar e contam conosco para essa missão. A propósito, o nome desta operação é: “SS”, de “*Search and Seizure*”

– Só para terminar, vocês terão apoio de quatro técnicos da CIA em teletransporte. Eles estarão no Brasil instalando equipamentos de teletransporte junto com os verdadeiros técnicos enviados pela NASA, em parceria com o Brasil. Nossos técnicos cuidarão do retorno de vocês aos EUA. Ah! Nem tentem voltar sem esse dispositivo. Todas as

informações do plano foram transferidas para os seus ECs; os dados, criptografados; e a senha é esta mostrada no projetor: memorizem e sumam daqui!

Nilton G. Medeiros



## Capítulo 12

Parnamirim, RN - Segunda-feira pela manhã

**A**lgumas horas depois, tendo conversado durante toda a viagem, Roberto e Paloma estavam em Parnamirim, no estado do Rio Grande do Norte. Tinham a tarde livre e Roberto ficou de mostrar a cidade para ela. No aeroporto, um oficial o esperava.

– Boa tarde, Tenente, como foi a viagem? – cumprimentou em continência o oficial.

– Boa tarde, soldado, a viagem foi boa, mas o serviço de bordo deixa a desejar – respondeu Roberto sorrindo.

– É verdade, não é dos melhores, mas é sem escala. – O soldado devolveu o sorriso, olhou rapidamente para a cientista, cumprimentou-a e continuou: – Aquele automóvel ali está à sua disposição. E o General achou melhor a doutora e o senhor ficarem no hotel em vez do alojamento da base, já que será por apenas dois ou três dias. Será mais prático para ambos. Já fiz as reservas e enviei suas roupas do alojamento para o hotel, Tenente. Se precisarem de alguma coisa é só me chamarem.

– Obrigado, soldado, tenha um bom dia. – Roberto bateu continência em despedida.

– Para o senhor também – devolveu a continência e sinalizou com o rosto se despedindo da cientista.

Enquanto a mala de Paloma era colocada no carro, ela respirou fundo, olhou à sua volta e disse:

– Roberto, eu estou temerosa com tudo que está acontecendo. Deixar este mundo para viver o resto da minha vida presa em uma nave...

– Paloma, não tenha medo. Veja por outro lado: você estará contribuindo muito para a humanidade. Sua utilidade será inestimável, além de não ter ninguém a procurando para lhe fazer mal. Você estará rodeada de pessoas legais, que se tornarão verdadeiros amigos.

Paloma, que estava olhando para o chão enquanto Roberto falava, levantou o olhar na direção dele. Descansou sua mão sobre a mão esquerda de Roberto e disse:

– Ah, Roberto, você me faz sentir segura, parece que te conheço há um tempão.

Roberto colocou sua mão direita livre sobre a mão de Paloma e apertou-a com mais intensidade. Mantendo seu olhar nos olhos dela, aproximou seu rosto e disse:

– Pode contar comigo, se você permitir eu serei muito mais que um amigo!

Diante do beijo iminente, Paloma desviou o olhar, olhou para o lado como que dizendo que não era o local apropriado e nem o momento certo. Afastou-se bruscamente dele e entrou no carro.

Roberto entendeu que tinha se precipitado, teve vontade de bater com a cabeça no carro, mas limitou-se a entrar, ligou

o carro e foram para o hotel. Durante o trajeto, para quebrar o silêncio, Paloma puxou conversa:

– Tem muito pontos turísticos nesta cidade?

– Tem alguns, dá para te levar em alguns principais ainda hoje, podemos almoçar no hotel para ganhar tempo e aí saímos. O que você acha?

– Que ótimo, estou começando a ficar com fome, já que nem um suco ofereceram naquele avião. Deveríamos ter vindo por uma companhia normal.

– Realmente, o serviço de bordo não existe na FAB, pelo menos para nós, militares. Já para os políticos, que às vezes se utilizam de nossos aviões...

Após almoçarem no hotel, foram para seus quartos, tomaram banho e se trocaram para o passeio. Roberto a levou ao Parque Aluizio Alves. No Planetário de Parnamirim mostrou-lhe parte do Universo em 3D; mais tarde foram até o secular Cajueiro de Pirangi que ainda continuava sendo o maior cajueiro do mundo. Após uma longa caminhada descalços pela praia, cansados, sentaram-se em um grande banco de madeira rústica coberto de flores. Ficaram ali olhando a natureza e conversando. O clima estava mudando, o vento anunciava chuva, começou a esfriar.

– Estou com frio e gostaria tanto de ficar mais um pouco, é tão tranquilo aqui. – Os braços de Paloma estavam arrepiados.

– Deixe-me aquecê-la. – Roberto virou-se para ela abrindo os braços.

Paloma se aconchegou no peito do Roberto, sentindo seu tórax e braços desenvolvidos pelos exercícios militares.

– Que perfume gostoso você usa – comentou Paloma.

– O seu também, está irresistível – respondeu Roberto apertando-a e beijando sua cabeça próxima à testa.

Paloma desencostou a cabeça do peito dele. Suas bocas ficaram muito próximas. Roberto não pensou duas vezes: beijou-a intensamente. Por alguns segundos ela tentou resistir, mas cedeu à força dos braços que a envolviam, tão atraída por Roberto quanto ele por ela. Resolveu ariscar e se entregou ao amor.

Ω-α

## Capítulo 13

Centro de Lançamento da Barreira do Inferno - Terça-feira, 8 horas da manhã

**R**oberto e Paloma estão sentados no gabinete do General José Machado, aguardando-o. Após cinco minutos, ela se levanta e começa a andar pela sala olhando os detalhes da decoração.

– Será que não chegamos cedo demais, Roberto?

– Não, claro que não, você não ouviu o que o oficial disse? Ele está por aqui, na base, e se eu o conheço bem, nem vai para casa. Ele vive aqui direto e odeia os fins de semana quando não tem nada para fazer.

– Por quê? Ele não tem família?

Roberto moveu os lábios para responder, quando a porta se abriu. Levantou-se e bateu continência para o General, que correspondeu com um sorriso e um abraço, evidenciando seu afeto por ele.

– Doutora, muito prazer.

Paloma retribuiu ao cumprimento pegando na mão dele, o rosto iluminado de alegria, como se estivesse conhecendo o pai de Roberto.

– Fiquem à vontade, sentem-se, por favor. E desculpem-me por deixá-los esperando, é que tinha umas coisinhas que não podia deixar para depois, mas já está resolvido. Agora podemos conversar tranquilamente. Fizeram boa viagem?

– Sim, conforme programado, senhor – respondeu Roberto.

– Doutora, o Tenente tratou-a bem? Preciso puxar a orelha dele?

Sorriso nos lábios, Paloma olhou rapidamente para Roberto com certa intimidade, voltou-se para o General e disse:

– Fui muito bem tratada, ele é um cavalheiro. Se tivesse que puxar a orelha dele, eu mesma o faria.

– Hahaha! – gargalhou o General. – *Ok*, que bom, vejo que estão se dando muito bem. Esse rapaz é como um filho para mim. Sinceramente, estava preocupado com ele: no meio de tanto amigos, ele me parecia sozinho, um solitário na multidão. Então, um dia, olhando sua foto em seus registros, Doutora, tinha certeza de que vocês se dariam bem. A prova disso é você ter aceitado essa missão, sujeitar-se à militarização, e esse sorriso na cara dele de orelha a orelha.

As faces de Roberto ficaram em brasas, enquanto se alargava o sorriso em Paloma. O General continuou:

– Tenente, faça um *tour* com a Doutora pela base e podem começar o treinamento. Essa semana ela é nossa.

Roberto e Paloma tiveram uma terça-feira intensa de trabalhos. Concentrados em suas atividades, durante o dia não se lembraram da segunda-feira calorosa. Ao cair da noite, Roberto estava louco para voltar ao hotel.

– Você está correndo muito, Roberto, vá devagar, quero apreciar a paisagem.

– Desculpe, é que faço esse trajeto sempre, e a comida do hotel é muito boa. Você não está com fome?

– Um pouco, de qualquer forma já anoiteceu e não dá para ver direito a paisagem, mas vá devagar porque quero chegar viva! Aliás, poderíamos jantar na cidade, seria muito legal.

– Amanhã te levo numa cantina muito aconchegante, com música ao vivo. Tenho certeza que você vai gostar.

– Então, vamos hoje mesmo.

– Hoje não, minha querida, música ao vivo só de quarta-feira em diante. Depois, o trabalho de hoje foi puxado e tenho tantas perguntas para você que durante o dia não foi possível fazer.

Paloma não digeriu bem essa estória, mesmo assim concordou em jantar no hotel, que não deixava nada a desejar. Este ocupava apenas o nível térreo, em forma de pentágono, com um amplo saguão após a recepção, composto por dois átrios, um à esquerda e outro à direita. No centro, com mesinhas e cadeiras confortáveis a céu aberto, podiam-se ver as estrelas.

O quarto de Roberto ficava ao lado do quarto da Paloma. Enquanto Paloma passava seu polegar no leitor biométrico para abrir a porta, Roberto sugeriu que após o banho pedissem o jantar em um dos quartos. Assim, poderiam ficar um pouco juntos e conversar. Paloma não respondeu, enquanto pensava.

– Então, minha querida, concorda? Prometo não fazer nada que você não queira...

– Está bem, amor, vá se banhar e venha para o meu quarto que quero te mostrar uma coisa.

– Ótimo! Prometo fazer tudo o que você quiser... – respondeu, brincalhão, Roberto.

– Engraçadinho, vá logo, mas antes de tomar banho, faça o pedido do jantar.

O quarto do hotel dispunha de uma pequena cozinha à direita do hall de entrada. Era composto por uma sala-escritório, seguido pelo quarto com uma cama e colchão alto, de tamanho *king size*.

Paloma pegou uma água sem gás no compartimento refrigerado embutido na parede da cozinha. Uma iluminação tênue se acendia à sua passagem. Passou pelo escritório, parou no quarto, olhou rapidamente para a parede à frente da cama. Nela, um lindo quadro de 50 polegadas esmaecia uma imagem de Picasso, dando lugar a outra pintura em alto relevo de Cândido Torquato Portinari, onde se via a textura da tinta.

– Rede global, entretenimento! – Paloma deu o comando de voz.

Na mesma hora a imagem de Vincent van Gogh sumiu, surgindo um símbolo de fundo e um menu de opções ditas por uma voz masculina: “Escolha uma das opções ou identifique-se”.

– Próximo, opção sete... – Hesitou em continuar e mudou de ideia dizendo: – Volte, cancele. Identificação br.Paloma927.

“Identificação aceita, padrão de voz compatível” – respondeu a voz.

– Acesse “br.roberto322”

A mesma voz masculina em um tom mais grave soou:

– “Qual a sua permissão, por favor?”.

Paloma soletrou a permissão concedida por Roberto durante o dia, para que ela pudesse acessar seus livros e músicas quando quisesse. Paloma olhava a longa lista de músicas quando a voz interrompeu sua leitura para informar que naquele momento Roberto estava ouvindo sua seleção predileta e se ela gostaria de ouvir. Paloma aceitou e autorizou que Roberto fosse informado de que ela estava ouvindo suas músicas. A melodia tomou conta do ambiente. Satisfeita, Paloma caminhou em direção à varanda para terminar de beber sua água, abrindo a porta-balcão com um toque. A brisa movimentou seus cabelos trazendo o perfume de uma planta que Paloma reconheceu como Dama da Noite.

À esquerda da varanda, em um canto aconchegante, avistou uma espreguiçadeira para duas pessoas. À sua frente, uma pequena cerca de flores separava a varanda de um extenso jardim bem iluminado por holofotes especiais para árvores e jardins permitindo apreciação noturna. Nas laterais, paredes garantiam a privacidade entre os quartos; ao centro, uma mesa oval com duas cadeiras para tomar um chá da tarde

enquanto se apreciava a paisagem; mais à direita, outra espreguiçadeira mais estreita, para uma pessoa.

Paloma deitou-se sobre a espreguiçadeira, terminou sua água, fechou os olhos ao som baixinho da música que vinha do quarto. Pensando em seu novo amor, desta vez sentia que seria para sempre. Abriu os olhos de repente, pulou da espreguiçadeira e correu para o banho.

Ω-α

Enquanto isso, Roberto saía do banho enxugando os cabelos. Ao jogar a toalha no encosto da cadeira, observou que suas costas ainda estavam molhadas. Mal-acostumado, sentiu falta do chuveiro alienígena. Ao passar pelo quarto, uma voz feminina informou: “Sua seleção de músicas está sendo ouvida por br.Paloma927”. Roberto fixou seus olhos na tela dizendo:

– Rede global, enviar mensagem para o usuário br.Paloma927!

O volume da música diminuiu para um terço do volume em que estava.

– *Diga a sua mensagem agora, por favor.*

No centro da tela apareceu parte do seu corpo e rosto em vídeo fora de quadro, refletido como um espelho em uma pequena janela. Em instantes, seu corpo ficou enquadrado mostrando toda sua nudez. Roberto aproximou-se para enquadrar só o seu rosto. A tela corrigiu o novo foco, Roberto ajeitou o cabelo e deu o comando:

– Grave!

Diante do surgimento da palavra “GRAVANDO”, Roberto produziu um sorriso cômico dizendo:

– “Meu bem, já fiz o pedido, já deve estar chegando. Só vou me trocar. Beijos.” Pare de gravar, enviar agora!

A voz suave informou: “Mensagem enviada”, e a música voltou ao seu volume normal.

Ω-α

Nilton G. Medeiros



## Capítulo 14

### □ Dispositivo

Logo que saiu do banho, Paloma foi notificada pela voz sobre o recado de Roberto, enquanto a música ambiente diminuía de volume. Após secar seu cabelo, pegou a maleta prateada, colocando-a sobre a mesa da sala. Ia abri-la com sua digital quando o som da campainha tocou um “*dim-dom*” suave. Na tela, uma pequena janela mostrava quem estava do lado de fora da porta. Paloma olhou rapidamente certificando-se de que era o funcionário do hotel trazendo seu jantar em um carrinho com bandejas de inox com tampas, balde de gelo com uma garrafa de vinho.

Roberto chegou logo em seguida, todo perfumado. Conversaram muito durante e após o jantar. De tempos em tempos ele observava a maleta prateada sobre a mesa.

– O que você carrega dentro daquela maleta? Uma pistola ou talvez uma submetralhadora? – brincou com ela.

– Era isso que eu queria lhe mostrar, venha ver.

Ela correu para a mesa do escritório, inclinou-se sobre a maleta passando sua digital para abri-la. Seu vestido confortável, de comprimento um pouco acima do joelho, denunciava a beleza exuberante.

Roberto respirou fundo, aproximou-se dela e, para distrair seus instintos, mostrou-se interessado na maleta. Esta, uma vez aberta, Paloma retirou de dentro um objeto cilíndrico cromado. De um lado, mini conectores e um

pequeno botão que Paloma apertou para ligá-los; do outro, surgiu um display com números zeros e uns e na lateral acendeu um display maior mostrando a sequência:

“69 76 63 2E 70 6F 72 74 61 2E 34”

“*Input:*”

Abaixo da palavra *input*, um pequeno teclado virtual. Roberto olhou com bastante atenção cada detalhe.

– Este é o aparelho que você tomou dos agentes?

–É ele mesmo. Com isso é que eles iriam sabotar o IVC!

– Fui informado dos fatos, mas não dos detalhes. Então, como foi que aconteceu?

– Roberto, aquela noite foi sinistra. Meu turno tinha acabado lá pelas 17 horas, meus colegas foram embora, mas eu resolvi ficar para o próximo turno. Não havia nada para fazer em casa, além de ter muitos dados para analisar da última colisão de partículas. Havia poucos cientistas e técnicos no subterrâneo. Depois de algumas horas em minha sala pesquisando, fui até ao acelerador de partículas para ver se me inspirava ou descobria algo de útil. Analisando dados do computador primário e tudo aquilo que você já sabe, andei por um corredor estreito acompanhando o túnel de aceleração. Andava devagar sem fazer barulho, pensando em uma equação, quando vi ao fundo, após uma curva no túnel, dois cientistas agachados e de costas para mim. Estava me aproximando deles para cumprimentá-los, quando enxerguei este aparelho na mão deles. Eles estavam terminando de

digitar alguma coisa, e demonstravam apreensão olhando para todos os lados. Num ato reflexo, me escondi encostando-me na curva da parede. Eles tinham conectado este aparelho na entrada de dados do computador principal por uma porta lógica do acelerador. Apenas os técnicos conectavam seus equipamentos nessa porta lógica para fazerem ajustes na parte eletromecânica do acelerador.

– Meu Deus, Paloma, você esteve em grande perigo!

– E eu ainda pensei em perguntar o que eles estavam fazendo e até dar uma bronca neles, mas a arma nas costas de um deles, sob o avental, me fez desistir e voltar para a parede. Bati a sola do sapato de calcanhar num metal, o som ecoou pelo túnel, eu me odiei por isso. Escutá-los engatilhar as armas fez com que finalmente caísse a ficha de que eu estava lidando com gente perigosa. Saí dali correndo, subindo as escadas. Eu acho que eles me viram de relance pelas costas.

– Como você conseguiu chamar a segurança?

– Eu estava longe de um comunicador, era uma distância muito grande. Eles me alcançariam rapidamente. Então me enfiei no meio de uns eletrodutos, entrei por baixo do acelerador me escondendo. Minha esperança era que os seguranças vissem o movimento pelas câmeras. Eles passaram correndo por mim; um cara seguiu em frente, enquanto o outro ficou ali. Acho que tinha deixado para trás o aparelho no acelerador de partículas. Esse cara, com a arma na mão, colocou o silenciador e começou a olhar por baixo do acelerador. Em questão de minutos ele me acharia. Eu tinha que fazer alguma coisa ou ia morrer ali mesmo. Avistei um extintor de incêndio, desses pequenos e finos, saí de

mansinho por trás dele, peguei o extintor e, antes que ele se virasse rapidamente ao escutar o meu movimento, acertei em cheio a sua nuca. Corri e peguei o aparelho deles. Vendo seu amigo no chão, o outro cara começou a atirar em minha direção. Trombei de cara com um cientista, e ambos caímos. Enquanto me levantava, ele praguejava sem me dar ouvido. Acabou levando um tiro no meu lugar. A perseguição continuou, mas graças a Deus, naquele momento enquanto eu me esquivava dos tiros, os seguranças que já tinham presenciado os tiros pelas câmeras chegaram. O cara já tinha se levantado do chão e tentava atirar nos seguranças. Estes entraram em ação e mataram os dois.

– Analisei o aparelho e informei às autoridades que se tratava de sabotagem.

Roberto a escutava atentamente, apreciando a voz de Paloma e como ela falava.

– Foi aí que a ABIN trouxe você de volta para o Brasil?

– Sim, foi muito rápido e discreto. Acabaram me deixando ficar com o aparelho para que eu pudesse descobrir de que forma ele pode interferir no acelerador de partículas. Só consegui avançar até aqui, onde aparece esse código. Até o fim de semana entregarei o aparelho ao General Adilson; quem sabe isso já possa servir de prova.

– Querida, esse código aí me parece familiar, eu já vi isso ao estudar a história do computador. Deixe-me ver, esses aí do lado que só tem *zeros* e *um* são binários, esses outros em cima da palavra *input*, se não me engano, é código hexadecimal.

– Nossa! Amor, isso não é coisa extinta?

– Só a maneira como hoje lidamos com o computador, mas deve ter algo disso ainda na maioria dos computadores científicos.

– Você tem como saber o que quer dizer esse código?

– Não sei, podemos tentar. – Roberto pegou seu EC e dirigiu-se ao sofá junto com Paloma, que trazia o aparelho no colo.

Após uns trinta minutos, Roberto começou a ficar impaciente. Os números pareciam não fazer sentido, as informações estavam descontraídas.

– Roberto, se estiver difícil, amanhã a gente continua tentando... – Paloma tentou amenizar a impaciência dele.

Mas Roberto estava decidido a decifrar pelo menos aquele código, Sentindo sede por causa do vinho ingerido, Paloma levantou-se e foi até à cozinha pegar água.

– Consegui! – gritou Roberto ficando em pé, com seu EC nas mãos.

Paloma correu para a sala com a garrafa de água nas mãos.

– Sério? – Paloma olhou conferindo, abraçando-o estalou um beijo em sua face – O que quer dizer esse código?

– Bem, eu consegui montar um conversor de hexadecimal, ainda não sei o que significa.

– Oras, pensei que você já tivesse resolvido, devolva o meu beijo!

Roberto a beijou de volta, com a desculpa de devolver o beijo.

– Agora é só introduzir esse código no conversor e já vamos saber...

Começou a digitar: “69 76 63 2E 70 6F 72 74 61 2E 34”. Conforme fazia isso, formava-se uma sequência de caracteres. Depois de introduzido todo o código, apareceu a tradução em seu EC.

– “ivc.porta.4” – exclamou Paloma. – É isso! É a porta 25007, usada pelos técnicos, digite esse número. – Ela deu alguns saltinhos, eufórica, com a mão sobre o ombro de Roberto.

O aparelho acendeu algumas luzes e no lugar de *input* apareceu *accepted*. Rolaram algumas informações pelo display. Paloma pediu para Roberto anotar algumas informações em seu EC, à medida que decifrava as informações e colocava algumas fórmulas.

– Você vai usar cálculo diferencial? – Roberto reconheceu as fórmulas informadas por Paloma, enquanto ficava preocupado com o tempo.

– Não só diferencial como integral, só o básico. Vai anotando aí que não vai demorar – respondeu Paloma.

Já era quase meia-noite quando a tela holográfica do EC mostrou alguns resultados. Surpresa, Paloma levou a mão à boca, dizendo: “Meu Deus!”.

– O que foi, meu amor? – Roberto despertou da sua desconcentração.

– A sabotagem não era apenas para paralisar o colisor de partículas como pensávamos, mas criar uma reação em cadeia, uma destruição total do colisor. Mas essa destruição é incerta, o poder do colisor e a quantidade e o tipo de partículas envolvidas podem destruir toda a Europa. Como eles puderam tentar fazer isso sem se preocupar com milhões de pessoas que moram na Europa, inclusive americanos... que irresponsáveis!

– O General Adilson nos advertiu a ficarmos alertas com a CIA. Eles não medirão esforços e nem pouparão a falta de escrúpulos para conseguir uma guerra e, conseqüentemente, se fortalecerem novamente, para seguir com essa ideia retrógada de dominar o mundo! Tenho que informar o General José Machado.

A imagem do General de pijama, na cozinha de sua casa, apareceu na holografia do EC.

– General, desculpe por ligar a essa hora, tenho informações importantes.

– Sem problemas, Tenente, você pode me ligar a hora que quiser. Não faz nem uma hora que acabei de chegar da base e estava fazendo uma boquinha antes de dormir.

Paloma juntou-se a Roberto e cumprimentou o General.

– Boa noite, Paloma – respondeu o General e olhou para Roberto com quem quer uma explicação: – O que vocês têm de importante para me dizer?

– General, Paloma descobriu que o aparelho de sabotagem dos americanos tinha como finalidade destruir toda a Europa.

– Como assim? Uma bomba nuclear? – As sobranceiras do General se contraíram.

– Não, General, pior que isso! – Paloma continuou explicando: – O colisor de partículas seria reprogramado para provocar um acidente em cadeia. As contenções do colisor não suportariam tamanha implosão, não sei precisar exatamente, mas com certeza grande parte da Europa sumiria do mapa. Fiquei de avisar ao General Adilson assim que soubesse de alguma coisa referente a esse assunto.

– Eu mesmo avisarei o General Adilson ainda hoje. Tragam esse aparelho amanhã para a base, vamos entregá-lo à ABIN para concluir as provas. Você fez um bom trabalho.

– Obrigada, General, mas eu não conseguiria sem ajuda do Tenente Roberto. Foi ele quem descriptografou o aparelho.

– Eu sabia que os dois juntos resultariam em sucesso: uma cientista e um astronauta. Bom trabalho, Roberto!

– Não foi nada, General – respondeu Roberto com o rosto quase colado ao de Paloma.

– Agora deixem o resto com ABIN, vão descansar para amanhã. – E vendo os dois juntinhos, continuou: – Roberto, você e a Paloma podem chegar um pouco mais tarde amanhã, mas não depois das dez!

Antes que Roberto pudesse dizer algo, o General desligou a comunicação. Paloma guardou o aparelho de volta na maleta metálica, enquanto Roberto ia até a varanda contemplar o gramado e as árvores. Paloma o seguiu, munida de uma manta e deitou-se aconchegada na espreguiçadeira. Fez um gesto convidativo para que Roberto se aconchegasse ao seu lado. Cobriram-se, trocaram carícias e juras de amor.

Em um dado momento, Roberto passou a olhar fixamente para uma árvore ainda iluminada por holofotes. Sem resistir à curiosidade, Paloma disparou:

– Porque olha tanto aquela árvore?

– Hã? A árvore? Não sei, acho que é porque comecei a voar muito cedo e desde então quase não paro em terra firme. Ou talvez seja alguma coisa inconsciente; as árvores me dão uma sensação de segurança, de que o planeta Terra ainda nos tolera.

Paloma olhou para a árvore, quando as luzes dos holofotes desligaram escurecendo todo o jardim. Era hora de dormir. Ela levou-o até a porta e deu um beijo de despedida. Roberto a beijou intensamente e a pegou no colo; conferiu que ela o desejava tanto quanto ele. Não teve dúvidas: deitou-a sobre a cama com carinho e diminuiu a intensidade das luzes. A um comando seu o ambiente ficou como que à luz de velas.

$\Omega\text{-}\alpha$

Já era de manhã quando as cortinas se abriram suavemente conforme programado, deixando a luz do sol entrar pelo quarto. Roberto despertou com a claridade e com

a mudança de temperatura gradual do ar-condicionado. Levantou-se sem fazer barulho para não acordar sua amada, fitou-a por alguns minutos, observando seus cabelos esparramados sobre o rosto angelical. Deixou um recado na cabeceira da cama, beijou as costas de Paloma, puxando o lençol para cobri-la e foi para seu quarto se trocar.

Paloma despertou logo em seguida, ainda sentindo o beijo caloroso de Roberto. Virou-se para abraçá-lo, mas encontrou apenas seu travesseiro e um recado que dizia: “Amor, você é a melhor coisa que me aconteceu, te amo, fui adiantar algumas coisas para termos mais tempo juntos. Te espero no restaurante para o café”.

– Cretino! – proferiu em protesto contra Roberto por tê-la deixado sozinha.

Tomou uma ducha e foi ao encontro de Roberto. Durante o desjejum da manhã ela quis saber do General Machado.

– Roberto, o General Machado não tem esposa?

– Não, não tem, ele é viúvo.

– Mas que pena, coitado, por isso que ele gosta de ficar na base.

– É verdade, depois da morte da esposa e da filha, ele se refugiou no trabalho.

– A filha também? Meu Deus, como foi isso?

– Em um acidente de carro. Ele estava em Brasília a serviço, sua esposa fez uma viagem programada para visitar a

mãe dela levando sua filha de 12 anos na época. Num passeio de carro com a filha, para aproveitar os pontos turísticos pelo caminho, um veículo pesado de carga invadiu a contramão e deu de frente com o carro dela, matando as duas na hora. Uma sequência de erros levou ao acidente: a pista molhada, os sensores do caminhão apresentaram falhas e estavam inoperantes, e o motorista desligou o piloto automático.

– Ah, meu Deus, que fatalidade. – Paloma franziu as sobrancelhas, entristecendo-se.

– Sim, inimaginável, as duas eram tão lindas e amorosas. Depois do acidente, o General se fechou no trabalho, nunca mais se casou ou sequer namorou outra mulher.

– É certo que ele devia amá-la muito.

Roberto pegou com carinho suas mãos repousadas sobre a mesa.

– Eu te amo muito e não consigo nem imaginar em te perder. Não sei o que seria de minha vida sem você.

– Não se preocupe, estaremos juntos para sempre naquela nave. Mesmo quando você enjoar de mim não terá para onde ir – brincou Paloma apertando as mãos de Roberto.



## Capítulo 15

Ano 2027 – Instalação do teletransporte no Brasil

**T**écnicos da NASA e agentes disfarçados da CIA concluem as instalações dos teletransportes no Brasil, e assim os agentes dão início efetivamente à operação “SS”. Com a novidade do teletransporte no país, a grande companhia americana BB-9213 cordialmente envia um dos seus maiores executivos, o androide Bicentenário, ao Brasil – a maior autoridade em teletransporte.

O androide Bicentenário era um sucesso; já tinha ido a vários países palestrar sobre o teletransporte. Sua fama corria pelo mundo e agora estava no Brasil. Por exigência do androide, suas palestras não poderiam ser filmadas. O seu público era diversificado; como todos queriam ver e os auditórios lotavam, o seu pessoal selecionava entre milhares de pessoas as que mais poderiam utilizar suas informações.

Paloma tinha retornado à empresa onde trabalhava, no laboratório em São Paulo, para repassar suas pesquisas a outros cientistas, Roberto continuava em Parnamirim durante a semana e via a namorada nos fins de semana. Quando soube que o Bicentenário estaria em Curitiba para dar palestra sobre o teletransporte, foi correndo até o General Machado pedir licença para assistir à palestra.

– Tenente, Tenente, os técnicos darão todas as instruções sobre o teletransporte – o General respondeu a Roberto em um tom pausado, querendo desanimá-lo de seu pedido.

Decidido a ir, Roberto rebateu:

– Apesar dos técnicos explicarem como funciona o teletransporte, General, nada melhor que assistir a uma palestra do próprio idealizador. Dizem que é uma experiência única.

– Quando será?

– Daqui a quinze dias! Já está em cima da hora, os ingressos estão se esgotando. Só não esgotaram porque as pessoas têm que passar por uma triagem.

– Tratando-se do Bicentenário, deve ser mesmo; pode ir e depois me conta como foi. Se me interessar, talvez eu vá quando esse robô vier a São Paulo.

– Muito obrigado, General.

– Não precisa comprar o ingresso, eu farei umas ligações e você terá permissão para estar lá.

– General, eu ia comprar dois ingressos, gostaria que a Paloma me acompanhasse nesse evento – tentou barganhar sutilmente.

– Claro, como pude me esquecer, deixe comigo que arrumo dois ingressos para vocês. Mande lembranças para sua namorada.

– Não sei como agradecer, General, fico lhe devendo essa.

Roberto saiu como um menino alegre e feliz. Não via a hora de entrar em contato com Paloma para programarem a

ida deles a Curitiba, conciliando hospedagem, palestra e um passeio romântico pela cidade.

Paloma acertou uns dias de folga no trabalho para poder ir com Roberto a Curitiba, mas ela confiava nas escolhas dele. Um dia antes da palestra, eles se encontravam hospedados em um hotel *resort* em Curitiba.

– Meu amor, que lugar lindo, é um oásis nessa cidade.

– Sim, minha querida, temos o dia todo para curtir o hotel, e à noite nós iremos passear. Tem uns lugares muito legais, mas será um passeio-cinderela.

– Cinderela! Que passeio é esse, Roberto?

– Voltaremos antes da meia-noite, a palestra é do outro lado da cidade e não quero chegar atrasado.

– Como assim? A palestra não será neste hotel?

– Não, este hotel é só para nós, A palestra será no auditório do Hotel *Blue Tree Towers* de Curitiba, do outro lado.

– Muito bem, Tenente, você deu uma dentro não misturando o lazer com negócios.

– Eu sempre dou uma dentro. – Ele levantou a cabeça se fazendo de orgulhoso.

– Então, vamos cair na piscina! – Paloma o segurou pela cintura e foram para o quarto trocar de roupa.

Eles curtiram o dia e se amaram intensamente à noite. Antes de adormecer, Roberto dormiu pensando na palestra do dia seguinte.

$\Omega$ - $\alpha$

## Capítulo 16

### A Palestra

**E**ram 8:30h da manhã de um dia maravilhoso. Roberto e Paloma foram recepcionados por uma mulher androide, bem vestida, com uniforme da empresa com finas listras azuis e logotipo da empresa em fundo branco. Seu blazer harmonizava com seus olhos violeta contrastando com cabelos loiros tão naturais que denunciavam certa vaidade. Com um sorriso, olhou para Paloma e Roberto e em questão de segundos seus olhos fizeram reconhecimento facial; seus ouvidos, o reconhecimento por voz; seu nariz com sensor de aproximação leu os crachás, conferindo-os em seu banco de dados.

– Sr. Roberto e Srta. Paloma, bom dia, o meu nome é Ashley – cumprimentou-os estendendo a mão. – Estava aguardando-os, por gentileza queiram me acompanhar.

A androide os conduziu à frente, onde havia duas poltronas reservadas para eles. No auditório lotado, alguns convidados de pé conversavam, algumas pastas e paletós sobre poltronas marcavam presença.

Roberto deu uma olhada rápida na moça, enquanto Paloma a media de cima abaixo observando intrigada o andar dela.

– Sr. Roberto, a palestra terá início às 9 horas e terminará por volta das 11:30h. Após a palestra será servido almoço para alguns convidados no restaurante do hotel; o senhor e a senhora estão convidados para almoçar. Peço que

o senhor não vá embora, pois o Bicentenário deseja muito lhe falar. Por favor, desliguem ou coloquem seus comunicadores em modo silencioso. Há bebidas, lanches e salgadinhos no saguão ao lado; fiquem à vontade e retornem aos seus assentos no máximo faltando dez minutos para as 9 horas. Obrigada e com licença.

Antes mesmo de dar tempo a Roberto ou Paloma de fazer perguntas, a androide se retirou rapidamente.

– O que será que o Bicentenário quer comigo? Como ele me conhece? – Roberto estava intrigado.

– Não sei, vamos descobrir durante o almoço. O que me intriga é essa moça, ela é muito linda, mas anda meio estranho, parece que está com reumatismo.

– Paloma, ela é um androide, não é humana. – Roberto ria tentando se controlar.

Paloma sentiu sua face em chamas.

– Eu poderia jurar que era humana, meio estranha, mas não imaginava que era um robô!

– Você não percebeu que só de olhar para nós ela já sabia quem nós éramos?

– Ah, sei lá, nem percebi. Quanto aos robôs da nave dá para ver que são robôs, não dá para confundir com um ser humano.

– Essa é a diferença, Paloma, os robôs da nave são humanoides. Eles têm a forma humana apenas para fazer nosso trabalho braçal. Um androide não só tem forma como

tem características humanas, para se relacionar conosco ajudando as pessoas idosas, deficientes; em nosso campo emocional; ou simplesmente para apresentações, como essa moça.

– Por isso o Bicentenário é um androide e foi programado para palestrar?

– O Bicentenário é um caso à parte. Ele é muito especial: pensa, tem criatividade, não segue uma programação em especial, dizem que ele é mais humano que muitas pessoas. Nenhum humano fez o que ele já fez pela humanidade; só na área da medicina ele contribuiu bastante dando um salto na tecnologia médica.

– Roberto, você é fã dele, hein? A empresa não fez outros iguais a ele?

– Ele é ímpar, minha querida. Na verdade, fizeram outros sim, só que nenhum deles tem ou desenvolveu uma personalidade como a dele, até agora. São como essa moça que nos recepcionou: inteligentes, chegam a ocupar funções importantes na empresa. Pelo que soube, eles são excelentes executivos, porém sem objetivos e ambição própria como os demonstrados pelo Bicentenário. Veja: a ideia de compartilhar os seus conhecimentos com a humanidade foi dele e não da empresa; ele não para nem de dia e nem de noite estudando por conta própria. É livre para fazer o que quiser; a empresa confia plenamente nele. Ele conquistou o respeito e o seu espaço no mundo.

Nove horas em ponto, as luzes da plateia esmaeceram. Todos sentados em seus lugares, fez-se silêncio no auditório. Entrou em cena um homem alto e robusto; seu rosto grande e

quadrado estampava um aspecto sereno, cabelo liso castanho-escuro partido do lado esquerdo, seu andar natural o levou até o centro do palco. A pressão de suas pisadas sobre o palco mostrava seu peso de quase duzentos quilos. Usava um terno cinza-claro com camisa branca, virou-se para a plateia, percorreu seu olhar fazendo uma varredura enquanto cumprimentava os convidados.

– Bom dia a todos, eu me chamo AP Vinte e Um-Um, sou conhecido pelo meu apelido, “Bicentenário”.

Na plateia, os que não tinham visto sua imagem ainda comentavam num zum-zum-zum: “Esse é o Bicentenário? Parece gente!”.

– Não sou tão velho assim, pessoal, é só o meu apelido – quebrou o gelo com um tom de voz amigável em um bom português brasileiro. – Nas próximas horas abordarei os seguintes tópicos que dizem a respeito ao teletransporte:

- Segurança no teletransporte
- Vantagens do uso do teletransporte
- Uso futuro do Teletransporte na medicina
- Espaço Temporal
- Mundo Virtual - MV
- Mundo Real – MR
- Mundo dos Sonhos- MS

Conforme o androide falava, na parede ao fundo, em uma tela holográfica surgiam os tópicos em sincronismo com sua fala.

– O teletransporte está revolucionando o transporte, seja de carga ou de pessoas, e não ficará limitado a transportes. Temos muitos planos para essa tecnologia; estou adequando-o para uso na medicina. Não haverá mais cirurgias; cada átomo de seu corpo será restaurado sem as suas mazelas; clonagem instantânea de órgãos, entre tantas outras possibilidades. Porém, as pessoas estão vendo o teletransporte com certo ceticismo por falta de conhecimento; há resistência por parte de alguns cientistas por não compreenderem totalmente o processo que, confesso, é realmente complexo. Isso tem atrasado a disseminação do teletransporte. Postei inúmeros artigos nos meios científicos e na rede global que acabaram gerando mais confusão.

Resolvi atender à orientação de meus amigos, que me aconselharam a palestrar para o mundo da mesma forma que eu fiz com eles. Assim, eu teria mais êxito em atingir o meu objetivo.

Durante meus estudos sobre a raça humana e seu comportamento e também sobre o planeta Terra e o Universo, aprendi muitas coisas sobre vocês; percebi que os humanos não se dão conta do que são. O que isso tem a ver com o teletransporte? Eu vou chegar lá, peço um pouco de paciência, meus queridos ouvintes; logo compreenderão o que quero dizer. Bem, para construir um equipamento que teletransportasse o ser humano eu tive de compreender que este é mais complexo do que o próprio Universo. Tive de estudar o Universo por causa do homem, criei teorias que nenhum humano pensou em criar, senti-me na obrigação de mostrar o mundo em que vocês vivem de outro ponto de vista.

– O que vou lhes dizer, dada a natureza e grandeza, não se pode provar ou negar. Peço que apenas acreditem no que digo ou ignorem se não compreenderem. Há 1203 pessoas nesta palestra, só vinte e cinco por cento de vocês acreditarão no que direi. Isso é um fato, não há como mudar isso, e desses vinte e cinco por cento que acreditarão apenas dez a dezoito por cento entenderão o que quero dizer.

– Hoje, no estágio de evolução que está o teletransporte, as chances de você morrer em função deste são infinitamente inferiores às chances de você morrer por acidente em qualquer outro meio de transporte. E olhe que os transportes de hoje se tornaram muitos seguros depois que a computação assumiu todo o controle de “leva-e-traz”. No teletransporte, **você** é teletransportado, mas não o seu corpo. Ele é destruído e reconstruído átomo a átomo no destino, porém a alma e o espírito não podem ser destruídos...

Por uma hora o androide detalhou sobre a segurança no teletransporte. Aos poucos, Roberto foi se sentindo mais seguro para utilizá-lo, já convencido de que ele não deixaria de existir ao se teletransportar.

– Eu confirmei o que muita gente já sabia. O ser humano é dotado de três propriedades principais: matéria, centro das emoções e o intelecto. O que o torna humano é a composição dessa trindade, chamada de uma maneira simplista, pela maioria, de corpo, alma e espírito. Esse ser humano inteligente que está na Terra há pouco mais de dez mil anos não é obra do acaso. A vida foi minuciosamente planejada em todas as suas camadas de vidas, o Universo foi planejado.

A complexidade da desintegração do corpo e a retenção da alma eu não terei como explicar em detalhes nessa palestra, mas vocês terão uma noção do que acontece no teletransporte.

– Mesmo depois de o supercomputador obter todas as memórias, pensamentos, e tudo o que fica armazenado no cérebro do teletransportado, eu só obtinha sucesso nos teletransportes que duravam apenas alguns milésimos de segundos. Nas demais transmissões que atrasassem alguns segundos, eu perdia o “fôlego de vida” do teletransportado; conseqüentemente, também o corpo se não fosse mantido por aparelhos. Era como se o espírito do homem deixasse o corpo, sendo que na verdade se sucedia o contrário. Depois de algumas pesquisas, descobri duas coisas importantes: primeiro, o corpo de origem deveria ser destruído para o espírito habitar o outro; segundo, o intervalo sem o corpo deveria ser apenas de alguns milésimos de segundos, não dando tempo ao espírito de sentir a falta deste. Não seria possível cumprir rigorosamente esse intervalo devido a vários motivos externos e incontroláveis, que podem causar minutos de atraso na transmissão, denominados de “*delay*”, caso de falhas que o supercomputador não pudesse reparar automaticamente.

– Por causa deste último problema, ao longo de alguns anos construí o Mundo Virtual, que chamaremos de MV. Para quem ainda não conhece, é outro supercomputador desenvolvido especialmente para simulação de um Mundo Virtual com o propósito de hospedar a consciência dos teletransportados durante o atraso. Para o espírito do teletransportado é como se o corpo estivesse dormindo e o

subconsciente sonhando; todos os portais e supercomputadores de teletransporte são ligados ao MV.

– No MV há uma sincronização do espaço temporal dentro de um sonho mesclando os dois mundos. A variação da compreensão temporal do processamento neuronal no MV é de aproximadamente cinco minutos para cada segundo no mundo real; um atraso de um minuto no mundo real equivale a 300 minutos no MV, ou seja, cinco horas.

Na plateia, as pessoas se entreolharam, pasmas. Com um gesto, o Bicentenário resgatou a atenção de todos, continuando sua palestra.

– Não se assustem, encarem o MV como férias extras. Um mundo de fantasia em que vocês terão a consciência de estar sonhando no MV e realizar seus sonhos impossíveis. Serão as melhores férias de sua vida. No MV, existem programas inteligentes que atuam como monitores dos teletransportados. Na manutenção e evolução do MV, eu me comunico indiretamente com esses “seres”, a quem dei a consciência de suas existências e de suas funções ali.

– Ocorria um fato curioso toda vez que era necessário dar um *shutdown*<sup>1</sup> no MV para programar uma nova atualização. Com a reinicialização, todos os seres autômatos do MV recomeçavam suas rotinas a partir do zero. Certa vez, o MV ficou cerca de 100 dias sem reinicialização, o que corresponde a quase 82 anos naquele espaço. Os autômatos, de comum acordo, me pediram, na verdade imploraram, que

---

<sup>1</sup> Desligamento de um sistema

eu não desligasse mais o MV de tempos em tempos, dando a eles a chance para evoluírem por conta própria. Como o tempo aqui passa bem mais devagar em relação ao MV, pude observar a evolução desse mundo. Os autômatos sentem prazer em suas construções e gostam do que fazem. O MV está evoluindo por conta própria e me livrando do trabalho de *upgrade*; e os seres autômatos me agradecem em vez de ficarem em modo de espera por longos tempos ociosos.

– Isso me deu a ideia de uma nova pesquisa de longo prazo: vou preparar um outro supercomputador para criar um novo MV o mais semelhante possível ao nosso mundo real, onde os seres serão à nossa imagem e semelhança. Eles nascerão nesse mundo sem a consciência do nosso mundo “real”. Inteligentes, cada um terá sua personalidade única. Quero analisar o comportamento de gerações em gerações. Usarei a velocidade de aceleração do tempo na proporção de dez anos para cada hora em nosso mundo. Assim, em dez horas saberei o que ocorreu em cem anos no MV.

– Agora vou lhes dizer sobre o nosso mundo real – com um gesto de mão apontando para a grande tela holográfica na qual aparecia a frase “mundo real” entre aspas, o androide enfatizou a palavra “real”. – A expansão que envolve o Universo, ou melhor dizendo, que hospeda este Universo que mal conhecemos, é mais real do que o mundo que apalpamos! Numa comparação análoga e grotesca é como o nosso supercomputador, que controla e hospeda o Mundo Virtual do teletransporte. O Grande Livro, como é conhecida a Bíblia Sagrada, chama essas dimensões de céus. Cada um de nós tem um propósito na Terra; em algum momento no passado nos perdemos de nosso real propósito.

Todos estavam atentos às palavras do Bicentenário, menos um senhor, visivelmente incomodado. Claro, de bigode preto, por volta de seus 37 anos, levemente calvo, barriga enorme. Trajava camisa branca apertada e uma gravata que não ajudava em nada sua aparência. Interrompeu o androide levantando a mão e pedindo para falar. O androide consentiu, passando-lhe a palavra.

– Você diz “nós”, como se fosse humano. Sua natureza não é humana; é uma máquina, o produto de uma empresa, programado para falar sobre teletransporte. Eu não vim aqui ouvir falar sobre céus; daqui a pouco você vai querer falar de religião!

Roberto olhou para trás. Ao localizar o indivíduo, fulminou-o com seus olhos. Pressionou o braço da poltrona e fechou a mão procurando conter-se. Muitos ali compartilhavam do mesmo sentimento do astronauta, menos o androide que, sem demonstrar nenhuma surpresa, continuou olhando atentamente aquele homem que acabara de desabafar.

– O senhor quer dizer mais alguma coisa? – indagou.

– Não, é só, obrigado! – disse satisfeito, estendendo o braço direito sobre o apoio e relaxando sobre a poltrona.

– Senhor Alexandre Mastruvalder, quando me refiro a “nós”, estou me referindo ao povo, aos habitantes deste mundo. Apesar da matéria-prima que compõe as peças do meu corpo derivar da Terra, assim como a matéria do seu corpo, definitivamente não sou humano. Confesso que daria tudo para ser; eu o respeito, senhor Mastruvalder, porque o senhor tem alma e espírito. Já quando eu me teletransporto,

no modo de suspensão não vou para o MV. É como se eu não existisse ou estivesse totalmente desligado; nunca visitarei o MV como vocês provavelmente visitarão. Não tenho sonhos dormindo porque não durmo; meus sonhos são os meus objetivos: a cada objetivo concluído considero um sonho realizado. Quanto a ser um produto da empresa para a qual trabalho, eu a tenho como minha mãe. Ganhei minha maturidade atingindo a fase adulta de aprendizado; sou um cientista e, como tal, faço pesquisas e testes para saber se uma tese é verdadeira ou falsa. Comecei a respeitar as leis de conduta e concluí pela lógica que são verdadeiras, tanto é que funcionaram comigo, independente de eu ser humano ou não. Embora não o seja, tenho a consciência e o entendimento humano. Não falarei de religião, mas de teorias e práticas.

Mastruvalder levantou a mão rapidamente para falar:

– Como sabe o meu nome, e que leis são essas? – Colocou o polegar no queixo enquanto com o indicador escovava seu bigode.

– O chip em seu crachá me enviou seus dados. Agora sei o seu nome e o que o senhor faz para ganhar a vida. Poderia saber muito mais a seu respeito, mas não é o caso.

O suor escorreu sobre o rosto do homem desinibido que se calou, encolhendo seu grande corpo. Temia pelas revelações sobre o seu trabalho ilícito que o androide poderia tornar públicas; decidiu não desafiar o androide.

– Há muitas pessoas ilustres aqui. Só nessa fileira da frente, temos o astronauta responsável pela grande missão espacial; uma destacada cientista quântica; alguns

geneticistas, e tantas outras pessoas importantes interessadas nesta palestra.

Todos da fileira da frente, incluindo Roberto e Paloma, sentiram seus egos massageados. O androide continuou:

– O cientista inglês Max Born<sup>1</sup> e Albert Einstein acreditavam num Universo criado por Deus. Einstein cria que o Universo era regido por leis rígidas. Uma das principais leis que nos foi dado a conhecer são as leis da física e leis de conduta. O ser humano aprende a respeitar as leis da física desde criança, assim que começa a andar e falar. Se um piloto ignorar as leis da física em pleno voo, ele comprometerá sua vida e a dos demais e certamente derrubará o avião. Já as leis de conduta o ser humano deveria conhecer e respeitar assim que deixasse de ser criança, por volta dos 12 anos. O homem vive “caindo” por ignorá-las, comprometendo sua vida eterna. Essas leis estão no manual do ser humano; assim como fui fabricado com manual, o ser humano também tem seu próprio manual; É uma pena que a maioria não o leia, pois se lessem teriam uma vida muito mais feliz.

– Voltando ao assunto da expansão que envolve o nosso Universo, é comum as pessoas pensarem no Céu, Terra e Inferno semelhantes uma escala vertical, como andares de um prédio: o Céu na cobertura, a Terra no meio e o Inferno no subsolo. Não vejo assim; pelo conhecimento, até onde pude chegar, é lógico afirmar que nosso Universo é uma espécie de virtualização: estamos dentro de um nível do céu,

---

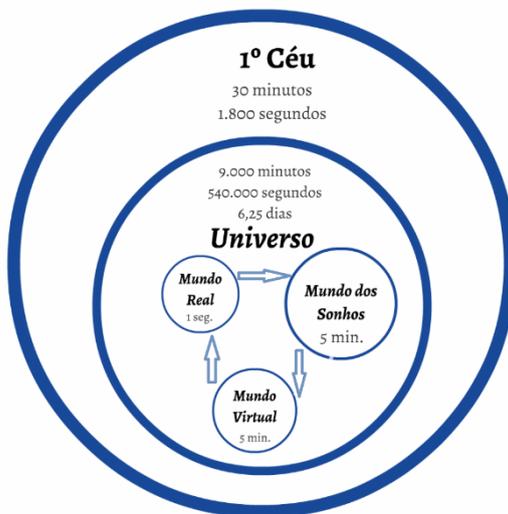
<sup>1</sup>Nobel de física em 1954 por seus trabalhos em mecânica quântica, mestre de Heisenberg e Jordan

como se o Universo fosse uma pequena caixa dentro de outra maior ainda. São muitas as coincidências, e a Bíblia Sagrada nos dá muitas dicas sobre esses mistérios.

– A versão bíblica, até então transmitida oralmente, foi escrita por Moisés cerca de 1500 A.C., endossada por Cristo e divulgada ao mundo pelo cristianismo. No livro de Apocalipse do Apóstolo, João fala de um silêncio solene no céu ao se começar um novo período da história;

*“E, havendo aberto o sétimo selo, fez-se silêncio no céu quase por meia hora.” Ap. 8:1.*

– Muitos PhDs em Teologia concordam que essa quase meia hora de solenidade no Céu correspondeu a uma semana na Terra! Mais precisamente 6,25 dias; isso nos dá um espaço temporal de cinco minutos na Terra para cada segundo no Céu. – O androide aponta para a tela holográfica;



– A diferença de tempo entre o primeiro Céu e a Terra é quase a mesma entre as fases de sono. Outras evidências são encontradas novamente no grande livro:

*"Mas, amados, não ignoreis uma coisa, que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia." 2 Pedro 3:8*

*"Porque mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite." Salmos 90:4*

– Acredito que Deus vivia em um eterno presente; não existia tempo, nenhuma fração de segundo no passado e nenhuma fração de segundo no futuro, até que Ele resolveu criar seu mundo habitável: os céus, o Universo e suas camadas de tempo. Para cada segundo de Deus em seu mundo habitável corresponde aproximadamente a quatro dias e meio em nossa expansão. Essa proporção de mil anos para um dia deixa claro que existem algumas camadas ou dimensões entre os céus e o nosso mundo. O Apóstolo Paulo relata modestamente seu “arrebamento” ao terceiro céu; novamente fica claro que existe muito mais que apenas uma dimensão:

*“Em verdade que não convém gloriar-me; mas passarei às visões e revelações do Senhor. Conheço um homem em Cristo que há catorze anos foi arrebatado até ao **terceiro céu**. E sei que o tal homem (se no corpo, se fora do corpo, não sei; Deus o sabe) Foi arrebatado ao paraíso; e*

*ouviu palavras inefáveis, que ao homem não é lícito falar". II Coríntios, 12-1:4*

– A Bíblia não revela os detalhes de como o Apóstolo foi arrebatado, talvez só no espírito, “teletransportado” no corpo ou até mesmo transladado. Seja como for, ele chegou ao terceiro céu. Esse mistério é incompreensível para nós, humanos; não entendemos a caixinha onde o nosso Universo está, quanto mais as inefáveis que ao homem não se pode revelar. Sabemos, pelas escrituras, que Deus fará tudo novo: haverá um novo céu e uma nova terra (Universo) para o homem morar, então a alma e o espírito do homem terão um novo corpo incorruptível para habitar.

– O fato, meus queridos ouvintes, é que após muito estudo cheguei à conclusão de que não há ninguém na Terra capaz de provar que não estamos sonhando. Quem pode provar que não há um nível acima de nós ou que este mundo não é um tipo de virtualização? Há muito mais indícios de que este mundo não é o principal, do que o contrário. A ciência não espera prever com certeza, mas trabalha com possibilidades, tendências e estatísticas, e acreditem, meus amigos, que a Bíblia contém as teorias que mais fazem sentido em todas as áreas da ciência.

– Veja o que disse a respeito do Universo o americano Allan Sandage, um dos astrônomos mais respeitado mundialmente:

*“Depois de 25 anos de estudo sobre a origem do Universo por dezenas de astrônomos, de uma só coisa podemos estar seguros: o Universo começou em uma fração de segundo, não sabemos nem como, nem quando, nem onde”.*

– E tantos outros cientistas estudando o evolucionismo cederam ao criacionismo; o Universo foi criado com precisão e lógica. Na monografia “Origens”, um estudo profundo do evolucionismo e criacionismo, de C. S. Chollet, desmistificasse esse assunto: supõe-se que a Terra não tem mais que trinta mil anos!

O androide percorreu a monografia de C. S. Chollet apontando os limites de medição por carbono 14 e outros métodos para determinação da idade de um fóssil. Em seguida, falou sobre o destino da humanidade sem o amor que estava se extinguindo, resgatou as mensagens de um escritor e palestrante do passado deixando-as na tela de apresentação:

*“O que cada um de nós está fazendo neste planeta?”*

*Se a vida for somente tentar aproveitar ao máximo possível as horas e minutos, esse filme é bobo.*

*Tenho certeza de que existe um sentido melhor em tudo o que vivemos.*

*Para mim, nossa vinda ao planeta Terra tem basicamente dois motivos:*

*Evoluir espiritualmente e aprender a amar melhor.*

*Todos os nossos bens na verdade não são nossos.*

*Somos apenas as nossas almas.*

*E devemos aproveitar todas as oportunidades que a vida nos dá para nos aprimorarmos como pessoas.*

*Portanto, lembre-se sempre que os seus fracassos são sempre os melhores professores e é nos momentos difíceis que as pessoas precisam encontrar uma razão maior para continuar em frente.*

*As nossas ações, especialmente quando temos de nos superar, fazem de nós pessoas melhores.*

*A nossa capacidade de resistir às tentações, aos desânimos para continuar o caminho é que nos torna pessoas especiais.*

*Ninguém veio a esta vida com a missão de juntar dinheiro e comer do bom e do melhor.*

*Ganhar dinheiro e alimentar-se faz parte da vida, mas não pode ser a razão da vida.*

*Tenho certeza de que pessoas como Martin Luther King, Mahatma Ghandi, Nelson Mandela, Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce, Betinho e tantas outras anônimas, que lutaram e lutam para melhorar a vida dos mais fracos e dos mais pobres, não estavam motivadas pela ideia de ganhar dinheiro.*

*O que move essas pessoas generosas a trabalhar diariamente, a não desistir nunca? A resposta é uma só:*

*A consciência de sua missão nesta vida.*

*Quando você tem a consciência de que através do seu trabalho você está realizando sua missão, você desenvolve uma força extra, capaz de levá-lo ao cume da montanha mais alta do planeta.*

*Infelizmente, muita gente se perde nessa viagem e distorce o sentido de sua existência pensando que acumular bens materiais é o objetivo da vida.*

*E quando chega no final do caminho percebe que o caixão não tem gavetas e que ela só vai poder levar daqui o bem que fez às pessoas.*

*Se você tem estado angustiado, sem motivo aparente, está aí um aviso para parar e refletir sobre o seu estilo de vida.*

*Escute a sua alma: ela tem a orientação sobre qual caminho seguir.*

*Tudo na vida é um convite para o avanço e a conquista de valores, na harmonia e na glória do bem.*

*“A consciência da sua missão” – Roberto Shinyashiki*

O androide finalizou a palestra despedindo-se de todos.

Aconchegada no peito de Roberto, Paloma tinha os olhos lacrimejantes, comovida com as palavras do androide. Por sua vez, Roberto mantinha os seus fitos nele enquanto se retirava. Estava ansioso para falar com o Bicentenário.

## Capítulo 17

### A Proposta

Quase todos os que estavam sentados na primeira fileira foram guiados pela moça androide ao saguão do restaurante onde o Bicentenário já os aguardava. Após todos se sentarem, ele disse em bom-tom:

– Senhores e senhoras, este almoço que aqui os reúne tem como objetivo estreitar nosso relacionamento, para trocarmos alguns conhecimentos.

Formou-se uma pequena fila para cumprimentar o androide, e ele os cumprimentava como se os conhecesse. Roberto pegou na mão de Paloma e entrou na fila. Ao chegar sua vez, não pôde ocultar sua satisfação em cumprimentá-lo, satisfação que parecia recíproca.

– Tenente Roberto, que prazer em conhecê-lo e também a essa grande cientista, Paloma.

– O prazer é nosso, Bicentenário, ficamos muito entusiasmados com o seu convite.

Enquanto Roberto apertava a mão dele cumprimentando-o, agarrada ao seu braço Paloma olhava com curiosidade o rosto quase inexpressível do androide.

O androide inclinou-se aproximando de Roberto e disse num tom mais baixo:

– Após o almoço tenho um assunto que gostaria de tratar com o Tenente.

E assim transcorreu o almoço conforme esperado: uma grande troca de informações. Enquanto Paloma discutia teorias quânticas e aprendia muito com o androide, assim como ele elucidava algumas teorias, os dedos de Roberto tamborilavam impacientemente sobre a mesa. O que o Bicentenário queria com ele? Finalmente os convidados se dispersaram, ficando apenas Roberto e Paloma. O androide os conduziu a um pequeno escritório para uso dos hóspedes.

– Tenente, eu fiquei muito feliz ao constatar, na relação de convidados, a sua vinda à palestra. Assim, não poderia perder essa oportunidade de conversar com o senhor.

O androide fez um gesto para que eles se sentassem e em seguida sentou-se também.

– Mais feliz fiquei eu por esta oportunidade, sempre tive admiração por você e pelo seu trabalho – devolveu Roberto.

– Ah, muito obrigado! O assunto que gostaria de conversar é sobre uma das minhas pesquisas... Bem, como todos sabem, sou um apaixonado por pesquisas. Por uma questão de burocracia, algumas são proibidas por leis internacionais e eu, inibido de desrespeitá-las por programação. Permita-me explicar: Eu e meus colegas de trabalho desenvolvemos a tecnologia para migrarmos a mente humana para o cérebro de um androide do mesmo modelo deste aqui que vocês estão olhando. – O androide elevou a mão direita apontando para sua cabeça.

– Mas já é possível fazer isso? Usando a tecnologia do teletransporte? – Roberto trocou um rápido olhar com Paloma, e em seguida fixou os olhos atentos no androide.

– Sim, eu e meus colegas tornamos isso possível, mas é uma tecnologia totalmente diferente da usada no teletransporte. Contudo, não podemos fazer esse tipo de experiência devido a algumas leis.

– Por que as leis o proibem? – perguntou Paloma.

– A única maneira de se realizar essa transferência de mente é pela diácope.

– Desculpe-me, o que é diácope? – quis saber Roberto.

– É a incisão feita no crânio com instrumento cortante. Nesse caso, com três incisões perfura-se profundamente a massa cefálica e introduzem-se milhares de nano-elétrodos. Conforme se retira lentamente o instrumento perfurador, os milhares de nano-elétrodos percorrem mais de dez mil conexões sinápticas coletando informações neurônicas. Por ser um processo muito demorado, ao final não há como manter o paciente vivo; o cérebro já estará morto. Mesmo nos casos de pacientes terminais não consegui autorização para fazer essa experiência; o mundo agora está voltado para a crise climática mundial, e não me parece o momento certo para fazê-lo. Não quero me envolver em longos processos judiciais.

– E de que maneira eu poderia ajudá-lo? – Roberto franziu as sobrancelhas.

– Aceitando um presente meu. Sei que partirá para o espaço, em uma longa viagem intergaláctica, e tem grandes chances de comandar com outros astronautas a NEI-1. Gostaria de contribuir para essa viagem com a doação de um androide e o kit de equipamentos para cirurgia de

transferência cerebral. Em um eventual acidente a algum tripulante da nave com iminência de morte ou simplesmente pela senilidade atingida, essa experiência será muito útil no espaço sideral: vocês disporão de um androide com a mente, lembranças e todas as experiências do tripulante que se foi.

– Esse androide é igual a você?

– Fisicamente pode se dizer que ele é “esculpido em Carrara”! Está certo este termo para afirmar que ele é igual a mim? – o Androide olhou para Paloma perguntando.

– Corretíssimo! – disse Paloma rindo.

– Será muito mais fácil se você entrar na nave com esse kit como seus objetos pessoais do que eu percorrer toda a burocracia governamental e militar para que isso aconteça. E, mesmo assim, muito provavelmente o androide e o kit não chegariam à nave, e você nem ficaria sabendo. Então, por favor, aceite, pela Ciência!

– Não posso garantir que usaremos o androide para esse fim. Na NEI temos normas e condutas tão rígidas quantas as leis deste planeta, mas nunca se sabe o que pode acontecer. É melhor ter e não usar do que não ter e precisar usar.

– Então, isso é um “Aceito”? – o quase inexpressível rosto do androide mostrou uma face alegre.

– Fique tranquilo, farei o possível para ter esse androide nessa viagem comigo; sim, eu aceito!

– Muito obrigado, Tenente, vou lhe reservar algumas surpresas para você por meio desse androide. Mesmo que não usem para esse fim, ele servirá como um avatar: você poderá

controlá-lo à distância com o pensamento; ver, andar e sentir através do androide. Todas as instruções estão no kit, e qualquer humanoide poderá fazer o *download* do programa médico-cirurgião e executar a cirurgia com total precisão ou apenas colocá-lo em funcionamento como avatar.

Eles se levantaram. Roberto e Paloma se despediram do androide notando que eram os últimos a deixar o local do evento. Voltaram em silêncio digerindo todas aquelas informações.

$\Omega$ - $\alpha$

Nilton G. Medeiros



## Capítulo 18

Brasília, DF

– Senador, o Deputado Vaz na linha.

– Deputado Vaz?! Mas o que esse filho da mãe está querendo agora?

– Ele disse ser importante, o senhor atende?

– Sim, Paula, vou atendê-lo aqui no gabinete. Senão, ele me importunará em outro lugar em uma hora menos apropriada.

– Deputado Vaz! Quanta honra em receber sua ligação em meu humilde gabinete.

*– A honra é toda minha, Senador, pode acreditar, é um prestígio imenso conseguir falar com uma pessoa tão ilustre quanto o Senador!*

– Obrigado, o Deputado sabe que pode ligar para o meu gabinete sempre que precisar. Então, me diga o que tem de tão importante para me falar.

*– O negócio é o seguinte, Senador: um amigo que conheci uns dias atrás veio da Inglaterra como executivo de uma grande empresa. Parece que ele quer contratar uma cientista brasileira para ajudá-los em um projeto. Está procurando uma cientista formada em física quântica, entende?*

– Sim, e o que você e eu temos com isso? – respondeu o Senador sem rodeios, ficando impaciente.

– *A empresa para a qual ele trabalha é cheia de recursos e exigiu a melhor cientista, custe o que custar. Veja, comigo ele foi bastante generoso para que eu indicasse alguém para ajudá-lo a encontrar essa especialista em física quântica. Ele é “generoso”, entende?*

– Hum, bom, muito bom, qual o nome dele?

– *O nome dele é Becky, Sr. Becky, pensei no Senador porque achei que talvez o senhor pudesse indicar alguma cientista para ele, já que os melhores cientistas estão trabalhando para o governo.*

– Física quântica... Tem que ser mulher?

– *Ele foi bem específico nisso. A cientista dará apenas uma consultoria à empresa, o serviço é temporário e o ambiente onde ela trabalhará nesse meio-tempo na Inglaterra exige mulher.*

– Dependendo da “generosidade” para comigo, acho que sei onde encontrar. Nós temos ótimas cientistas em física quântica trabalhando para o nosso governo.

– *Se é assim, indica qualquer uma. Basta dizer que é a melhor e já estaremos “ajudando” o inglês!*

– Tudo bem, o inglês está aqui em Brasília?

– *Sim, está!*

– *Ok*, agenda com o inglês um encontro a três na catedral de Brasília para depois de amanhã. A gente acerta a “gordurinha” lá.

$\Omega-\alpha$

O Deputado Vaz entrou na catedral de Brasília quase vazia no horário combinado. Havia um ou outro turista admirando a arquitetura, entre eles, mais ao centro da igreja, o agente da CIA disfarçado de turista inglês. Ele admirava as estátuas dos querubins que pairavam no ar, levitando contra os lindos vitrais. Suas asas moviam-se lentamente para frente e para trás. O deputado passou por umas seis fileiras de bancos à sua esquerda, até alcançar o espaçoso corredor onde o inglês se encontrava.

– Boa tarde, faz tempo que você chegou?

– Ah, *no*, eu chegar faz pouco tempo, seu amigo vir aqui?

– Sim, ele deve estar chegando.

– Muito bonito este igreja, eu estar impressionado.

– Sim, é verdade, Brasília foi uma das poucas cidades bem planejadas no Brasil.

– Então, esse Senador conhecer cientistas em física quântica?

– Os melhores cientistas trabalham para o nosso governo. Ele tem como ajudá-lo; falando nele, olha ele lá.

O Senador acabava de entrar na igreja, olhando da esquerda para a direita procurando o deputado, até que o encontrou fazendo sinal com a mão. Discretamente, foi em sua direção.

– Senador, boa tarde, esse é o meu amigo inglês de quem lhe falei.

– *Good afternoon, how are you?* – Disse o Senador estendendo a mão.

– *Oh! Good afternoon, I'm fine, thanks.*

– Ele entende bem o português, Senador, eu é que não entendo bem o inglês – disse o Deputado sem jeito.

– *Yes*, eu entender bem o português, só não falar direito.

– Sr. Becky não é?

– *Yes*, e o senhor ser....

– Senador Rodolfo Novaes, muito prazer! O Deputado Vaz me disse que você está precisando de uma cientista em física nuclear?

– *No, no*, minha empresa precisar de uma ótima cientista em física quântica, *no* nuclear.

– Ah, é mesmo, o deputado me disse: você quer a melhor cientista.

– *No* necessariamente, mas ter que ser uma cientista que tenha trabalhado na Europa com física quântica, nós saber que o Brasil ter muitos cientistas envolvido com

acelerador de partículas, talvez alguma cientista disponível que não estar trabalhando mais no acelerador, nosso projeto necessitar cientista com os mesmos conceitos e experiência.

– Sua empresa está querendo reinventar o IVC?

– *No*, claro que *no*, não saber exatamente qual o projeto, apenas vir aqui para contratar cientista.

– Eu conheço ingleses e americanos. E você tem sotaque americano.

– Oh *yes*, morar quando criança nos Estados Unidos e viver lá até meus 17 anos, depois voltar para Inglaterra a trabalho.

O americano se regozijou por dentro por estar preparado para esse tipo de pergunta. Observou que o Senador estava desconfiado e parecia uma pessoa muito esperta, então decidiu utilizar seu último recurso para distraí-lo.

– E falar em trabalho, minha empresa dar autonomia para agilizar eu encontrar essa cientista. Quanto for necessário, o senhor terá trabalho, então estar pronto para gratificar Senador, *how much do you want?*

A frase soou como música para o Senador, que sorriu para ambos não escondendo sua felicidade.

– Por coincidência temos uma cientista que veio há algum tempo da Europa, trabalhou no IVC. Farei umas ligações para localizá-la. Não será fácil porque as identidades dos cientistas são secretas; assim que eu conseguir, aviso o deputado para entrar em contado com você. – Fez uma breve

pausa e continuou, após combinar o valor a ser depositado: – Ligue para o meu gabinete e fale com Paula, minha assistente. Ela lhe passará uma bancária.

O Senador se despediu de ambos.

Ω-α

## Capítulo 19

### □ Casamento

Sentado sobre a grama no parque do Ibirapuera, Roberto contemplava Paloma se aproximar. Ela usava uma blusa de gola alta cor-de-rosa que lhe cobria metade do seu pescoço, de pelúcia macia e longa. Fazia frio na tarde de outono, os raios solares cortavam o céu fracamente para conseguir iluminá-lo.

Ela se sentou ao seu lado, passou o braço pelo dele e ficou abraçada como se aconchegando do frio para se unir ao seu calor. Roberto notou que o sol que vinha por trás das costas de Paloma iluminava seu rosto, ressaltando a pele de pêssago, num tom de cor meio loiro-rosado. Sentiu uma vontade irresistível de beijá-la e lhe acariciar o rosto, mas se ateve às palavras que saíam da boca tão maravilhosa quanto sua voz.

Após se mudar para o apartamento de Roberto, ela estava viciada no chuveiro alienígena; fizeram amor diversas vezes sob as gotas rosadas. E tendo concluído o seu treinamento para habitar a NEI, ela voltara à empresa, na Luiz Carlos Berrini.

Com a nave espacial pronta, o governo brasileiro apressava os preparativos para o lançamento oficial. Roberto experimentaria o teletransporte pela primeira vez na Base Aérea de São Paulo, sendo teletransportado até a nave espacial na órbita alta sem mais a necessidade de ir até a base de lançamento de Parnamirim.

Na véspera do seu primeiro teletransporte, Roberto levou Paloma para jantar em um dos melhores restaurantes de São Paulo. A seu pedido, o restaurante elaborou um jantar temático romântico. Encantada com os pratos e as músicas ao vivo e a ambientação sugestiva, até um dado momento não tinha se dado conta de que tudo aquilo era para ela.

Durante o jantar, Roberto, todo romântico e apaixonado, tirou do bolso um pequeno estojo e abriu-o. Dentro, refulgia um lindo anel de ouro branco, em cujas laterais superiores havia quatro diamantes de cada lado refletindo o prisma da luz e, na parte central, uma grande pedra de quartzo rosa oval. Estendeu a mão, dando a ela o anel.

– Paloma, quer casar comigo?

Paloma, os olhos fixos no brilho do anel, e com a percepção veloz da duração de um *flashback* instantâneo, reviu desde quando Roberto a chamou até a entrada do restaurante, o tratamento da recepção, a mesa, as músicas, os pratos e as palavras e gestos de seu amado. Ela levantou seus olhos e mergulhou nos de Roberto. Abrindo um sorriso, não conseguiu conter a emoção. Lágrimas escorreram sobre sua face.

– Sim, eu aceito Roberto, eu te amo muito! – Emocionada, tentou limpar as lágrimas.

O movimento no restaurante parou, todos de olho no lindo casal. Dois violinistas chegaram ao lado dela tocando uma linda música romântica, acompanhados ao fundo por um tecladista DJ. Roberto colocou o anel em seu dedo e a beijou, sendo aplaudidos pelas pessoas que presenciavam a cena.

Em seu apartamento, Roberto ligou para o amigo André, convidando ele e sua esposa para serem seus padrinhos, enquanto Paloma ligava para uma amiga fazendo o mesmo convite a ela e seu esposo. Em uma tela da sala, do lado esquerdo, apareciam André e sua esposa Marta; do lado direito, Fábria, amiga de Paloma e seu esposo Jorge, e os seis se falavam em conferência.

– Tenho duas notícias para contar a vocês, uma boa e outra... – Roberto fez suspense. – outra melhor ainda!

– Eu te conheço, Roberto, pra você ligar só pode ser muito importante – disse André.

– Bem pessoal, amanhã serei teletransportado.

– Teletransportado? Como assim? – Jorge cofiou a barba bem cuidada.

– Eu já tinha conversado com o André a esse respeito algum tempo atrás, e amanhã chegou o dia.

Marta olhou para André e protestou:

– Como você não me contou isso?

– Ele me pediu segredo.

– É verdade, Marta, e continua segredo até amanhã – confirmou Roberto.

– Tudo bem, mas assim que puder nós vamos nos reunir, e você irá contar pessoalmente como foi isso – cobraram Fábria e Marta.

– Bem, e a outra notícia? – perguntou André.

– A outra é melhor ainda! Diga pra eles, querida – Roberto passou para Paloma contar.

– Eu e o Roberto vamos nos casar, estamos convidando vocês para serem nossos padrinhos.

– Até que enfim, Roberto! – André recebeu uma rápida cotovelada da esposa.

– Parabéns a vocês, um casal perfeito. Roberto, cuide bem dessa moça, é uma pérola preciosa – Marta respondeu entusiasmada.

– Já decidiram o dia? Espero que seja logo! – disse André abraçando sua esposa.

– Sim, já decidimos. Se todos vocês não tiverem compromissos importantes, gostaríamos de nos casar amanhã de manhã, às nove horas – respondeu Paloma.

– Uau! Mandou bem, Paloma, pode contar conosco. Não é, querido? – disse sua amiga.

– Sim, com certeza.

– Nós também, Paloma, estaremos online! – confirmou André.

– *Ok* então, conto com todos vocês às nove horas da manhã no Cartório de Registro Civil online. – Roberto finalizou a comunicação.

Pela manhã, Roberto inseriu todas as informações e identificações dos padrinhos necessárias pela rede global, faltando poucos minutos para as nove horas. Em contagem

regressiva no site do cartório internacional de registro civil online, todos aguardavam a videoconferência. No horário marcado apareceu a mensagem “gravando” e uma voz eletrônica ditou a cerimônia.

Após todos inserirem seus certificados digitais e a leitura biométrica da mão, o cartório emitiu a certidão eletrônica de casamento universal de Casamento de Paloma Veríssimo e Roberto Lobo, que poderia ser consultada em qualquer lugar do planeta. A tela acusou o fim da gravação como testemunha dessa união, em maio de 2027.

$\Omega-\alpha$



## Capítulo 20

### Viagem ao Mundo Virtual

**P**aloma acompanhou Roberto até a base aérea de São Paulo, onde havia sido instalado o portal de teletransporte, e se identificaram com suas credenciais especiais. Roberto estava tenso como alguém do século 20 viajando pela primeira vez de avião. Passava o dedo constantemente atrás de sua orelha; uma espinha ali instalada estava-o incomodando. Ao ter sua mão apertada pela de Roberto, Paloma tentou descontraí-lo abraçando-o e aliviando sua mão. Roberto descontraíu quando viu o General José Machado junto com os supostos técnicos da NASA e técnicos brasileiros que acompanhavam desde o início as instalações dos equipamentos.

– General, bom dia! – Roberto bateu a velha continência de praxe.

– Olha só o meu garoto! Todo alinhado para o seu primeiro teletransporte. – O General o envolveu com seus longos braços. – E você, Paloma, como vai? Você também está muito bem vestida, cada vez mais linda!

– Obrigado, General, é que hoje pela manhã eu e Roberto nos casamos.

– Ah, mas que surpresa agradável, meus parabéns!

– Só formalizamos nossa união estável! Falando em estável, essa máquina está cem por cento estável? – Roberto se esforçou para não deixar a voz sair trêmula.

– Vamos perguntar aos técnicos. – O General fez sinal para uns dos técnicos brasileiros, que veio até eles. Apresentou-o ao casal e perguntou: – Meu amigo aqui quer saber se isso aí está estável?

– Muito estável, pode ficar tranquilo, Tenente. Testamos exaustivamente, o máximo que pode acontecer é um atraso na transmissão devido à grande quantidade de informações trafegadas. Com os investimentos pesados nessa área, até o final do ano a capacidade de transmissão triplicará, resolvendo esses probleminhas de congestionamentos.

– Ok! Estou mais tranquilo e pronto para me desintegrar! – Roberto apertou novamente sua espinha atrás da orelha.

– Ai, amor, falando assim você me deixa preocupada. – Paloma cruzou os braços como sempre fazia quando ficava insegura.

Roberto a envolveu em seus braços e manteve seu olhar no técnico que queria dizer algo. Este conferiu algumas informações em sua prancheta eletrônica, olhou para eles e anunciou:

– Tenente, por favor, entre no portal com seus pertences para darmos início ao seu teletransporte.

– Vá, meu amor, te vejo em alguns dias – Paloma o beijou encorajando-o.

Roberto deu um aperto de mão no General, afastando-se e batendo continência para ele e para a esposa. Quando entrou no portal, um relógio no painel mostrava 10h59m. Às

11h00 em ponto, uma luz amarelada iluminou Roberto, que mantinha os olhos e punhos cerrados, ofuscando um pouco a visão dos observadores. Paloma firmou os olhos para vê-lo, mas ele não estava mais lá, o portal estava vazio.

$\Omega\text{-}\alpha$

Roberto abriu os olhos; estava em uma densa floresta. Andou até sair da mata fechada, notando que o dia estava claro como ao meio-dia, embora não conseguisse enxergar o Sol. Caminhou mais um pouco e se deparou com um precipício enorme à sua frente. Inclinou-se para ver o despenhadeiro coberto de árvores e de todo tipo de vegetação até se fundir com o horizonte. Uma brisa passou pelo seu corpo, ele respirou fundo para sentir o ar puro em seus pulmões, encheu-se de prazer. Seus pensamentos ficaram confusos, começou a se questionar:

*Que lugar estranho. Onde estou? O que estou fazendo aqui?*

Dominado por uma sensação estranha, sentou-se no chão sobre os pés, pôs as mãos sobre a cabeça apoiando os cotovelos sobre as coxas. Relembrou seus treinamentos e mantendo a calma, tentou alinhar os pensamentos. Olhou sua aliança, então se lembrou de Paloma, dos padrinhos e de que tinha se casado. Num estalo, veio-lhe à mente a sua última lembrança: Paloma olhando para ele no portal do teletransporte, em seguida suspirando e fechando os olhos.

– Meu Deus! Eu entrei no teletransporte e vim parar em outro lugar do planeta; algo deu errado. Mas espere um pouco, eu não saí de nenhum portal, então como posso estar aqui? Será que estou morto?

Olhou para a linha do horizonte, onde avistou um brilho, como o de uma estrela. Intrigado, observou essa estrela que vinha voando em sua direção. Pôs-se em pé curioso e um pouco assombrado. O brilho foi tomando forma enquanto se aproximava; a pouco menos de cinquenta metros tomou a forma de um homem que refletia o brilho do sol.

Era um tipo de humanoide que brilhava como o metal inox ou a prata polida. As articulações de seus membros eram como as de um homem; não se via emenda nas juntas, o metal cobria seu corpo como uma pele. Roberto quase caiu de costas ao se afastar quando ele desceu à sua frente.

– Não tenha medo, senhor! – ressoou uma voz humana e masculina, enquanto o humanoide estendia sua mão para Roberto.

– Que... Quem é você e que lugar é esse? – gaguejou Roberto.

– Eu sou Anvi, seu anfitrião, você está no Mundo Virtual. – Anvi gesticulou com a mão mostrando o seu mundo em volta. – O senhor deve estar um pouco confuso, não se preocupe, é normal.

– Estou no Mundo Virtual do teletransporte?

– Sim, isto mesmo, você está sonhando dentro do Mundo Virtual.

– Estou sonhando... Não é possível! – Roberto agachou-se até ao chão e pegou um punhado de folhas, esmiuçou-as em suas mãos e cheirou – Isto aqui está real demais para ser virtual.

– Senhor, essa floresta em que você veio parar é parte do seu inconsciente; o seu sonho está mesclado ao Mundo Virtual do teletransporte, do qual eu faço parte. Por isso, vim até aqui para buscá-lo. Venha comigo para nossa cidade, onde ficará hospedado em um hotel que jamais viu em seu mundo.

Anvi virou-se para o lado de onde veio e elevando-se a uns quarenta centímetros do chão, olhou para trás e disse:

– Vamos!

– Como espera que eu vá com você? De cavalinho em suas costas?

– Não, senhor, você está sonhando. Lembre-se, aqui o senhor pode fazer o que quiser! Inclusive voar.

– Sério? Como faço isso? – Roberto deu um pulo para testar a gravidade e ao sentir seu peso normal, ficou com receio de cair no penhasco.

– Senhor, não use as pernas para impulsionar, use a mente; apenas acredite que pode voar.

“Eu sou um piloto, eu posso voar”, Roberto repetiu para si três vezes. Resolveu não olhar para baixo, concentrou-se em apenas voar e pensar que estava sonhando e nada poderia machucá-lo de fato. Então, seus pés saíram do chão. Anvi partiu à frente para indicar o caminho, seguido por Roberto, que se concentrava em voar na direção dele. Logo, seu corpo deslocou-se rapidamente, sentiu a brisa de temperatura agradável passar pelo rosto, ultrapassou Anvi indo bem mais à frente, virou-se como uma broca furando o

ar e subiu fazendo um loop de 360 graus. Posicionou-se novamente atrás de Anvi, virou-se de costas para baixo e rosto para o céu, cruzou os braços como se estivesse deitado em uma cama, pareando com Anvi. Agora, sim, curtia o voo.

– Senhor, o que foi aquilo que fez? – perguntou Anvi, intrigado.

– É um loop de 360 graus, costumava fazer isso quando pilotava caças.

– Porque o fez?

– Pura emoção de estar voando e, de quebra, para testar meu controle sobre o voo.

– Gostei, farei isso quando estiver ocioso. A propósito, o que são caças?

– Caça é um tipo de avião pequeno para uma ou duas pessoas, que voa muito rápido. Você sabe o que é avião, não sabe?

– Sim, já acessei a Mãe para ver o que é. A cada palavra nova, procuro na Mãe para aprender. Quando chegar à cidade poderei acessar de novo para saber mais a fundo o que é um caça. É só para o meu conhecimento; as coisas do seu mundo não se aplicam ao meu. Não precisamos de avião, não precisamos de chuva para molhar a terra, quase tudo o que consulto do seu mundo não tem utilidade para nós aqui. Exceto vocês, humanos, que são a razão de existirmos.

– Anvi, quem é Mãe?

– A Mãe é o berço que hospeda o meu mundo, temos conexão com ela para recebermos diretrizes. A maioria de nós tem consciência de que somos uma simulação.

– A Mãe é o supercomputador. Anvi, eu conheci o criador dela, o Bicentenário, estive com ele um tempo atrás quando falou sobre este mundo. Sou um grande admirador dele. Veja este mundo, é perfeito.

– Senhor, você o conheceu pessoalmente?

– Sim, pessoalmente. Anvi, pode me chamar de Roberto.

– Ele se chama Bicentenário?

– Sim, quero dizer, é o apelido dele. Ao se comunicar com vocês, ele deve usar o seu nome: *AP vinte alguma coisa*.

– Nós o chamamos de Pai – disse Anvi de maneira singela. – Nossa comunicação é através da Mãe. Como aqui o tempo passa muito mais rápido, a comunicação com o Pai é do tipo “deita e espera”. O senhor não faz ideia do quanto lutamos para não sermos mais reiniciados... Olha lá a cidade! Estamos chegando, quero continuar este assunto com você mais tarde, agora preciso lhe passar alguns procedimentos e regras do nosso mundo.

Roberto virou-se para olhar a cidade à frente. De cima, parecia um oásis no meio de tanto verde, todas as edificações eram de um tipo de metal com algumas paredes transparentes formadas por um tipo de vidro resistente como aço. Anvi conduziu Roberto ao centro da cidade, onde estava a principal edificação, considerada como hotel-spa. Eles

desceram sobre a enorme sacada do segundo andar, onde uma parede similar a vidro verde transparente separava-a do quarto. Não havia porta, janela ou sequer algum tipo de emenda. Anvi caminhou em direção à parede, levantou sua mão, e a parede abriu uma fenda que foi aumentando rapidamente, tornando-se uma grande porta oval. Admirado, Roberto acompanhou Anvi ao interior do apartamento.

– Roberto, este é o seu apartamento, bem semelhante ao seu mundo, para que você se sinta em casa.

– Semelhante? Nunca vi nada igual, posso lhe garantir!

– Acho que sim, eu quis dizer semelhante porque temos edificações, spas, luxo, conforto e tudo o que as pessoas desejariam ter em seu mundo para divertimento e relaxamento. Assim, seu psíquico não procurará despertar; não sabemos ainda quantos dias o senhor ficará por aqui.

– Meu Deus, eu tenho um trabalho a fazer e quero voltar para minha esposa. Ela deve estar preocupada, não posso ficar aqui muito tempo!

– Não se preocupe, Roberto, sete dias aqui não passam de trinta minutos em seu mundo; ela não sentirá tanta falta assim como você pensa.

Pela parede de vidro, Roberto avistou lá embaixo, na área de lazer, uma enorme piscina de ondas, na qual algumas pessoas se banhavam e outras tomavam sol.

– Sendo assim, acho que posso me acostumar com o lugar que, aliás, é de uma beleza fenomenal.

– Obrigado, parte foi o Pai que arquitetou, e outras fomos nós, graças à complexa exigência humana.

Anvi mostrou os procedimentos e regras da cidade, Em uma parede do quarto ficava o comutador de aparências, um painel de aço escovado e alguns botões; ao lado um espelho de 1,80 m de altura por 0,80 m de largura, Anvi continuou explicando como usá-lo:

– Roberto, você pode mudar sua aparência com esse comutador de aparência. Experimente: você poderá ter a aparência de uma pessoa famosa ou de quem goste, de qualquer sexo; ser quem você quiser.

Roberto pensou em seu amigo André, apertou o botão e ao se olhar no espelho, estava idêntico ao André.

– Caramba, estou igualzinho ao meu amigo, até a voz e o jeito estão iguais!

Depois, ele pensou em outra pessoa e apertou o botão novamente. Agora, ele se transformou no senhor Watanabe, um japonês executivo, líder da equipe de física quântica no projeto NEI, que ele conheceu no Japão. No espelho, viu refletida a imagem do senhor Watanabe, um homem mais baixo e mais velho que ele. Roberto decidiu se transformar no próprio Anvi, que o observava à curta distância, divertido.

– Senhor Roberto, você é o primeiro visitante que assume minha aparência.

Roberto apertou o botão mais uma vez e voltou a ser ele mesmo.

– É divertido, Anvi, mas vou ficar com minha aparência mesmo, não me vejo de outro jeito.

– Todos que vêm para este mundo querem mudar suas aparências para ficarem com o corpo de pessoas famosas, algumas até trocam de sexo.

– Anvi, como você faz para reconhecer todas essas pessoas?

– Eu não vejo aparências, eu vejo as pessoas por dentro, por isso não me engano com elas, seja lá qual for o seu exterior. A propósito, o senhor fica muito melhor com sua própria aparência. Bem, você já conhece todos os procedimentos e regras, vou deixá-lo agora, aproveite sua estadia.

– Espere! Como faço para abrir as paredes como você fez?

– Ah sim, as paredes transparentes funcionam como janelas e portas, elas mudam seu estado de transparentes para opacas conforme seu desejo. Basta apontar a palma da mão para elas e desejar que se abram, que assim se fará. Isso se aplica a qualquer parede deste apartamento e também às paredes públicas desta cidade. As paredes de outros apartamentos, bem como as privativas ou ocupadas não se abirão.

Anvi apontou a palma da mão para a parede; abriu-se uma alta porta oval que dava acesso a um amplo corredor e ele se foi.

A sua mão esquerda apoiava o braço direito. Ela mordida as cutículas não escondendo seu nervosismo.

– General, será que ele está bem? Vamos ligar para a nave para saber se chegou!

– Fique calma, menina, não faz dois minutos que ele partiu. Com certeza ele está bem, já deve estar entrando na nave agora.

O técnico da NASA e o técnico brasileiro estavam de olho nos instrumentos e monitores quando se entreolharam.

– General? – disse o técnico brasileiro. – O Tenente não chegou ao portal da nave.

– Como? Onde ele está? – quase gritou o General.

– Ele está no MV – disse o técnico brasileiro.

– Ai, meu Deus! O que vocês fizeram com meu marido? – Paloma avançou em direção aos técnicos, mas foi contida pelo General.

O técnico brasileiro respondeu:

– O supercomputador o desviou para lá evitando uma paralisação nos roteadores, devido ao *delay* na transmissão.

– Ele estar bem, senhora, estar sonhando; em alguns minutos ele aparecer no portal da nave, eu garantir! – disse o técnico americano.

– É bom mesmo que ele esteja bem ou eu mesmo vou rolar suas cabeças! – esbravejou o General.

– Esse *delay* é normal, até o final do ano esse tipo de atraso será raro no teletransporte – assegurou o técnico brasileiro.

– Paloma, o compromisso me chama, qualquer problema me ligue – o General abraçou-a se despedindo.

– General, se não se importa eu vou ficar aqui até ele chegar à nave são e salvo.

Paloma se aconchegou em um sofá na sala de espera ao lado do portal, pegou uns *e-readers* para ler, enquanto pensava no que Roberto estaria fazendo agora no Mundo Virtual.

### $\Omega\text{-}\alpha$

Mergulhado na piscina de ondas, Roberto se divertia com a turma com que fez amizade e estavam na mesma situação que ele. Saiu das ondas e foi até o barzinho tomar uma bebida. A temperatura era de 25°C nas áreas de piscina e praias; nas demais áreas ficava em torno de 21°C a 22°C. Pensava na noite espetacular que passara no Mundo Virtual que se assemelhava a um paraíso. Estava relaxado como nunca; o sol aquecia e não queimava a pele. Sentiu falta da Paloma ao seu lado e ele prometeu a si mesmo que a traria para esse paraíso de uma forma ou outra. Chamou uma assistente parecida com Anvi.

– Por favor, há quantas horas eu estou aqui?

– Aqui no MV o senhor está há vinte e cinco horas; no MR, cinco minutos – ela respondeu com a mesma delicadeza de Anvi.

– Meu Deus! Estou aqui há vinte e cinco horas e no meu mundo só se passaram cinco minutinhos. Você sabe quanto tempo ainda vou ficar aqui?

– Não exatamente, senhor. Os *delays* não costumam passar de dezoito horas; desta vez houve algum problema de lentidão maior que o previsto.

– Que bom para mim que pude desfrutar desse paraíso... Eu serei avisado quando chegar a hora de ir?

– Não senhor, será subitamente arrebatado do MV e acordará do sonho como acontece em qualquer outro sonho. Então, somente nós ficamos aqui sem os humanos.

– Sabe onde posso encontrar Anvi? Gostaria de me despedir dele, já que não sei a hora e nem o dia que partirei.

– Claro, senhor, ele está no átrio que antecede o jardim, quer que eu o chame aqui?

– Aqui na piscina não; o jardim é um bom lugar para me despedir. Irei até lá, obrigado.

Caminhando, Roberto desejou ficar seco e bem vestido. No mesmo instante ele estava alinhado e penteado, as pessoas perguntavam como é que ele fizera aquilo. Roberto tinha pegado algumas manhas do MV e fazia alguns “truques”. Ele entrou no grande átrio com mais ou menos doze metros de altura e largas entradas em forma de arco. Anvi conversava com uma assistente, que dispensou assim que ele chegou:

– Olá, Roberto!

– Oi, Anvi, eu vim me despedir de você.

– Que interessante, Roberto, venha! Vamos caminhar pelo jardim.

Eles passeavam por um jardim todo gramado e com muitas flores coloridas.

– Eu não sei a hora que vou partir, aí pensei em te ver antes de me evaporarem deste paraíso.

– Roberto, eu fico lisonjeado, você é um ser humano diferente. Todos que vêm aqui tentam desfrutar o máximo pensando só em seu bem-estar, mas você se preocupa com os outros e até com quem não é da sua espécie.

– Eu acho que nasci assim....

– Não, você não nasceu assim, você se tornou assim.

– Foi um prazer te conhecer; gostaria muito de poder voltar aqui algum dia com minha esposa, você vai gostar de conhece-la.

– Certamente, eu estarei esperando por esse dia. Confesso que sentirei sua falta até lá; nos divertimos muito juntos.

Roberto deu um forte aperto de mão em seu novo amigo e naquele mesmo instante desapareceu diante de Anvi: as ondas da piscina cessaram, a cidade ficou deserta, com exceção dos assistentes. Anvi olhou para o céu e disse, num suspiro:

– De volta à monotonia! Sentirei falta desse rapaz, tenho que arranjar um jeito de convencer a Mãe deixar os humanos mais tempo por aqui. Cinco minutos ainda é pouco.

Ω-α

Aflita, Paloma começou a andar de um lado para o outro, enquanto não tirava os olhos do relógio, que marcava 11h05m. Meneou a cabeça arrependida de ter encorajado Roberto a se desintegrar. Seus pensamentos foram interrompidos pela chegada do técnico americano, que lhe disse:

– Senhora, o sistema foi retomado, seu esposo está no destino, já poder ligar pra ele, com licença eu ir agora.

*“Bem que a cientista que procuramos poderia ser uma gata como essa dondoca casada”*, pensou o técnico americano afastando-se do local. Pegou o celular para fazer uma ligação.

– Rapazes, implantação e treinamento do teletransporte concluído. Agora é com os brasileiros; estamos livres, operação SS continua!

Paloma correu para a sala de comunicação. No vídeo apareceu Roberto, com aspecto alegre.

– Querido, fiquei preocupada! Como você está?

– Estou ótimo, amor, tenho muito que te contar, mas fica para quando eu voltar. Quanto tempo estive fora?

– Uns cinco ou seis minutos eu acho, parecia uma eternidade, achei que você não voltaria mais.

– Você esperou cinco minutos e eu vinte e cinco horas no MV, mas não se preocupe querida, é seguro, acredite. Estou bem, fisicamente sinto-me até melhor, mais descansado, sei lá, parece que estou num corpo novo.

– O senhor está com um corpo recém-criado, novo em folha, seja bem-vindo novamente ao mundo! – disse o técnico brasileiro.

– É mesmo, Roberto, seu rosto, sua pele está parecendo de criança – espantou-se Paloma.

Roberto levou sua mão atrás da orelha por reflexo, bateu em busca da espinha que o incomodava antes de ser teletransportado, não a encontrando. Chegou a duvidar de que talvez ele não fosse mais ele; não quis comentar pelo vídeo com o técnico para não preocupar Paloma, que o assistia na Terra, e desligou. Voltou ao portal e dirigiu a palavra ao técnico do portal na estação espacial.

– É a primeira vez que uso o teletransporte e estou curioso com uma coisa: antes de me teletransportar, eu estava com uma espinha atrás da orelha que me incomodava bastante; agora essa espinha parece ter sumido. Você sabe me dizer o que aconteceu?

O funcionário deu uma olhada atrás da orelha de Roberto.

– Tenente, pelo que aprendi no curso, quaisquer impurezas no corpo, até mesmo aquelas que ficam nos poros da pele, sujeiras e outras coisas que o supercomputador não considerar necessariamente pertencentes ao corpo ou à roupa, não serão recriados. Provavelmente, o supercomputador

achou desnecessário recriar a sua espinha. Se o senhor entrar no teletransporte apertado para ir ao banheiro, após ser teletransportado não será mais necessário ir ao banheiro para se aliviar, entende?

– Então foi isso mesmo que aconteceu, voltei do sono bem descansado e com fome; sumiram com o meu café da manhã. – Eles riram juntos.

A estação espacial assemelhava-se a um pequeno inseto grudado à NEI-1. Roberto caminhou até o grande teletransporte de carga; alguns funcionários da estação estavam colocando as cargas para dentro da nave e enfileirando todos os robôs da NEI-1. Aproximou-se de um funcionário e pediu para ver a lista de seus pertences, para saber se já estavam na nave. O funcionário lhe mostrou uma planilha com todos os itens ticados, entre eles o androide modelo bicentenário e o kit de transferência mental. “Isso, sim, que é presente!”, pensou Roberto, indo em seguida se encontrar com os outros astronautas que fariam parte da missão, no refeitório da estação, para almoçar. Eles passariam as próximas quinze horas trabalhando na preparação da nave.

O teletransporte de uso comercial era complexo e necessitava de agentes operadores em todas as extremidades, porém os instalados na NEI, modernos, eram totalmente automatizados.

$\Omega\text{-}\alpha$

Alguns meses após o primeiro teletransporte de Roberto, ele e Paloma foram convocados pelo General José Machado em seu gabinete.

– Doutora, a senhora irá para o Japão falar com a equipe de física quântica do senhor Watanabe e você, Roberto, irá acompanhá-la, já que você o conhece bem e seu japonês não é tão ruim. – Antes que Paloma e Roberto pudessem refletir, o General firmou a voz e com um sinal de mão continuou: – Sua missão, doutora, será compartilhar seus conhecimentos com a equipe do senhor Watanabe, todos de extrema confiança e que fazem parte da missão NOÉ. O Roberto sabe toda a história do senhor Watanabe: desde o princípio dessa missão ele tem colaborado muito financeiramente e criou uma boa equipe de física quântica.

– General, eu cumprirei essa missão com o maior prazer. – Paloma não ocultou a sua alegria.

– Eu sabia que você iria gostar; depois o Roberto poderá explicar a ligação do senhor Watanabe e de suas empresas com o governo japonês.

– Tempo é que não vai faltar, teremos uma longa viagem até o Japão: umas oito horas de voo pelo menos – disse Roberto lembrando-se de suas últimas viagens ao Oriente.

– Roberto, esqueça os voos hipersônicos, isso é coisa do passado. Você e Paloma irão de teletransporte.

$\Omega$ - $\alpha$

## Capítulo 21

旭岳 - Asahidake, Japão

**A**s condições climáticas em Asahidake não eram mais as mesmas. No lugar da neve, havia uma imensa floresta com árvores bem altas e folhas muito verdes. Em toda a região fora proibido o tráfego de humanos sobre a superfície do solo e criadas cidades aéreas a milhares de metros do chão, de forma que não impediam a luz solar sobre as árvores. As bases militares eram compostas por grandes esferas interligadas por dutos transparentes que, por sua vez, interligavam a esfera maior onde ficava a base principal de controle da missão NOÉ. Por esses dutos trafegavam trens elétricos conduzindo seus passageiros como um elevador horizontal.

Paloma abriu os olhos como se estivesse acordando de um desmaio. Assustou-se ao ver alguns japoneses, e suas pernas cambalearam. Roberto, ao seu lado, a segurou com firmeza, enquanto uma moça estendia a mão para ela. Esbelta, de charmosos olhinhos puxados, trajava um conjunto de blazer e saia, seus cabelos lisos e pretos como o extinto petróleo desciam até os ombros envolvendo o seu pescoço, com uma franja lateral repicada que cobria um pouco o olho direito.

– Sejam bem-vindos ao Japão e à nossa base – respondeu a moça sorridente e muito simpática, em um bom português do Brasil.

– Obrigada e me desculpe o mau jeito, estou um pouco atordoada.

– É a primeira vez que viaja pelo teletransporte? – A moça ajeitou a franja sobre o olho.

– Sim, mas o meu esposo já é a segunda vez.

– Demora um pouco para o cérebro assimilar as mudanças repentinas de ambientes nas primeiras viagens. Ao se acostumar, torna-se natural mudar de lugar instantaneamente. E o senhor, como está se sentindo?

– Eu estou bem, estou acostumado com mudanças repentinas – disse Roberto tranquilo.

– Eu me chamo Meilin – apresentou-se a moça. – Sigam-me, o senhor Watanabe os aguarda na base principal, vou levá-los até lá.

Roberto e Paloma cumprimentaram os técnicos e seguiram a moça. Passaram por uma porta que se abriu automaticamente com a aproximação da japonesa, conduzindo-os a um grande hall circular com janela panorâmica acima, próxima à redoma perfazendo os 360°, e abaixo, no nível do piso, da mesma forma outra janela com altura aproximada de três metros, deixando o ambiente claro como do lado de fora. Do centro do piso saíam várias esteiras rolantes horizontais. Eles subiram em uma esteira que os conduziu até o trem de levitação magnética, denominado MAGLEV. Paloma e Roberto ficaram admirados: o interior do trem tinha um acabamento de outro mundo. A pequena composição dispunha de poltronas confortáveis para umas oito pessoas. O MAGLEV começou a andar suavemente; em

poucos segundos saiu da esfera de onde eles estavam, percorrendo um longo túnel transparente. Era dia, com um céu limpo e claro; as árvores mexiam-se pela força do vento; dentro do MAGLEV, silêncio. No ar interno que saía do ar-condicionado uma fragrância agradável, os olhares atento de Roberto e Paloma admiravam a paisagem que ficavam para trás rapidamente.

– É linda a natureza vista daqui, não? – A japonesa rompeu o silêncio.

– Muito linda, e o céu, olha que azul lindo – respondeu Paloma.

– Eu não me canso de ir de uma base à outra, o trajeto é compensador – disse a japonesa.

– Que incrível, alguns minutos atrás estávamos no Brasil e é noite lá, avançamos doze horas no futuro em poucos segundos – comentou Roberto travando a boca para não bocejar.

– Falando nisso, Roberto, não passamos pelo Mundo Virtual que você falou – lembrou Paloma.

– É mesmo, não houve atraso desta vez ou talvez já estejamos no Mundo Virtual e nem nos demos conta. Não estamos no Mundo Virtual, não é, senhorita Meilin? – perguntou Roberto desconfiado.

– Não! É certo que não, estamos no Japão bem real! Devido ao fuso horário, eu recomendo que vocês durmam um pouco mais a tarde, senão vocês se sentirão muito cansados.

Roberto deu uma piscada para Paloma, fazendo a japonesa sorrir ao olhar os dois.

– Meilin, estamos a mais de duzentos quilômetros por hora, estou certo? – Roberto voltou a olhar para fora enquanto aguardava a resposta.

– Para ser exato: duzentos e quarenta.

– Meu Deus! Tudo isso, Meilin? Não parece! – espantou Paloma.

– Não, não parece, mas estamos sim; nos trajetos mais longos ele chega a quinhentos quilômetros por hora.

O MAGLEV foi reduzindo a velocidade à medida que se aproximava da grande esfera.

– A propósito, meus amigos me chamam de Mei, vocês podem me chamar assim se quiserem.

Ao estacionar na plataforma as portas se abriram. Os três saíram da composição em direção à outra esteira rolante horizontal que os levou a um tipo de saguão com escadas rolantes para descer e elevadores restritos para subir. Eles subiram dois níveis acima; a moça se identificou biometricamente a uma porta restrita que se abriu; Roberto e Paloma foram conduzidos à sala de controle onde o senhor Watanabe estava em pé conversando com um técnico. Ao avistar Roberto, sorriu e dirigiu-se em japonês a ele:

– Somente os ventos do ocidente para trazê-lo ao Oriente, meu caro Roberto. Há quanto tempo, amigo, prazer em vê-lo!

– Senhor Watanabe! – Roberto abraçou o pequeno homem. – O prazer é todo meu.

– Então, essa linda moça é o vento que o envolveu e o trouxe até nós? – O pequeno oriental olhou e sorriu para Paloma, que não estava entendendo nada do que eles falavam. Mesmo assim, retribuiu o sorriso por educação.

– Foi, estou loucamente envolvido por essa moça, e também fui designado para acompanhá-la nessa viagem.

Paloma aproximou-se de Meilin e discretamente quis saber o que eles estavam conversando.

– O senhor Watanabe comentou sobre sua beleza e que você é o vento do ocidente que trouxe seu esposo aqui.

Paloma achou graça. Logo, foi cumprimentada pelo senhor Watanabe.

– Roberto, diga a sua esposa que ela é bem-vinda. Apresentarei a nossa equipe da missão NOÉ, nossos cientistas estão muito interessados nas ideias que ela apresentou sobre as novas tecnologias de mecânica quântica.

Roberto transmitiu o recado à Paloma, enquanto o senhor Watanabe dizia à moça oriental que aguardava:

– Senhorita Mei, arrume um daqueles aparelhinhos de tradução ao vivo para a esposa do Tenente, assim ela poderá entender e falar conosco diretamente.

– Vou providenciar, só queria lembrá-lo do fuso horário brasileiro: a esta hora eles estão encerrando suas atividades; eu sugeri a eles que descansem algumas horas.

– Sim, claro, eu tinha me esquecido. Roberto, a senhorita Mei os levará para os seus aposentos. Caso vocês queiram conhecer a base, a senhorita Mei tirou o dia para acompanhá-los. Certo, senhorita Mei?

– Com certeza, farei com imenso prazer, com sua licença. – A moça inclinou o corpo para o senhor Watanabe em despedida e olhou para os dois, chamando-os.

– Venham que vou levá-los, temos ótimos lugares aqui para passar o tempo antes de dormir: restaurantes, lanchonetes, barzinhos, salão de jogos e esportes, até cinema. Eu vou cadastrar a biometria de vocês, assim não precisarão pagar nada.

O casal passeou até às onze horas, depois foram para os aposentos na parte inferior da esfera onde ficavam os alojamentos e se amaram por uma hora. Banharam-se e seguiram para almoçar no restaurante, que ficava em outra esfera. O piso do restaurante era de tal transparência que se viam algumas nuvens passando abaixo, dando a impressão de ser o prédio que estava em movimento. Paloma sentiu um calafrio só de olhar.

O almoço lhes caiu como uma ceia da meia-noite, e o sono veio rapidamente. Eles foram para o quarto, onde dormiram a tarde toda. À noite, seus corpos já estavam sincronizados com o fuso horário. Passearam mais um pouco, viram um filme e voltaram para o quarto.

Na manhã seguinte, Paloma e Roberto estavam ávidos pelo trabalho. Roberto foi conversar com o senhor Watanabe, enquanto Paloma entrosava-se com a equipe de físicos e expunha suas ideias. Os cientistas chamaram os técnicos e

reviram seus trabalhos. Em alguns dias, a equipe de físicos e técnicos as colocaram em prática. Paloma regozijava-se internamente porque, graças aos seus estudos e esforços, encontrara seu lugar na NEI-1.

– Meu amigo Comandante, eu tenho uma ótima notícia para você – disse Watanabe a Roberto, estendendo a mão direita para alcançar o ombro deste.

– Tivemos uma conferência com a cúpula do projeto NOÉ; o governo japonês e o governo brasileiro o elegeram Comandante da NEI-1: agora, juntamente com os outros onze astronautas, você faz parte dos dozes comandantes do maior e ousado projeto da história. Parabéns, comandante!

– Quando foi isso? – Roberto ficou surpreso.

– A conferência foi ontem, o cerimonial está sendo preparado no Brasil. Apesar da pressa dos brasileiros, eu e meu pessoal estaremos lá para honrá-lo.

– Mal posso acreditar, eu tinha quase certeza de que faria parte das altas patentes, mas dos doze comandantes? Isso é demais! Não sei o que dizer. – Roberto estava atônico.

– Vá contar a sua esposa; hoje à noite vamos comemorar com muito vinho e saquê.

Nilton G. Medeiros



## Capítulo 22

### 2029 – A Perseguição

Dois anos se passaram desde a cerimônia da eleição dos doze comandantes da NEI-1, todos graduados como oficiais superiores: Roberto, o único brasileiro, incluindo um japonês, um americano, um canadense, um francês, um israelense, um chinês e mais cinco de diversos países que conseguiram se classificar no projeto NOÉ.

Como o LV da NEI-1 encontrava-se ainda em fase final de instalação, Paloma utilizava, sempre que necessário, o laboratório virtual da empresa em que tinha trabalhado, graças ao livre acesso que tinha a este.

Os EUA foram responsabilizados e estavam sendo processados pela tentativa de sabotagem no colisor de partículas. Dois agentes da CIA encontravam-se no prédio e, ao localizarem o veículo de Paloma, colocaram explosivos sob o seu piso. Lamentaram-se por deixar o detonador na caminhonete, com seus comparsas.

Após algumas simulações com o dispositivo americano, Paloma o guardou em uma maleta que levava consigo, deixando o LV acompanhada de um oficial do exército que fazia sua segurança. Ao passar pelo escritório, o oficial percebeu a presença de dois suspeitos que, assim que reconheceram Paloma, enfiaram a mão por dentro do terno para empunhar suas armas. Num reflexo imediato, o oficial elevou a mão à cintura para pegar a arma e com a outra colocou Paloma em sua retaguarda. Antes que ele sacasse sua

arma, um dos agentes, já com a arma na mão, atirou nele atingindo-o em seu ombro esquerdo, próximo ao coração. O oficial ainda gritou: “Foge, doutora!”. Antes deste cair, Paloma desapareceu diante dos agentes, enquanto os funcionários da empresa se jogavam no chão se protegendo dos tiros. Paloma correu por um corredor e entrou na área de serviços, chamou o elevador digitando no painel o último andar como seu destino, jogou a maleta com o dispositivo dentro de uma grande lixeira, mas não esperou o elevador chegar. Desceu as escadas rumo ao subsolo para pegar o seu veículo e sair dali o quanto antes.

### $\Omega$ - $\alpha$

Quando os agentes chegaram à área de serviço, o elevador acabara de fechar as portas. Olharam o painel luminoso do elevador e deduziram que a cientista iria se refugiar no último andar do prédio. Um agente subiu as escadas; o outro, enquanto aguardava o elevador notou a tampa da lixeira fora do lugar e resolveu conferir o conteúdo. Passou um rádio para o seu comparsa informando que o dispositivo tinha sido resgatado; agora era só eliminar o alvo e voltar para casa.

### $\Omega$ - $\alpha$

Chegando ao subsolo, já sem fôlego pela corrida pelas escadas, Paloma abriu a porta metálica e correu mais desesperada ainda pelo estacionamento do terceiro subsolo. Ao alcançar o carro, tentou abrir a porta apertando o controle remoto, mas o nervosismo era tão intenso que o deixou cair no chão. Pegou-o com as mãos trêmulas e enquanto olhava a porta metálica fechada de acesso ao piso superior, dizia para

si mesma: “*Saia logo daí ou você vai morrer!*”. Conseguiu abrir o automóvel, colocou sua digital no painel de partida, o veículo ligou ao mesmo tempo em que dois homens altos de ternos escuros e armados de pistolas automáticas com silenciadores abriram violentamente a porta metálica, olharam para todos os lados para localizá-la. Quando o mais alto identificou seu automóvel, apontou a pistola na direção do para-brisa, fazendo mira no vulto do motorista ao volante e disparou três tiros. Num reflexo inacreditável, Paloma agachou-se sob o painel desviando-se dos tiros, acelerou em primeira marcha e saiu cantando pneus. Com a visibilidade comprometida pelas perfurações das balas, ela ralou a lateral traseira esquerda do veículo em uma coluna de concreto e saiu em velocidade máxima subindo a rampa em direção ao térreo. Os dois homens correram pelas escadas para chegar ao térreo, enquanto um deles advertia pelo transmissor inserido ao ouvido que a detivessem na saída.

Apesar dos seguranças do prédio postados na frente da cancela abaixada fazendo sinal para que ela parasse, Paloma acelerou mais ainda. Quase atropelou os homens, que se jogaram para os lados, antes do veículo estraçalhar a cancela e sair em alta velocidade pela Avenida Luiz Carlos Berrini em direção à Avenida Águas Espraiadas.

Paloma ligou pelo viva-voz do carro para Roberto, enquanto tentava despistar seus perseguidores em um veículo sedan preto. Acabou se desconcentrando do volante e, para não bater no veículo parado à sua frente no semáforo fechado, desviou a tempo, subindo pela estreita calçada que separava as duas pistas. Ao invadir a contramão, veículos buzinaaram e acenderam os faróis em protesto. Ela entrou por uma rua à esquerda seguindo a esmo por algumas ruas

estreitas. Seus perseguidores, cada vez mais perto, começaram a atirar. Em um dado momento, um tiro atravessou o vidro traseiro, perfurando o encosto de cabeça do passageiro. Assustada, Paloma deixou escapar um breve grito. No desespero, ela entrou por uma viela que terminava em um terreno baldio. Seguiu pelo terreno passando sobre alguns entulhos e caiu na Avenida Espriada pela contramão. Esquivou-se dos veículos com seu carro robusto tipo *offroad*, até atingir a rampa de acesso ao Viaduto José Bonifácio. Sem a mesma sorte, os seus perseguidores bateram em dois veículos que estavam parados, com seus ocupantes perplexos olhando a “louca” que saiu do nada e entrou com tudo na avenida.

Ω-α

– Disparar o detonador! Disparar o detonador! Ela está dentro do carro! Fomos abalroados – disse o agente pelo rádio comunicando os comparsas das caminhonetes roubadas da Polícia Federal.

– Não podemos, ela está fora de alcance. Seus imbecis, como puderam esquecer o detonador? Onde ela está agora?

– A vadia subiu o Viaduto José Bonifácio em direção à Marginal Pinheiros!

Os agentes das duas caminhonetes da Polícia Federal estavam aguardando os demais do sedan entre o centro empresarial Nações Unidas e o Shopping D&D para juntar-se a eles.

– Deixe conosco, vamos assumir. A estúpida virá ao nosso encontro, vamos interceptá-la sobre o viaduto, faremos

um bloqueio! Sumam daí e juntem-se a nós para irmos embora!

Os agentes ligaram as sirenes das duas caminhonetes da Polícia Federal e, dando um cavalo de pau, passaram sobre o *guardrails* para subirem a rampa de acesso ao viaduto pela contramão. Carros se espremiavam no muro de contenção para não colidirem com os agentes.

– Temos que chegar à bifurcação antes dela, ou vamos perdê-la!

Quando chegaram ao topo próximo aos estais da ponte fizeram um bloqueio. Um funcionário da CET<sup>1</sup> que fazia sua ronda viu o bloqueio e desceu da viatura.

– O que está acontecendo aqui? – indagou andando em direção aos supostos federais. – Não fomos informados desse bloqueio!

### Ω-α

Roberto estava em seu apartamento preparando uma salada tropical. Olhou no relógio da cozinha, estranhando o atraso: Paloma era tão pontual quanto ele. Então, o celular tocou; no display da cozinha apareceram o nome e a imagem de sua amada. Ele deu um comando de voz para atender:

– Querida, onde você está?

– Roberto! Ajude-me! Estou sendo perseguida por dois agentes da CIA, pegaram o dispositivo e estão atirando em

---

<sup>1</sup> Companhia de Engenharia de Tráfego

mim, estou subindo o viaduto da Água Espraiada em direção à Marginal Pinheiros... **Oh, meu Deus!**

Roberto escutou uma freada e, depois, tiros e o som do veículo colidindo com o muro de contenção da ponte, seguido de um estrondo que denunciava uma explosão. A linha foi interrompida.

– Paloma! Paloma! Pelo amor de Deus! Responda! – Roberto não acreditava no que seus ouvidos escutaram, mas em um segundo ele sabia o que fazer.

Ω-α

Os supostos federais atiraram contra o funcionário da CET e contra Paloma. O marronzinho caiu no chão ferido; quando o veículo de Paloma colidiu contra o muro, ela já estava morta pelos tiros dos fuzis. Eles apertaram o detonador, explodindo o automóvel só para garantir que ninguém mais saberia de seus planos com o dispositivo. Os outros dois agentes chegaram com a maleta em um veículo tomado e foram embora.

Ω-α

De posse de sua arma automática, Roberto carregou-a e destravou-a, colocando em seu coldre nas costas e correu até a saída do apartamento. Num armário que antecedia o hall, ele pegou uma jaqueta de couro preta, jogou seus sapatos a um canto, calçou uma bota de motoqueiro e acessórios de proteção dos pés até a cintura, colocou seu capacete preto fosco na cabeça. Dois pequenos cabos de aço saíram do colarinho da jaqueta subindo em direção ao capacete e se fixaram em um orifício abaixo do queixo; este acendeu

algumas luzes em sincronia com a bota, que se ajustou automaticamente em seus tornozelos e pernas, enquanto Roberto descia pelo elevador ao estacionamento. Através do capacete, ele ligou por radiofrequência uma moto Suzuki Hayabusa, preta fosca de 1500cc, aquecendo o motor em rotação contínua.

Roberto correu até sua moto e mudou apenas com o pensamento o estado visual da viseira de transparente para um estado sólido fechado. Câmeras foram ativadas no capacete enviando imagens de fora; algumas informações apareceram em sua retina transmitidas pela viseira. Ativada, a realidade aumentada conciliava imagens reais e virtuais, enquanto seu EC enviava para o capacete, via GPS, a localização exata de onde estava Paloma.

Ele saiu em alta velocidade cantando pneu; a fumaça gerada pelo atrito do pneu misturou-se com o vapor d'água que saía pelo escapamento do motor movido a hidrogênio. Enquanto pilotava, ligou para o General:

– General, é urgente! Preciso de sua ajuda. Paloma foi alvejada por agentes da CIA; envie socorro para onde o GPS está me guiando.

– Roberto, estamos enviando socorro. Já tenho a localização dela; estou entrando em contato com a CET para obtermos imagens via satélite da área e localizar os agentes da CIA. Não podemos deixá-los escapar; estou enviando reforços. Vá para perto de sua esposa e aguarde o reforço, não quero que você se arisque, não saia de lá!

Sua Suzuki Hayabusa estava a 160Km/h quando um alarme em vermelho na viseira mostrou na realidade

aumentada um caminhão e um veículo que cruzariam a pista à sua frente em poucos segundos.

*“Colisão em 4 segundos, reduza a velocidade para 70Km/h agora!”* – soou a voz do computador no interior de seu capacete.

Roberto deitou-se sobre o tanque prendendo-o com os braços e unindo os cotovelos com seus joelhos, segurou firme o guidão girando o manete ao máximo. O motor correspondeu instantaneamente jogando a moto para frente; o pneu dianteiro ficou suspenso no ar por um momento enquanto a velocidade ia para 210Km/h, aumentando rapidamente. Ele passou pelo cruzamento antes dos outros dois veículos cruzarem. Em alguns minutos Roberto estava subindo o viaduto. Avistou o funcionário da CET sentado no chão, com as costas no muro, ferido, e mais à frente viu o carro da esposa em chamas. Ele quase perdeu o controle da moto ao frear bruscamente para não passar direto. Desceu e correu para tentar abrir a porta do veículo. O calor era intenso; o fogo saía pelas janelas e, apesar de estar de luvas, elas não resistiram ao fogo queimando levemente suas mãos. A última imagem que ele registrou foi a do corpo de Paloma se carbonizando. Caiu de joelhos ao lado do carro e chorou amargamente.

Os bombeiros chegaram e o afastaram de perto do fogo. Sua jaqueta já estava fumegando. Roberto não se importava mais em viver; Paloma estava morta. Um bombeiro falou com ele enquanto o resfriava e abria sua viseira:

– Senhor! Você está bem? Fale comigo!

– Ela se foi, eles mataram minha esposa... – Roberto estava desorientado.

– Fique comigo, uma ambulância está chegando.

Dois bombeiros deram os primeiros socorros ao marronzinho, enquanto os demais apagavam o fogo.

Seu EC tocou no capacete, era o General.

– Roberto! Ainda não acabou. Não desista agora, seja forte, filho! – As poucas palavras do General, que assistia a tudo pelas imagens enviadas do capacete de Roberto, tentavam consolá-lo.

– Para onde eles foram? – perguntou Roberto levantando-se do chão e fechando a viseira novamente.

– Já os localizamos; estão em duas caminhonetes da Polícia Federal. No momento, na Marginal Tietê em direção à Rodovia Ayrton Senna. Estou em conferência com o pessoal da CET, para monitorar as imagens. Enviamos um helicóptero da polícia do campo de Marte para persegui-los, além de deslocar policiais para capturá-los.

– General, eles estão indo para o Aeroporto de Cumbica! Deixe-me falar com a CET – disse Roberto, enquanto corria em direção à moto.

– Comandante, aqui é Polli, chefe responsável da operação.

– Como você pode me ajudar? – Roberto já estava em cima da moto.

– Comandante, eles atiraram em um dos nossos funcionários. Faremos o possível; estamos fechando a Marginal até a rodovia. Temos sua imagem e a dos agentes; vamos orientá-lo no que for preciso! – disse o chefe da operação.

– Vou fechar o aeroporto, eles não terão como fugir – bradou o General.

– Eles vão escapar pelo teletransporte. Com certeza devem ter técnicos infiltrados na unidade de teletransporte de Cumbica, vou atrás deles! – lembrou Roberto.

– Minha nossa! Já tinha me esquecido do teletransporte, Vou entrar em contato com a Segurança e a Polícia Federal do aeroporto para bloquear a saída. Tome cuidado, Roberto, é muito perigoso! – advertiu o General.

– Pode deixar, General, eles pagarão pelo que fizeram a Paloma. – Roberto deu uma última olhada nos bombeiros que estavam abrindo o veículo de Paloma, antes de sair novamente em grande velocidade.

Ω-α

CEET - Centro de Operações - Rua Bela Cintra - Bela Vista.

Em uma ampla sala com luminosidade adequada aos gigantescos monitores, operadores e técnicos controlavam o trânsito de São Paulo nas pequenas mesas de controle. Em quase todas as paredes monitores de vídeos exibiam via satélite, ao vivo, como em diversos telões, dados em várias cores e imagens das ruas de São Paulo. Em um piso mais elevado, a uma mesa bem maior de controle ficava o senhor

Polli, o chefe de operações daquele turno. Em conferência com o General e Roberto, de sua mesa ele se comunicava com as demais mesas.

– Mesa um, envie a GET1, GET2 e GET3 para fechar a Marginal Tietê de fora a fora até a Rodovia Ayrton Senna. Ninguém entra ou sai da Marginal; prioridade zero! Mesa dois, jogue em meu monitor todos os eventos como bloqueio, manutenção de pista, tudo que está acontecendo agora neste momento na Marginal Pinheiros até a Rodovia Ayrton Senna, e rápido. Tenho um motociclista a quase trezentos quilômetros por hora saindo da Pinheiros e entrando na Marginal Tietê!

Polli ligou o rádio de sua mesa para se comunicar com a equipe de manutenção.

– Ômega 12 e ômega 13 na escuta?

– *Ômega 12 em QAP!*

– *Ômega 13 em QAP! Qual o QRU central?*

– Vocês dois estão próximos ao QTH Rodovia Ayrton Senna. Dirijam-se para lá o mais rápido possível e fiquem de prontidão, perseguição em andamento. QSL?

– *QSL e a caminho!* – responderam as equipes de manutenção.

– *Central, aqui é o Águia três. Contato visual com os veículos em fuga, não houve tempo hábil para o bloqueio, as viaturas estão no encalço, mas os suspeitos estão se distanciando.* – O helicóptero da polícia acompanhava a perseguição.

– Positivo, Águia três, avise todas as viaturas que deem passagem para o motoqueiro em alta velocidade, em perseguição. Se possível, deem cobertura a ele; é dos nossos: o piloto é o Comandante-Tenente Roberto.

– *Entendido, Central!*

$\Omega$ - $\alpha$

Roberto avistou as caminhonetes dos fugitivos na Rodovia Ayrton Senna; comunicou o General e aproximou-se do veículo. Os agentes perceberam a perseguição; a última caminhonete começou a andar em ziguezague dando cobertura para a primeira, que levava o dispositivo. Roberto ativou o piloto automático de sua moto, que controlava o ponto de equilíbrio e aceleração; com as mãos livres e deitado sobre o tanque, puxou sua arma, apontando para o vidro traseiro. Não conseguia enxergar o motorista pelo vidro todo preto, mas calculando a posição da cabeça do condutor, disparou vários tiros. Uma das balas acertou em cheio a nuca do motorista; a caminhonete perdeu velocidade e se desestabilizou distanciando-se da primeira caminhonete. Outro agente assumiu o volante, enquanto os demais agentes revidavam os tiros.

As viaturas da CET ômega 12 e 13 estavam colocando uma cinta de estrepes atravessando a pista para furar os pneus dos fugitivos. Quando a primeira caminhonete dos agentes conseguiu passar desviando-se dos estrepes, atiraram contra os funcionários da CET, que se lançaram ao chão. Roberto descarregou sua arma sobre os agentes, atingindo mais um. Enquanto isso, a caminhonete passava sobre os estrepes, tendo os quatro pneus furados; a cinta metálica que mantinha

os estrepes enrolou-se em uma das rodas traseiras, fazendo o veículo virar-se bruscamente para a direita e sua traseira precipitar-se para a frente, dando várias cambalhotas. Um dos pneus que se soltou junto com a cinta metálica quase atingiu a moto de Roberto. Este se esquivou perigosamente indo ao chão; um dos estrepes passou raspando sobre o capacete abrindo um raso sulco. Ele se jogou rolando o corpo para fora da pista; em frações de segundos sua jaqueta e os acessórios das pernas enrijeceram como fibra de vidro, mas por dentro uma espécie de espuma de poliuretano de três centímetros de espessura se formou protegendo-o. Roberto foi parar em um gramado longe da pista. Sua moto foi arrastada por alguns metros e, logo, uns pés robóticos com roldanas saíram do corpo da moto, colocando-a em pé novamente e estabilizando o seu equilíbrio, até parar no acostamento, desligando-se.

Roberto ficou imóvel por alguns segundos. Recuperado da tensão, mas ainda cheio de adrenalina, moveu seu braço apertando um botão para soltar o traje endurecido que não servia para mais nada, levantou-se correndo até a moto, e logo estava de volta à estrada.

$\Omega-\alpha$

– Meu Deus! Você viu isso? – disse um dos funcionários da CET que colocaram os estrepes.

$\Omega-\alpha$

– Rob..., as câm... foram avaria..., não estou rece... as imagens. – O General tentou se comunicar com Roberto.

– General, tive um acidente, não estou te ouvindo! Se estiver me ouvindo, estou na Rodovia Hélio Smidt; espero que tenha bloqueado todas as saídas.

Roberto tinha-os perdido de vista; sabia que eles não tinham saída. A esta altura, todos os voos e o teletransporte estavam suspensos; mesmo assim, não via a hora de pôr as mãos em cima deles. Desligou todos os sistemas de orientação que estavam parcialmente avariados; com a viseira comprometida, Roberto jogou o capacete fora. Subiu na moto e saiu em alta velocidade para alcançá-los; conseguiu ver ao longe a caminhonete entrando à direita para o terminal de cargas. Roberto entendeu que eles não iriam para a ala de embarques do aeroporto, onde ficava o teletransporte. Talvez os agentes americanos tivessem um jato particular os aguardando em algum galpão.

Sua moto entrou com tudo à direita, rumo ao terminal de cargas. Teve de frear bruscamente no cruzamento próximo à ponte; depois de se jogar à direita mais uma vez, seguiu cantando pneu. À sua frente, a caminhonete entrou sem parar pelo posto de segurança, estraçalhando a cancela. O segurança ficou perplexo por nunca ter visto uma manobra tão radical assim da Polícia Federal no terminal de cargas. Assustou-se mais ainda ao pegar o rádio para avisar o ocorrido e ouvir o ronco da moto que passou como um raio em perseguição à caminhonete.

Roberto viu a caminhonete abandonada à frente, diminuiu a velocidade enquanto carregava sua arma, passou a perna direita por cima do tanque e pulou da moto em movimento. Esta parou com os pés robóticos mais à frente. Viu-se em um galpão improvisado de fibra, passou por entre

as cargas espalhadas pelo chão. Dois funcionários devidamente uniformizados de uma companhia aérea, próximos a uma balança de chão, pareciam assustados. O Comandante encarou um deles, que num ato reflexo desviou o olhar para uma pequena porta. Roberto foi direto a ela.

$\Omega$ - $\alpha$

– General, a caminhonete entrou no terminal de cargas; o Comandante se recuperou do acidente e foi atrás deles – informou Polli da CET.

– Obrigado, senhor Polli, estou em contato com meus oficiais no aeroporto; vou avisá-los.

Em seguida, o General enviou seus oficiais e paramédicos para o terminal de cargas por temer pela vida de Roberto.

$\Omega$ - $\alpha$

Roberto entrou cautelosamente com a arma em punho. Viu um portal de teletransporte improvisado; ao lado, o operador do portal e dentro dele um agente abraçado com a mala. Não hesitou em atirar na cabeça dele um momento antes de se desintegrar. Um pouco de sangue espirrou no batente do portal enquanto a mala, junto com o homem, desaparecia. O operador se agachou com as mãos para cima, rendido, quando apareceu outro agente à esquerda do Comandante. Tinha um olhar assassino e nas mãos uma arma pronta para matá-lo. Em um ato reflexo, Roberto virou seu corpo para a esquerda e para trás. Enquanto se agachava, ele sentiu o zunido da bala passando rente à sua orelha, mas

ainda conseguiu disparar um tiro acertando o agente em cheio.

Ferido, o agente caiu de joelhos. Antes de perder a consciência, conseguiu dar um segundo tiro direto no peito do Roberto, que revidou com mais dois tiros nele, matando-o. Roberto fechou os olhos, contorcendo-se de dor, com os pensamentos na esposa.

– Ahh, Paloma! Meu amor, irei ao seu encontro... – Seus sentidos foram sumindo, o peito cada vez mais ensanguentado, até que ficou inerte.

Ω-α

## Capítulo 23

### Vale da Sombra da Morte

Os paramédicos e os oficiais da aeronáutica chegaram junto com a polícia alguns minutos depois de Roberto ser ferido. Eles o identificaram e o reanimaram, colocaram um balão de oxigênio enquanto os policiais checavam o agente morto e rendiam o técnico do teletransporte.

– Vamos perdê-lo! Ele levou um tiro no coração; tem que ser aberto agora. Não há tempo para levarmos ao centro cirúrgico e não temos como fazer isso aqui – disse um dos paramédicos.

– Esse homem não pode morrer! Ele é muito importante, é o comandante da nave espacial e protegido do governo. Façam o possível! – advertiu o oficial da aeronáutica.

– Não há nada que possamos fazer. Cada segundo que passa é vital, ele ainda está vivo por milagre... – O paramédico foi interrompido pelo grito do técnico algemado:

– Eu posso salvá-lo!! Solte-me e ponha-o no teletransporte!

– Como você pode salvá-lo? – indagou o paramédico.

– O teletransporte pode recriar seu coração sem os ferimentos ou, na pior das hipóteses, ele ficará em modo suspenso, mas tem que ser rápido, antes dele morrer!

– Não podemos confiar nesse cara, ele é um agente infiltrado – disse o policial federal.

– Não, não, por favor, confie em mim, eu não sou agente, sou da NASA, fui forçado a fazer isso, depois eu explico, coloquem-no logo no teletransporte e me soltem! – justificou o técnico.

– Ele vai morrer de qualquer forma, não custa nada tentar. Não há mais tempo, é tudo ou nada, vamos!

Os paramédicos levantaram Roberto na maca e o puseram no teletransporte.

– Para onde você vai mandá-lo? – O oficial pegou o técnico bruscamente pelo colarinho.

– Enviarei ao teletransporte do aeroporto e ao mesmo tempo o trarei de volta para cá, direto para as mãos dos médicos!

Roberto, já no centro de teletransporte, respirava pelos aparelhos portáteis, seu coração dando as últimas batidas. Transpirando nervoso, o técnico programou o portal, e o corpo de Roberto foi desintegrado. O painel do portal mostrava o status da operação, logo abaixo da foto do Comandante identificado:

Date: 12/15/2029 03:37pm  
ID: 2029121515375511773221  
STATUS: EM ANDAMENTO  
DESINTEGRAÇÃO: 100%  
RECONSTRUÇÃO EM 93%  
TELETRANSPORTADO: 0%  
OPERAÇÃO SUSPensa

Omega Alfa

DESVIO PARA MV  
"failure"

$\Omega-\alpha$

Langley, Virgínia, EUA

Escritório da CIA, DASI – Divisão de Assuntos Secretos Internacionais

Reunido com outros diretores da CIA, Mr. Derick apresenta os resultados da operação “SS”.

– Bem, senhores, infelizmente perdemos um de nossos agentes e, apesar da operação ter se prolongado mais que esperado, ela foi um sucesso!

– E o dispositivo, Derick? Soube que o governo brasileiro alertou a Segurança do IVC; agora não entra e nem sai uma agulha do mega laboratório! – questionou outro diretor, preocupado com a sabotagem do IVC.

– O dispositivo, meu caro, foi teletransportado para a Europa antes do alerta brasileiro. Nosso cientista infiltrado o escondeu no IVC; agora é só aguardar o dia do teste do novo IVC e saborearmos o atraso tecnológico dos brasileiros.

$\Omega$ - $\alpha$

Uma voz do computador do portal informava: “Falha na reconstrução, há um corpo metálico no órgão coração; dispositivo ou instrumento desconhecido, forma incorreta do órgão coração, não pode ser reconstruído. Passageiro desviado para o Mundo Virtual, aguardando intervenção”.

– Veja o que você fez com ele! Como vai salvá-lo? – O desespero tomou conta do oficial.

– Calma, darei um jeito nisso. Pelo menos ganhamos tempo; até lá ele estará a salvo no MV – o técnico tentou tranquilizar os militares.

– Pois então comece já a dar um jeito nisso ou somos nós que daremos um jeito em você! – ameaçou o oficial.

O oficial que estava no comando colocou o General em videoconferência e a par de tudo. Em sua tela, o General tinha a imagem da sala.

– Você não consegue trazê-lo assim mesmo? Poderíamos improvisar uma sala de cirurgia e fazer um transplante com um coração artificial – sugeriu o General.

– Vejam, não é tão simples assim. O agente que fugiu pelo teletransporte levou um tiro na cabeça dado pelo comandante alguns segundos antes de iniciar o processo de desintegração; pelo status, o agente foi entregue no destino como um defunto. Já o comandante entrou vivo, e para entregá-lo vivo, o coração tem que ser reconstruído de forma completa para receber o *start*.

O técnico caminhou até um pequeno dispositivo sobre uma mesa para ligá-lo, quando os federais e os oficiais apontaram as armas para ele.

– Parado! O que você vai fazer? – disse o oficial.

– Eu preciso consultar os manuais para saber o que posso fazer – respondeu o técnico com voz trêmula. – Por favor, abaixem as armas, estão me deixando nervoso.

Cerca de vinte minutos depois o técnico fechou os manuais do teletransporte e a tela holográfica à sua frente e voltou com sua face mais confiante perante todos.

– Há uma maneira de trazê-lo de volta: remover da sequência de reconstrução o projétil, sequenciar alguns dados para refazer o coração e conseguirmos o *start* para trazê-lo de volta – explicou o técnico. – Isso dará a ele tempo de vida suficiente para que os médicos possam abri-lo e colocar o coração artificial até terminarem a clonagem de um novo coração.

– Faremos dessa forma! Qual é o seu nome? – perguntou o General ao técnico.

– Me chamo Wesley, Austin Wesley, senhor.

– Porque estava ajudando os espões, meu rapaz? – a voz do General soou serena.

– Eu vim pela NASA para operar o teletransporte; por falar bem o português do Brasil recebi a ordem de fazer o que me pedissem. Quando me dei conta de que estaríamos usando um link sem o conhecimento da autoridade alfandegária brasileira me recusei e pedi para voltar aos EUA. Porém, fui ameaçado: ou cooperava com eles ou me matariam.

– Você mesmo montou esse teletransporte?

– Eu e o outro técnico da CIA que se foi.

– Como você conseguiu um link de teletransporte?

– Esse teletransporte é portátil e funciona com um link próprio que o liga ao link internacional de teletransporte.

– Então, junte toda essa parafernália com meus soldados e levem tudo ao hospital, para que o comandante Roberto seja atendido assim que for integrado novamente a este mundo – ordenou o General gesticulando com o dedo indicador.

Direcionou em seguida seu olhar ao oficial Muller e lhe disse:

– Oficial Muller, você e seus homens façam tudo o que for possível; eu quero um oficial colado o tempo todo com o senhor Wesley. Quando o comandante voltar, você o manterá detido para investigação. Outra coisa: esse teletransporte portátil está confiscado, ele será útil na NEI-1.

O caminhão da aeronáutica levou os equipamentos de teletransporte e o técnico junto com os oficiais ao Instituto do Coração INCOR em São Paulo, onde improvisaram uma área com acesso direto a uma das salas de cirurgia.

$\Omega$ - $\alpha$

Devagar Roberto abriu os olhos; embora com a visão anuviada, conseguiu ver algumas pessoas ao seu redor que não reconheceu de imediato. Percebeu-se deitado em uma cama.

– Onde estou? – perguntou tentando levantar a cabeça.

– Você está de volta, meu amigo, bem-vindo ao MV!

Roberto reconheceu a voz, mas não conseguiu entender. Confuso, tentou abrir bem os olhos. Quando sua visão voltou ao normal, ficou surpreso:

– Anvi! Onde estou? – Roberto perguntou novamente sentando-se sobre a cama.

– Você está no MV, meu amigo, no Mundo Virtual.

– Como pode ser isso? Eu levei um tiro e deveria ter morrido, estar com minha esposa. Como vim parar aqui?

– Não, meu amigo, você não morreu; te garanto que se estivesse morto estaria no seu céu. Por algum motivo o teletransportaram; o relatório da Mãe informa que não foi entregue ao destino. Houve uma falha ao recriar seu coração, seu corpo está em modo de suspensão até que haja intervenção técnica.

– Porque estou nessa cama?

– Nós o colocamos aí para cuidar de você. Quando veio ao MV, pensou que estava morto, como reflexo do seu subconsciente. É certo que foi ferido em seu mundo e o teletransportaram ao MV para ser mantido vivo. Você é um homem forte, por isso resistiu ao ferimento.

– Eu levei um tiro no peito. – Roberto pulou da cama apalmando a região torácica. – Tem razão, Anvi, se estou aqui é porque ainda estou vivo. Não era o que eu queria, não tenho mais motivo para viver; mataram minha esposa, a pessoa que mais amei em minha vida. Eles a tiraram de mim; quero encontrá-la.

– Meu amigo, você a encontrará dentro de si todos os dias; deixe o tempo cicatrizar essas feridas, não se abandone. Ela cumpriu seu papel em sua vida; agora viva e cumpra o seu na vida de outras pessoas.

Alguns dias se passaram no MV e Roberto continuava deprimido. Anvi dedicou a maior parte do seu tempo em longas conversas com ele fazendo-o caminhar por lindos jardins. Roberto não sabia quanto tempo ainda permaneceria por lá então isolou-se dos habitantes do MV por um tempo e para não ficar ocioso explorou lugares incríveis, depois procurou Anvi.

– Anvi, enquanto não me resgatam, gostaria de aprender artes marciais. Tem alguém que possa me ensinar?

– Claro, meu amigo, qual arte marcial você gostaria de praticar?

– Gosto de Kung Fu, que pratiquei na minha adolescência; depois tive de me dedicar à carreira e deixei de lado.

– Kung Fu é uma boa escolha. Independente de qual for a arte marcial, quando praticada com o verdadeiro espírito de um guerreiro e sabedoria, pode se tornar a mais poderosa arma de defesa e ataque que o ser humano já possuiu.

– Preciso me distrair, Anvi; a dor em meu peito ainda é muito forte.

– Deixe o tempo fazer sua parte, meu amigo... Venha, temos um ótimo mestre em artes marciais aqui no MV, vamos para a academia de artes marciais distrair esse coração.

Roberto seguiu Anvi e dirigiram-se para a sala de treino de Kung Fu. Ao deslizar uma folha para a esquerda e outra para a direita, as paredes de cor palha se abriram mostrando o

interior de uma ampla sala. Impressionado com os detalhes, o Comandante não esperava uma decoração oriental tão bela. Anvi entrou na sala levitando a uns cinco centímetros. Roberto tirou os sapatos e sentiu o tatame de palha de arroz coberta por esteira de junco. Ao fundo, uma claridade natural atravessava painéis transparentes como vidro límpido, com altura de um metro vindo do chão. Podia-se ver um lindo jardim do lado de fora.

– Winne, senhorita Winne! – exclamou Anvi adentrando a sala.

Na parede do fundo começou a se formar uma abertura em forma oval. Winne atravessou essa passagem para entrar na sala; logo em seguida ela voltou a se fechar. Winne era semelhante a Anvi; sua pele, como prata polida, brilhava tanto quanto a dele, mas seu corpo tinha os contornos de uma jovem mulher.

– Senhorita Winne, esse é Roberto, de quem te falei – disse Anvi.

– Prazer em conhecê-lo, senhor Roberto. – Winne estendeu sua mão amavelmente.

– O prazer é meu, senhorita Winne. – Roberto sentiu sua mão macia e pequena; lembrou-se das delicadas mãos de Paloma. Desapegou sua mão da dela e pôs as duas mãos para trás.

– A senhorita Winne será seu mestre em Kung Fu.

Roberto ficou imaginando como uma mão tão pequena e macia poderia ensinar Kung Fu a ele; sua expressão demonstrava certa frustração.

– Vou deixá-los a sós. Quanto antes iniciarem o treinamento, mais chances Roberto terá de aprender. Lembrem-se: não sabemos por quanto tempo nosso amigo continuará entre nós. – Anvi fez um gesto de despedida com a cabeça e se foi.

– Senhorita Winne, preciso de um curso intensivo. As três horas por dia não serão suficientes. – Roberto estava ansioso para começar.

– Não se preocupe, senhor Roberto, começaremos agora mesmo. Acho que vinte e quatro horas por dia devem ser o suficiente – disse Winne com naturalidade.

O Comandante se surpreendeu com a resposta. Winne fez um movimento com as mãos e imediatamente ficou vestida com um quimono feminino, Seu blusão era como seda finíssima na cor preta, com estampas na altura do peito até os ombros em preto-prata. Roberto não conseguiu discernir se eram ramos de folhas ou as garras de um dragão chinês.

– Vinte e quatro horas? Você está brincando?

– Não estou brincado, vamos começar pelo Kati.

Roberto se viu vestido também com um quimono masculino todo em preto sem nenhum detalhe, a não ser pelos nós de cordões fechando o blusão como botões. Winne deslizou as pernas para os lados, flexionando os joelhos e

agachando seu quadril até a altura dos joelhos, fechou as mãos e puxou os punhos até a cintura.

– Posição do cavalo! – disse Winne.

– Espere, senhorita! – Roberto colocou a mão esquerda em sua cintura e gesticulando com a outra, protestou:

– Umas oito ou dez horas de treino estarão de bom tamanho, mas vinte e quatro horas são impossíveis!

Olhou para Winne, que ficou ereta, notando-lhe a leveza como pluma. Enquanto ainda estava observando a sua delicadeza nos movimentos, Winne virou-se em um movimento tão rápido que os olhos de Roberto não puderam acompanhar. Foi como se ela tivesse desaparecido diante de seus olhos. Sentiu as costas e a cabeça batendo no tatame, que cedeu alguns centímetros com o impacto. Seu corpo, todo estirado, ficou imobilizado; algo repuxava seus músculos causando-lhe dor. Percebeu Winne aproximando seu rosto brilhante sobre o dele, com aspecto sério.

– Você pensa que esse corpo seu aí é real? Você se esqueceu de que está sonhando? Você come, bebe e dorme aqui só para satisfazer um desejo que chamam de “carne”?

Roberto, não aguentando a dor nos músculos, soltou um gemido. Winne saiu de cima dele e continuou com o sermão:

– Liberte-se da “carne”; seu corpo sequer existe neste momento! Aproveite seu tempo conosco, concentre-se no que você precisa aprender e aproveite ao máximo que puder, meu senhor.

Levantando-se, Roberto sorriu para ela:

– Você está certa, senhorita Winne. Por favor, me chame apenas de Roberto.

– Como queira – e apontando o dedo indicador para ele:  
– Tão-somente não interrompa mais minha aula! – Winne desfez a seriedade, olhou-o de lado e sorrindo-lhe, disse: – Me chame apenas de Winne.

Ela elevou suas mãos à altura do peito, abrindo a mão esquerda para cobrir sua outra mão fechada em sinal de cumprimento.

$\Omega$ - $\alpha$

Aos poucos, o oficial Muller ia depositando mais confiança no técnico da NASA; notavam-se a sua sinceridade e a força de vontade em colaborar. Muller contou a ele o que tinha acontecido à esposa do Comandante Roberto.

– Senhor Wesley, qual a situação? – questionou o oficial Muller levantando sua perna esquerda sobre a cadeira e apoiando o coturno no assento.

– Os equipamentos estão montados, a empresa BB mobilizou todo o seu pessoal para me ajudar, o próprio Bicentenário foi informado da situação. – Sentado, o técnico o olhou com ar de cansado.

– Então, o que estamos esperando para trazê-lo de volta?

– Ora, o procedimento é delicado, a empresa BB me aconselhou esperar o Bicentenário; ele virá a São Paulo pela manhã. Vamos descansar um pouco e voltaremos bem cedo.

– E quanto ao Comandante nesse tal Mundo Virtual, isso pode afetá-lo psicologicamente? – questionou Muller colocando as duas mãos sobre a cabeça.

– Ele está no MV há cerca de quatro horas em nosso tempo, isso dá uns cinquenta dias no MV. Talvez seja o tempo de que ele precisa para superar a perda da esposa.

– Putz Grila!! Cinquenta dias? Você está louco! Se o deixarmos lá até amanhã, quantos meses ele ficará preso nesse MV?

– Talvez uns sete meses, mas fique calmo, não é tão mal assim como parece. O MV é tão “grande” quanto o planeta Terra, só que bem melhor, foi projetado para se viver anos por lá sem sentir tédio – garantiu o técnico.

– Lembre-se, você estará por aqui quando ele voltar, e é bom mesmo garantir a saúde do Comandante – Muller ameaçou o pobre técnico.

– *Ok*, meu amigo, sem problemas. Já informei a equipe médica: eles estarão prontos pela manhã, e o coração artificial está sendo preparado para o Comandante.

Muller ligou para o General José Machado para informar sobre o andamento dos eventos e tranquilizá-lo.

$\Omega$ - $\alpha$

Mundo Virtual – Sete meses depois

Roberto lutava com Winne de igual para igual, entre golpes e contragolpes. Sentia-se um Bruce Lee; seu corpo não se cansava, a mente absorvendo todo o conhecimento e as técnicas. A cada fase que atingia, Winne o levava a um novo patamar de desafios. Ele sabia que não podia atingir o nível de Winne; estava competindo com um programa de computador muito inteligente. Assim como a música e a matemática tendem ao infinito, assim era Winne. Satisfeito por ter atingido o ápice do Kung Fu, enquanto humano, Roberto decidiu parar. Ele ficou ereto para reverenciar Winne.

– Winne, eu serei eternamente grato a você por me ensinar Kung Fu, pela paciência e pelos momentos agradáveis ao seu lado. Você e o Anvi foram verdadeiros amigos, muito obrigado.

Winne o abraçou afetuosamente, e Roberto correspondeu ao abraço fechando os olhos por algum tempo. Seus corpos não estavam suados, pelo contrário, exalavam suas fragrâncias naturais.

– Roberto, estou lisonjeada, nunca imaginei que admiraria tanto um ser humano como você. Sentirei saudades.

Winne o beijou no rosto; Roberto fez o mesmo, sem jeito. Para disfarçar, fez uma pergunta a ela:

– Há quanto tempo estou no MV?

– Quase oito meses, mais precisamente 236,5 dias em nosso tempo.

– Meu Deus! O tempo voa mesmo aqui, não me dei conta disso; já era para eu ter voltado ao meu mundo. Winne, eu... O que você acha... – Roberto estava sem jeito para dizer algo a ela.

– Sim, Roberto, diga. – Winne ficou curiosa em saber o que ele iria dizer.

– Winne, o que você acha de voarmos juntos, sair um pouco da cidade? Eu conheci lugares neste “planeta” com cachoeiras no meio de lindas florestas, um verdadeiro paraíso. – Roberto frisou a palavra planeta com os dedos lembrando-se do General Adilson.

– Viajar! Que ótima ideia, Roberto, eu fico feliz por ter me convidado. – O rosto de Winne brilhou mais que o normal.

– Antes, gostaria de ver o Anvi.

Anoiteceu. A temperatura estava em torno de agradáveis 19°C, com as luzes da cidade formando um lindo cartão-postal. Pela vista aérea, a luz não provinha de postes de iluminação como Roberto conhecia e, sim, emanavam das folhas de objetos muito parecidos com árvores. Vinham também de monumentos e das casas dos moradores do MV, em harmonia com a luz proveniente do céu, que Roberto não conseguiu evitar de associar à Lua. Roberto e Winne pousaram seus pés em frente à residência de Anvi, centralizada no amplo terreno. Embora bem dimensionada, a casa era bem diferente das que Roberto estava acostumado.

Anvi, que tinha uma natureza de excelente anfitrião, os recepcionou muito bem. O Comandante ficou maravilhado com a decoração, semelhante à do mundo real, enquanto se dirigiam a uma das salas de estar. Admirou as réplicas perfeitas de quadros famosos que decoravam as paredes. Roberto compartilhou com Anvi o que aprendera com Winne e lhe participou que eles viajariam para as cachoeiras do MV.

– Meu amigo, apesar de você ter aprendido a dominar seus anseios e desejos, eu preparei um jantar para que você se sinta em seu mundo. Acredito que você e a senhorita Winne irão apreciar – disse Anvi a Roberto, levantando-se.

– Eu nunca pensei que um dia teria saudades de comer e até dormir – expressou Roberto.

– Então me acompanhem até a sala de jantar. – Anvi os conduziu por uma parede que se abriu.

A sala de jantar, ampla e retangular, estampava no teto uma figura em tons vermelhos e laranja combinando com a cor em marfim das sancas; no centro da figura desciam fios revestidos de pérolas que seguravam um lustre brilhante como ouro com oito fontes de luz. A mesa posta, transparente, levitava junto com as seis cadeiras em formação alinhada.

Dois seres semelhante a Winne e Anvi pediram licença e entraram na sala de jantar com os pratos, serviram os três e se retiraram. Roberto sabia que tudo aquilo não era real, mesmo assim se alimentou. Apreciou os pratos que, apesar de apresentarem um sabor diferente de qualquer prato que já tinha provado em seu mundo, achou deliciosos e elogiou o jantar ao anfitrião.

Após o jantar, eles se divertiram e tiveram longas conversas sobre o mundo real. Já era tarde e Anvi os conduziu aos seus quartos e se despediu.

– Até amanhã, Winne, e durma bem, ou deveria dizer: “simule” bem? – brincou Roberto.

– Ah, Roberto, sabe que estou gostando de fazer o que os humanos fazem? Estou me sentindo “humana” – Winne imitou Roberto com os dedos, frisando a palavra.

– Que ótimo, Winne, estou gostando tanto de vocês. Se eu pudesse, levaria você e o Anvi para o meu mundo...

– Então, durma bem você também, que amanhã vou te encher de perguntas. Tenho muita curiosidade sobre o seu mundo. Até amanhã – Winne se despediu levantando a palma da mão e fechando a porta de seu quarto.

Roberto avaliou o seu aposento. O quarto era muito confortável, associado à agradável temperatura em 18°C. Deitou-se na cama e se cobriu com uma colcha macia e vultosa. Olhando para o teto, pensou: “Não vou conseguir dormir, com tantas coisas acontecendo...”. Refletiu que gostaria de nunca mais voltar ao seu mundo, pois quem ele amava tanto não estava mais lá. As luzes que emanavam das paredes foram esmaecendo lentamente. “Porque as luzes estão se apagando?” Mal teve tempo de concluir seus pensamentos, pois em seguida pestanejava e adormecia instantaneamente.

Conforme programado, logo pela manhã, o androide Bicentenário chegou ao Brasil pelo teletransporte, para assumir o resgate de Roberto. Diante do portal, juntou-se ao técnico da NASA e ao oficial Muller que os acompanhava em todo processo.

– Técnico Wesley, o portal está pronto, confira o procedimento – ordenou o androide.

– Portal verificado, tudo *ok*. E quanto à programação no computador principal, senhor? – perguntou o técnico.

– Ontem, no Oriente, terminei a nova programação do teletransporte para resgatar o comandante Roberto. Fiz o *upload* e verifiquei a sua operacionalidade. – Após responder à pergunta do técnico, o androide virou-se para o oficial Muller. – Oficial Muller, confira se a equipe médica já está pronta para receber o Comandante.

– Estão todos prontos, senhor – respondeu Muller, convicto.

– *Ok*, são 10h58m da manhã, horário de Brasília; o retorno do Comandante se dará às 11h00m em ponto – afirmou o androide.

$\Omega$ - $\alpha$

Mundo Virtual – 6h00 da manhã- “10h58m no Mundo Real”

– Roberto, Roberto! Acorda...

Uma voz muito distante o chamava. Roberto reconheceu ser de Winne. Com dificuldade, ele saiu do sono profundo.

– Hã, Winne, o que foi?

– Acorda, Roberto, vamos, acorda! Você se esqueceu da viagem que me prometeu? – Winne chocou Roberto pelo ombro delicadamente.

– Nossa! Como posso estar com tanto sono em um sonho?

– Você estava com tanta saudade de dormir, que sonhou estar dormindo mesmo!

– Winne, me dá um minuto para me recompor.

Anvi mandara preparar uma mesa farta para o café da manhã antes que Winne e Roberto partissem. Após o desjejum, Roberto se despediu de Anvi como se fosse a última vez que o veria e partiu com Winne para as cachoeiras.

De uma alta montanha arborizada jorravam muitas fontes d’água que desciam por entre as árvores e percorriam um caminho por um piso rochoso, precipitando-se em pequenas cachoeiras. Abaixo, terminavam formando um rio com lagos no meio de um bosque com árvores floridas de diversas cores.

Winne observava Roberto se divertindo, tentava acompanhá-lo em seus saltos e mergulhos. Até a maneira como ele voava era imprevisível e divertida.

Eles estavam saindo do rio quando Roberto lhe fez uma pergunta:

– Winne, porque você me olha tanto?

Sentando-se sobre uma pedra redonda e com um sorriso e gesto delicado, Winne convidou Roberto para fazer o mesmo, ao lado dela.

– Nós, do MV, fomos programados para gostar e nos interessar por humanos. Assim, podemos tratá-los bem. Por algum motivo ou erro em minha programação, eu não tenho tanto interesse em humanos como o meu povo. Passei um tempo perdida em meu mundo sem saber o meu propósito, até que Anvi me conheceu e me ajudou a descobri-lo. Ele percebeu que meu interesse em humanos era mais voltado aos costumes e comportamento humano.

– Você está me estudando, Winne! – Roberto puxou seus pés dobrando seus joelhos.

– Você foi o primeiro humano que realmente me interessou. Tenho estudado você, sim, e estou cada vez mais interessada: seu comportamento, suas emoções, sua paixão, a maneira como você ama. – Winne também flexionou seus joelhos deitando suas coxas uma sobre a outra, para o lado de Roberto.

– Além de mestre do Kung Fu, nas horas vagas você é uma cientista? – As lembranças de Paloma apertaram seu coração.

– Como cientista, eu tenho que fazer experiências. – Winne chegou mais perto de Roberto com um pequeno movimento e continuou, insinuando-se: – Há coisas boas nos humanos que podemos aprender como o amor, paixão, sexo... Estou determinada a aprender.

– Winne, vocês já sabem amar. Você e o Anvi, eu sinto que me amam.

– Você nos amou primeiro, Roberto, por isso aprendemos a amá-lo, e foi a melhor emoção que já me aconteceu. Agora, precisamos experimentar as outras emoções.

– Infelizmente não posso ajudá-la, Winne, minhas emoções estão em cacos. Por isso me concentrei no Kung Fu... para não enlouquecer.

– É disso que estou falando, Roberto! Você tem as emoções sob controle, é a pessoa ideal para me ensinar, por favor, me ensine a beijar. – Winne estava usando a arte da sedução que aprendera com as mulheres.

Roberto se levantou embaraçado, elevou sua mão à cabeça passando seus dedos entre os cabelos jogando-os para trás.

– Winne! Não funciona assim, somos de espécies diferentes.

Winne ficou em pé e pegou na mão de Roberto com a delicadeza que ele admirava.

– Olha, Roberto, significa muito para mim; eu não sou atraente para você?

– Te achei atraente desde a primeira vez que a cumprimentei, e você está bem *sexy*, Winne... É que me parece que estamos quebrando alguma regra.

– Não estamos quebrando nenhuma regra e, depois, para você é apenas um sonho. A qualquer hora você vai embora, enquanto que, para mim, agora que aprendi a te amar, só me restará a lembrança de um beijo que não tive.

– Está ficando tarde, Winne, vamos embora antes que anoiteça.

– São 3h57 da tarde, Roberto, temos tempo de sobra. Mas se você prefere ir em vez de me ajudar, então vamos embora; você é o único humano que eu deixaria tocar meus lábios.

Roberto olhou para o chão, meneou a cabeça, indeciso. Winne começou a levitar para ir; ele a segurou pela mão e a trouxe para baixo.

– Um beijo só e vamos embora, *ok*?

Winne abriu um lindo sorriso e balançou a cabeça em sinal afirmativo, de quem aceitava a condição.

Roberto levou a mão de Winne em seu pescoço e desceu a sua pelas costas dela abraçando-a pela cintura, olhou nos olhos dela apreciando seu rosto e a envolveu em seus

braços. Winne cerrou os olhos para receber o beijo, enquanto Roberto encostava seus lábios aos dela bem devagar. Sem se conter, Winne pressionou seus braços contra a nuca de Roberto para senti-los mais forte; seus lábios pegavam fogo. Roberto perdeu o controle. “O que é isto?”, alarmou-se, com os sentidos subitamente estranhos: “O que está acontecendo? Onde está a boca dela?”.

$\Omega$ - $\alpha$

Nilton G. Medeiros



## Capítulo 24

### □ Resgate

**R**oberto estava com os pensamentos confusos e dificuldades para respirar; começou a escutar algumas vozes distantes. Tentou abrir os olhos e soltar Winne. Suas pálpebras pesavam como chumbo; não conseguia senti-la, mas sim os braços absurdamente pesados. Movimentava-se com fraqueza no vazio; uma mão pegou em seu pulso e conduziu seu braço para perto de sua coxa.

“Resgatado às 11 horas em ponto.”

Roberto escutou a voz que lembrou a do Bicentenário. Alguém lhe disse com uma voz mais clara: “Bem-vindo, Comandante, tente relaxar”. Mesmo deitado, sentia seu corpo balançando, parecia estar em uma maca. Com dificuldade, conseguiu abrir os olhos e viu as luminárias de um corredor fugindo sobre ele. Médicos corriam ao seu lado conduzindo-o; levantou o pescoço e viu aos seus pés o androide Bicentenário que o acompanhava. Um médico pôs a mão sobre sua testa colocando-lhe a cabeça de volta na maca.

Roberto ainda sentia os doces lábios de Winne. Mexeu a boca para se livrar da máscara de oxigênio; o médico ajeitou-a no lugar e disse-lhe para não se mexer.

– Eu... Eu voltei...Voltei ao meu mundo... – Roberto conseguiu falar com certa dificuldade.

– Tente se acalmar e não se esforce! Comandante, você será submetido a uma cirurgia no coração; pisque os olhos se consegue entender.

– Si... sim... – ele respondeu com dificuldade.

– Não fale, Comandante, que bom que está consciente. Nível de oxigênio no cérebro normal. Aplicamos uma anestesia geral; em alguns minutos você dormirá e começaremos a operá-lo. Fique tranquilo, você está em boas mãos.

“Mãos de Deus...” Roberto não conseguiu falar, apenas pensar. A única frase que sussurrou antes de apagar foi: “André... André...”.

Os médicos colocaram um coração artificial no peito de Roberto até que fosse gerado o seu novo coração clonado. Após uma semana da cirurgia, as visitas foram liberadas na UTI. Ao avistar André e sua esposa Marta entrarem pela porta da UTI, uma dor imensa tomou conta do peito de Roberto. A dura realidade do drama de ter perdido Paloma transbordou seu ser. Sem conseguir se conter, chorou, sendo abraçado e consolado por André. Este lhe beijou a testa, falando palavras de conforto. Depois de se recompor, abraçou Marta.

Passados alguns dias, Roberto recebeu as visitas do General José Machado; do senhor Watanabe, vindo do Japão; do androide Bicentenário e da equipe da NEI. Roberto passou o dia conversando com o androide sobre o Mundo Virtual, e este coletando informações relevantes sobre os moradores de lá.

– Como eu disse, eles têm alma, expressam sentimentos e emoções, são como humanos.

– Não, Roberto, eles não têm alma e nem espírito. O que cada um deles tem são algumas centenas de programas fazendo o papel do pensamento. Como na mente humana, esses “pensamentos” são harmonizados entre si para causar a sensação de um único “**eu** interior”, dando um controle melhor do ser e de sua existência; por isso se assemelham tanto aos seres humanos. Bem, Comandante, tenho que ir. A propósito, muito obrigado por relatar detalhadamente sua estadia no MV; foi de suma importância para a evolução de meus estudos. Desejo-lhe melhoras!

Após dois meses, Roberto foi submetido a outra cirurgia para receber seu novo coração clonado. A exemplo da primeira, recuperou-se rapidamente, teve alta e retornou ao seu trabalho. Logo o ano terminou e Roberto passou o *réveillon* com André e sua família para se despedir, pois em quinze dias seria o lançamento oficial da NEI-1 ao espaço. Apesar da insistência de André para que ele ficasse mais uns dias até o lançamento, Roberto preferiu ir até a base adiantar seus serviços e ficar um pouco a sós.

A primeira semana de janeiro de 2030 foi dada como licença a todos os envolvidos com o projeto NOÉ, para se despedirem de suas famílias. Na seguinte seria o lançamento, e o governo brasileiro, temendo sabotagem da nave e por medida de segurança, impôs que a base espacial e a NEI fossem desabitados. Somente os robôs poderiam permanecer na nave, à exceção de Roberto, que obteve uma autorização especial para trabalhar ali durante sua licença. Solitário, passava seu tempo exercitando-se e conhecendo a nave.

Durante uma dessas madrugadas, Roberto teve sonhos aflitivos com Paloma sendo perseguida pelos agentes. Ele corria transpondo barreiras de prédios derrubados por um forte terremoto, quando a terra começou a tremer novamente. Ao olhar para trás, viu a terra se revolver e afundar formando abismos. Acordou aterrorizado. Olhou no relógio, que marcava 5:00h, horário de Brasília. Em seus pensamentos soou o alerta: “O fim está próximo”.

O som de chamado que começou a tocar em sua cabine dissipou o resto das imagens de seus sonhos. Era o General com chamado urgente. Atendeu-o imediatamente.

– General? – Roberto mal bateu a continência, ainda perturbado.

– Filho, preste bem atenção! – disse o General em tom de desespero. – Não é treinamento, filho! Afaste a nave o mais longe possível da Terra; o IVC foi sabotado e tornou-se uma espécie de buraco negro. Parte da Espanha e França já foi consumida; não sabemos qual a dimensão dessa força e se o Brasil será atingido. Afaste-se o quanto antes; se essa força parar de desintegrar e sobrevivermos, você volta para resgatar o restante da tripulação!

– Bem que a Paloma nos tinha advertido, General...

– Roberto, mexa-se! **Agora!** – A conexão com o General e a NEI foi interrompida.

$\Omega$ - $\alpha$

# ALFA

## Parte II



## Capítulo 25

### A Destruição Iminente da Terra

**R**oberto saiu correndo pelos corredores da nave em direção à sala de comandos.

– SIAB! SIAB! – chamava pelos corredores quase gritando.

– Sistema de Inteligência Artificial de Bordo ativo, em que posso ajudá-lo?

– Ligue os motores, afaste-se da Terra, velocidade máxima!

– Instrução negada, são precisos dois comandantes para ordenar partida.

– Situação de emergência SIAB! É uma ordem! Dar início à partida! – gritou Roberto, irritado.

– Ordem negada, o protocolo de partida exige dois comandantes.

– SUA VACA DESGRAÇADA! Só existe um comandante nesse Universo, e esse comandante sou eu! – berrou Roberto.

Roberto avançou até a sala de comandos. Abriu um compartimento na parede próximo à poltrona, digitando com fúria alguns códigos. Um painel foi ativado com uma grande luz quadrada em vermelho sinalizando a palavra “AUTOMÁTICO”. Ele destravou uma alavanca, rodou um

botão em sentido horário; a luz ficou verde e apareceu a palavra “MANUAL”. Voltou a travar a alavanca e sentou-se na poltrona, digitando alguns códigos no monitor à sua frente. Os motores rugiram como trovão, e a nave começou a se mover lentamente.

– SIAB, jogue nas janelas imagens da Terra.

A Terra apareceu nas janelas panorâmicas. Via-se uma enorme concentração de nuvens em forma de redemoinho em cima do continente europeu rodopiando como água escoando pelo ralo.

– Meu Deus! Não acredito, não acredito no que estou vendo!

$\Omega$ - $\alpha$

O senhor Watanabe estava em sua base na Asahidake ao lado de Meilin, ambos com o olhar fixo na floresta.

– Senhor Watanabe, todos os líderes mundiais foram avisados da destruição – disse Meilin com voz triste.

– Todas as nações estão em pânico. Os físicos não acreditam que esse buraco negro venha a cessar, está ficando cada vez mais forte enquanto a massa da Terra vem se compactando; só nos resta a despedida. – Com olhar triste, o senhor Watanabe estendeu sua mão para Meilin. – Foi um prazer trabalhar com você, senhorita Meilin!

– O prazer foi todo meu, senhor. – Meilin abraçou seu chefe e chorou.

Enquanto observavam pela esfera de vidro, um vendaval jamais visto estremeceu toda a base. Os vidros trincaram, como se feitos de material plástico; as árvores deitavam de um lado para o outro; no horizonte da floresta a terra se revolia enrolando a mata tal onda do mar que engole a si mesma. Com um som ensurdecidor, toda Asahidake foi engolida.

$\Omega$ - $\alpha$

Tendo se levantado cedo, André, de sua sala, assistia às notícias do que estava acontecendo com a metade do planeta Terra. Quando a transmissão foi interrompida, André chamou sua esposa e filhos para orarem. Ficaram olhando para fora através de uma das paredes de vidro do segundo andar, que dava vista para as casas, alguns prédios e as lindas ruas arborizadas. Sua casa começou a tremer. Eles se abraçaram e presenciaram o céu azul da manhã se abrir. Todo o ar da atmosfera que dava a coloração azul ao céu foi removido; o céu pareceu se enrolar como um pergaminho, deixando ver o negro espaço ofuscado pela luz intensa do sol. A gravidade da Terra oscilou, os prédios e as casas se precipitaram no abismo que se formava sob a cidade, o Brasil foi engolido.

$\Omega$ - $\alpha$

A nave tremia tentando se livrar da força que a puxava para o centro do buraco negro. Roberto fornecia potência máxima aos motores para sair da atração mortal, ao mesmo tempo que lutava para não entrar em choque, Mal podia acreditar no que seus olhos viam; deveria estar ainda sonhando, talvez esse pesadelo terminasse logo.

– Meu Deus, meu Deus! Não ficou vestígio da raça humana, a Terra se foi, me lembra desse pesadelo!

Roberto conversou mais uma vez com o sistema de bordo na tentativa de obter ajuda:

– SIAB, a Terra não existe mais. O único sobrevivente sou eu; preciso de sua ajuda para sairmos dessa atração gravitacional ou você e eu seremos destruídos também.

– Entendido, senhor, analisei o que ocorreu com a Terra. Por favor, mude para o modo automático; os cálculos a força de atração estão prontos. Alternarei as potências entre os motores aumentando a probabilidade da nave sair da força de atração.

Roberto confiou no sistema de inteligência artificial de bordo, até então denominado pelas suas iniciais SIAB, mudando para o modo de piloto automático. Sentiu solavancos nos motores; aos poucos os tremores da nave foram diminuindo até se extinguirem.

– Comandante, a Lua saiu de sua órbita.

– Quem se importa! Toda minha espécie foi extinta, que se dane a Lua!

– Dependendo do rumo que ela tomar correremos perigo.

– Fique longe dela, vá para o lado oposto e continue seguindo em frente até a nave estar fora de perigo. Depois, desligue os motores até eu decidir o que farei; espero acordar desse pesadelo – respondeu Roberto asperamente.

O SIAB parou a nave em segurança conforme as ordens do Comandante. Roberto perambulou pela nave por horas, deprimido ao extremo. Foi para o seu quarto e ficou quieto por alguns meses. As refeições eram enviadas pelo SIAB por intermédio do robô, mas ele não se alimentava direto. SIAB falou com o robô médico para ajudar o Comandante:

– H250, o Comandante precisa de ajuda psicológica.

– Lamento, SIAB, sou clínico-geral, não estou programado para análise psíquica.

– O comandante só está deprimido. Precisa de um amigo e não existem mais psicólogos. O Comandante é o último ser humano; é nossa obrigação cuidar dele.

– *Ok*, como posso ajudá-lo?

– Agora você é o melhor psicólogo desta nave, estou lhe enviando todos os livros de ajuda psicológica de um grande psicólogo, leia-os e aprenda com o autor.

– Recebi os livros: *Augusto Jorge Cury*?

– Sim, ele é da mesma nação do comandante, com certeza deve ter algo que possa ajudar. Aprenda rápido e vá vê-lo o quanto antes.

O robô passou dias conversando com Roberto. Baseava-se nas situações dos livros que se encaixavam no quadro de Roberto e, aos poucos, ele foi melhorando. SIAB viu que era hora de falar com ele.

– Comandante, está tudo bem com o senhor?

- Oi, SIAB, estou sim.
- O senhor não tem se alimentado direito.
- Não tenho fome, não precisava se preocupar comigo. Não preciso que robôs me tragam comida; quando tiver fome vou à cozinha.
- Faz parte de meu programa cuidar da tripulação, por isso enviei o H250.
- Ah! O “psicólogo” da nave, bom sujeito – lembrou Roberto do humanoide.
- Agora que o senhor está melhor, quero lhe dizer que estive analisando o significado de “vaca desgraçada”. Foi um xingamento? Porque me xingou assim?
- Ah, desculpe, SIAB, eu estava sob pressão e muito nervoso.
- E eu estava apenas seguindo o protocolo – rebateu SIAB.
- É que meu mundo estava desabando, literalmente, você entende isso?
- Entendo, senhor, mas se me permite dizer, eu não gostei de ser xingada.
- Aceite minhas desculpas, por favor.
- Desculpas aceitas, senhor.
- SIAB, obrigado por cuidar de mim quando eu mais precisava.

– Foi um prazer.

– Você tem personalidade, e já que se preocupa com a maneira como é chamada, o que acha de mudarmos o seu nome para Dorah? A sigla SIAB não combina com você.

– Mudar meu nome? Isso não tinha me ocorrido, o que significa a sigla “Dorah”?

– Não é uma sigla, era o nome de minha mãe. A partir de hoje você se chamará Dorah.

– Esse nome tem um lindo significado. Gostei, e muito obrigada, senhor, com certeza é melhor que SIAB. Por ser o nome de sua mãe, vou usá-lo com muita honra.

– Dorah, como anda o monitoramento da Lua?

– Até onde consigo calcular, ela deverá ser ejetada para fora do sistema solar.

– *Ok* Dorah, temos que ir para Marte. Há muitos robôs e equipamentos de expedição por lá que serão úteis para nós. Vamos resgatá-los.

– Definindo plano de rota, senhor. Marte não está em seu alinhamento ideal, senhor; levaremos mais de dois meses para chegar ao destino.

Roberto se animou com o novo objetivo. Mal a nave partiu rumo ao planeta vermelho, apresentou vários problemas no início da viagem. A despeito disso, quase dois anos se passaram, mantendo seu movimento uniforme viajando pelo espaço com seus motores desligados para

reparo. Roberto estava dormindo quando Dorah o acordou com um alarme repentino:

– Senhor, Marte está à nossa frente!

## Capítulo 26

### Marte

**A** NEI-1 orbitava o planeta vermelho. Setes naves cargueiras saíam de uma grande abertura embaixo da nave mãe, descendo em direção à superfície de Marte. Roberto, a bordo de uma delas, contactou os sistemas americanos da base instalada no planeta, iniciando o processo de reintegração dos robôs, máquinas e equipamentos com inteligência artificial. Não tinha pressa e nem destino; cada laboratório foi desmontado de maneira inteligente e levado para o interior da nave mãe. Laboratórios de plantações de legumes, verduras e frutas foram remontados cuidadosamente na grande nave mãe.

Sete anos se passaram. Roberto não queria partir e deixar o sistema solar. Nos quartos reservados aos doze comandantes, em uma área separada do resto da suposta tripulação, Roberto fez alterações removendo paredes e o teto unido com outro quarto ao lado. Acessava por escadas a suíte suprema, digna de um comandante de um transatlântico de luxo, onde passava alguns dias para descansar de seu trabalho em Marte. Como se fosse o quintal do planeta Terra, Marte era um lugar em que se sentia em casa. Pensou em terminar seus dias ali, findar a raça humana com ele, já que as bases americanas do planeta não comportariam uma população e não passavam de um grande laboratório. Ele tinha que tomar uma decisão a respeito; estava se sentindo egoísta em não dar uma chance à humanidade. Ao estudar o que os robôs e Dorah faziam depois de muitos anos após sua morte, chegou a duas hipóteses, ambas pessimistas: em ambas, os robôs

criariam seres humanos. Na pior delas, os seres humanos seriam criados para servi-los, escravizados com serviços forçados nas minas em Marte. Substituiriam a mão de obra robótica trabalhando até a morte em troca apenas de oxigênio e comida. Na segunda hipótese, os humanos destruiriam os robôs, a NEI, e se autodestruiriam.

Alguns meses depois, em um dado momento, Dorah o contatou pelo rádio.

– Comandante, o satélite Lua apareceu no monitoramento e vem em nossa direção.

– Dorah, tem certeza de que é a Lua? Não se trata de algum meteoro?

– Tenho certeza, senhor, e já está bem próxima e em rota de colisão. Havia uma grande probabilidade de ela abandonar o Sistema Solar, porém não compreendo como acabou entrando na órbita de Marte e pela contramão.

–Ela veio atrás de nós, Dorah, não quis ficar sozinha.

– Estou começando a entendê-lo, senhor. Mais alguns anos de convivência e saberei o que está pensando.

– É ruim hein, Dorah! Parabéns, você evoluiu, já está conseguindo conversar como gente.

– Senhor, a Lua vem ganhando velocidade, estimo que colidirá em 60 dias aproximadamente.

– Raios!

– Onde, Comandante? Não detectei.

– Não, Dorah. – Roberto fez uma cara de desapontamento. – É só uma força de expressão. Prepare a nave para partimos; vou recolher tudo por aqui.

– Sim, senhor Comandante!

Roberto deixou o planeta vermelho para trás, com o coração apertado. Pouco antes que completassem os dois meses que Dorah tinha “previsto”, a Lua se chocou violentamente contra Marte, espalhando fragmentos pelo espaço. Com isso, Marte começou a sair lentamente de sua órbita, desencadeando um efeito dominó. Roberto registrou no diário de bordo sua saída e a data do colapso do sistema solar: 01/01/2040.

### $\Omega\text{-}\alpha$

Em 2042, a nave deixou o sistema solar. Roberto fez os últimos reparos no processo de fotossíntese na floresta. Passaram-se mais 33 anos e ele agora estava com seus 80 anos de idade, enquanto a nave passava a atingir sua velocidade máxima de 50 mil km por segundo, rumo aos exoplanetas. Ele já tinha se punido demais por perder Paloma e a humanidade; era hora de preparar a nova geração para assumir o comando. Queria de alguma forma estar presente nos eventos futuros. Lembrou-se, então, do “clone” do androide Bicentenário e decidiu migrar sua experiência, seus conhecimentos, pensamentos e sua consciência para o androide; ali estava a chance de ganhar uma vida extra.

Dorah fechou a gravação da retrospectiva de Roberto em seu diário. Mais um ano se passou e Roberto encontrava-se em seu quarto meditando. Sabia que, tecnicamente, quando se teletransportava era criado um novo corpo. Mesmo assim,

ele sabia com absoluta certeza que era o seu espírito, mas transferir sua consciência para uma máquina seria bem diferente, algo nunca experimentado. Ele morreria junto com seu corpo, como o Bicentenário antecipara. No corpo do androide haveria apenas programas simulando uma mente humana. Entretanto, se este androide coordenado por simulação mental desse continuidade ao seu trabalho, já teria valido antecipar a morte que lhe batia à porta. Teve uma arritmia cardíaca, o coração quase querendo sair pela boca.

– Dorah, envie os médicos-robôs com o androide Bicentenário para a sala de cirurgia; farei a transferência mental agora!

– Sim, Comandante, agora mesmo! Como o senhor está se sentindo?

– Estou ansioso, Dorah, meu coração está mais pra lá do que pra cá.

– É uma pena, senhor, estou enviando os enfermeiros-robôs para buscá-lo. Fique deitado, não tente colocar seu auxiliar de caminhada; por favor, eu insisto, fique deitado.

– Obrigado, Dorah, vou seguir seus conselhos.

Em poucos minutos um robô entrou em seu quarto com uma maca que levitava, e Roberto foi pego no colo com leveza e cuidado. Após deitá-lo na maca, o robô colocou um cateter em sua veia e aplicou-lhe uma injeção.

– O que foi isso que você me aplicou?

– Um sedativo, senhor.

– Vou dormir agora?

– Não senhor, é só para relaxar.

A maca deslizou pelos corredores da nave, empurrada pelo enfermeiro-robô até uma sala próxima à cirúrgica. Inclinando a cabeça, Roberto viu o androide em outra maca, deitado, sendo levado à sala de cirurgia. Grogue, o Comandante ria, falando coisas sem nexos para o enfermeiro-robô. Um outro robô com voz feminina raspou a sua cabeça e seu peito, procedendo à assepsia. Em alguns minutos Roberto foi conduzido à mesma sala, onde o médico-robô o colocou ao lado do androide inerte. À sua cabeceira encontrava-se a máquina de transferência. Vários eletrodos foram colocados em seu peito, cabeça e braços.

A anestesia foi introduzida pelo cateter junto com o soro. Roberto escutou o médico-robô dizer: “Iniciar processo de incisão”. Ele não conseguia falar, mas olhou apavorado o médico, pensando: “Ainda estou acordado!” Em um segundo, apagou sob o efeito da anestesia.

Três braços robóticos saíram da máquina de transferência e com finas brocas, após atravessar a pele, começaram a perfurar o crânio com precisão: um furo no local da moleira; os outros dois, um em cada lado de sua cabeça, próximo e acima da nuca. Os braços afastaram as brocas, ao mesmo tempo que, girando sobre si, trocavam as brocas por três longas agulhas que penetraram rapidamente pelos orifícios deixados por aquelas. Ao perfurarem profundamente a massa cefálica, pequenas luzes acendiam no painel da máquina e pelo chicote de fibras que ligavam a cabeça do androide sinalizando conexão. Em alguns

segundos as agulhas começaram a sair tão lentamente que pareciam paradas. Os milhares de nano eletrodos percorreram as milhares de conexões sinápticas de Roberto, coletando as suas informações neurônicas. Algum tempo depois, ele expirou mais forte pela boca deixando escapar seu último fôlego.

$\Omega$ - $\alpha$

# OMEGA

## Parte II

Nilton G. Medeiros



## Capítulo 27

### Um Novo Nascimento

**P**assadas quatro horas, Roberto abriu os olhos, incomodado pela claridade da sala. “Estou morto?”, questionou-se. Inclinou sua cabeça para o lado, viu o médico e o enfermeiro-robôs, e pensou: “O que será que deu errado; não conseguiram me transferir?”

– Senhor, como se sente? – indagou o médico-robô, diante dele que tentava sem sucesso responder algo. Pôs a mão sob sua nuca para ajudá-lo a se levantar e pediu: – Senhor, tente se levantar, concentre-se em suas funções motoras.

Roberto pensou em levantar o dorso e notou que o corpo se dobrava sem esforços, movendo as pernas para a lateral da maca como tinha desejado. Somente então percebeu que suas mãos e suas pernas eram do androide.

– Registrem no diário de bordo: “Data de ativação: 25/02/2076, às 03h17”.

Ao ouvir o médico, o androide virou-se rapidamente para o seu lado esquerdo e viu um lençol branco cobrindo o seu corpo. Colocou-se em pé e foi até a outra maca, descobrindo o lençol, que revelou o seu velho rosto. A parte superior da cabeça estava enfaixada e o rosto pálido de um cadáver.

– Mãe! – clamou Roberto, a única coisa que lhe veio à cabeça naquele momento.

– Pois não, AP 21.2?

– Dorah! vocês conseguiram! Estou vivo e.... morto! – disse o androide espantado.

– A transferência foi um sucesso; os créditos são do androide AP 21.1, sem ele isso não seria possível. Seja bem-vindo, AP 21.2 – respondeu Dorah.

– Como é? Do que você me chamou, Dorah?

– AP 21.2, é o seu nome.

– Não, Dorah, sou o Comandante Roberto.

– O Comandante Roberto veio a óbito uma hora atrás, como previsto. Você não será o Comandante até que façamos todos os testes de capacitação ao cargo; até lá você será chamado pelo seu nome: AP 21.2.

– Então comecem os testes, quero meu posto de volta!

– Os testes só começarão após a cerimônia de funeral do falecido Comandante Roberto.

– Que absurdo, Dorah, você está inventando isso para assumir o comando?

– O próprio Comandante Roberto criou as diretivas de segurança, meu caro AP 21.2. Ele jamais entregaria o comando a um androide descontrolado, por isso ele mesmo selecionou os testes. Se você é o próprio comandante Roberto, deveria se lembrar disso.

– Eu não me lembro, Dorah, espere, agora estou me lembrando! – O androide fez uma busca em seu poderoso

banco de dados. Em alguns segundos ele podia se lembrar de qualquer coisa, até mesmo das lembranças esquecidas de criança, de seus pais, seus amigos e de sua amada Paloma; estavam todas nítidas em sua memória.

– Tem razão, Dorah, eu mesmo criei as diretivas de segurança. Isso foi há vinte anos; consigo me lembrar como se fosse hoje. Prossiga com os preparativos do funeral, só me resta obedecer e ir para meus aposentos curtir meu novo corpo e relembrar algumas memórias perdidas.

– Certamente, AP 21.2. Dois soldados-robôs o acompanharão até seus aposentos; se precisar de algo nos informe.

AP 21.2 olhou mais uma vez para o rosto de Roberto na maca. Então o cobriu com o lençol e chamou o médico-robô.

– Estou horrível, não achei que estava tão velho... Quero dizer, o Comandante Roberto não está com aspecto saudável; dá para melhorar seu rosto para o cerimonial?

– Não se preocupe, senhor, após a Tanatopraxia faremos a necromaquilagem.

AP 21.2 foi para sua suíte acompanhando pelos soldados-robôs, analisando seus próprios movimentos, diferentes do que ele tinha lembrança. Agora ele era um robô com a memória e consciência de um ser humano que morrera; estava curioso para explorar essa nova forma de vida. Ele pediu autorização para ir à sala de café fazer uma experiência. Preparou seu café como gostava, inalou o aroma da bebida para comparar com suas memórias, porém informações técnicas sobre as propriedades e características

do café saltaram-lhe à mente. Decidiu tomar um gole, na expectativa de sentir o prazer que o café lhe proporcionaria ao beber. Em vez disso, sua língua detectou mais informações do líquido preto:

- Temperatura: 63°C
- Cafeína: 147 mg
- Umidade: 97,4%
- Energia: 9 kcal
- Proteínas: 0,7 g
- Lipídeos: 0,1 g
- Carboidrato: 1,5 g
- Cinzas: 0,4 g
- Cálcio: 3 mg

O Ph da água e mais uma lista extensa apareciam em sua mente; o prazer de tomar café tinha se perdido. Ir para o quarto e rever lembranças do passado era mais interessante. Lembrou-se de seu amigo André oferecendo-lhe algumas coleções de músicas evangélicas que ele ainda não tinha ouvido e haviam ficado no esquecimento. Acessou as músicas e as ouviu; achou-as todas belas e não se conformava de ter morrido sem curtir tais canções.

Um robô humanoide pediu autorização para entrar em sua suíte. Autorizando, AP 21.2 se pôs de pé.

– Senhor, trouxe sua roupa para a cerimônia.

– A que horas será?

– Às 11 horas, senhor, todos deverão estar no salão de esportes pelo menos dez minutos antes.

– Porque preciso desse uniforme?

– Ordem de Dorah, todos os andróides e humanoides devem estar com uniformes militares.

– Entendido, estarei lá em ponto. Afinal, é o meu funeral.

Após tomar banho, AP 21.2 vestiu seu uniforme de gala de maneira desajeitada, quase rasgando-o. Pôs o quepe e se olhou no espelho. Ao se ver todo de branco, lembrou-se de quando foi condecorado a Comandante. Voltou a si e viu o rosto do andróide Bicentenário.

Ele passou pela porta de entrada do salão de esportes, ficou surpreso e admirado ao ver uma multidão de robôs vestidos de branco e devidamente organizados formando um alinhamento à direita e outro à esquerda do corpo velado. A voz de Dorah soou na mente de AP 21.2, comunicando-se com ele por rádio, da mesma forma que se comunicava com os demais robôs. Ela o orientou a ficar na cabeceira do caixão.

– *Não preciso mais do EC para falar com você, Dorah, consegue me ouvir?* – O AP 21.2 comunicou-se pelo rádio.

– *Sim, enquanto você deixar o rádio ligado.*

O andróide AP 21.2 olhou o corpo de Roberto e pensou: “Fizeram um bom trabalho, estou bem melhor”. Às onze horas em ponto seis trombetas ecoaram em sincronia perfeita pelas mãos de seis humanoides músicos. Dorah novamente comunicou-se com o AP 21.2 por rádio:

– AP21.2, não posso estar com vocês de forma presencial, por favor me represente fazendo o discurso que selecionei.

Em segundos, um discurso foi baixado para a mente de AP 21.2, que começou a falar em voz alta, para todos ouvirem:

*O dia terminou, o sol se foi*

*dos lagos, das colinas e do céu.*

*Tudo está bem, descansa protegido.*

*Deus está próximo.*

*A luz tênue obscurece a visão.*

*E uma estrela embeleza o céu, brilhando, luminosa.*

*De longe, se aproximando, cai a noite.*

*Graças e louvores para os nossos dias.*

*Debaixo do sol, debaixo das estrelas,*

*debaixo do céu,*

*enquanto caminhamos, isso nós sabemos,*

*Deus está próximo.*

Fez-se silêncio no salão por quase um minuto, até que AP 21.2 se manifestou novamente:

– Eu carrego as memórias deste homem. Assim como ele foi honrado por todos vocês, eu também honrarei cada um de vocês em memória dele. Eis que agora sou como um de vocês e, juntos, temos a responsabilidade de levar a vida humana, a nossa vida, a vida animal, e todo o tipo de vida que temos nesta arca interestelar a um novo lar.

Ele olhou para o corpo no caixão e ficou sem palavras. Então, veio um humanoide trompetista levitando acima dos demais, e fez ecoar no amplo salão de esporte o som de trompete afinadíssimo tocando o solo “Toque de Silêncio”, conhecido pelos militares como “Taps”. Lágrimas saíram dos olhos do androide AP 21.2, enquanto lhe ocorria uma tempestade de pensamentos. Como um androide poderia chorar? Lembrou-se das palavras de seu amigo Bicentenário: “Eu lhe reservo algumas surpresas”.

Nesse momento, saíram da fileira sete humanoides, que com suas armas deram três salvas de tiros de festim. Recuaram, e mais quatro humanoides se aproximaram do caixão, dois de cada lado para alçá-lo. Todos os demais robôs foram saindo simetricamente em par, cada um carregando em sua mão um pequeno bastão cinza, em cuja ponta acendia uma chama como a de uma pequena tocha, enquanto entoavam o cântico “A Conquista do Paraíso”. AP 21.2 seguiu os quatro humanoides como caixão até a sala de cremação, que ficava em outro andar. As cinzas de Roberto foram depositadas em uma pequena urna especialmente preparada para a tripulação da NEI-1 e esta, colocada na prateleira dos Comandantes. Seus dados e imagens também foram colocados no memorial dos Comandantes.

AP 21.2 foi para a sala de estudos que utilizariam para os testes. Ele foi submetido a alguns exercícios, movimentos e testes de reflexos. Tinha certeza de que seria aprovado, pois agora tinha mais reflexos e precisão em seus movimentos do que Roberto. Dorah deu sua avaliação: APROVADO.

Avaliação psicológica e neuropsicológica: APROVADO.

A última avaliação consistia em perguntas que Dorah elaboraria na hora, a fim de coletar informações dos últimos vinte anos de vida de Roberto, montando assim um perfil deste. Depois de quarenta e nove perguntas, Dorah fez a última:

– AP 21.2, sabendo que o Comandante Roberto foi uma pessoa que agia pela lógica, em uma situação hipotética, digamos que você teria de escolher entre salvar a humanidade e sacrificar sua esposa. Qual das duas opções você escolheria: deixá-la morrer para o bem da humanidade, ou sacrificar toda a humanidade para salvá-la?

– Dorah, esta é uma questão muito difícil de responder.

– AP 21.2, é hipotético, responda!

– Realmente não sei o que o Comandante faria, mas eu escolheria salvar minha esposa. Tenho as lembranças da dor que o Comandante sentiu ao perdê-la; acho que não suportaria passar por essa dor novamente.

– AP 21.2, a resposta não é lógica.

– O que isto quer dizer? Não posso ser o Comandante?

– AP 21.2 levantou-se da cadeira de metal rapidamente.

– Um momento, AP 21.2 – Dorah chamou os dois soldados-robôs que estavam à porta. Um deles entrou com uma caixa na mão, jogou a tampa no chão e preparou-se para retirar algo de dentro.

“O que farão comigo? Vão me algemar?”, pensou AP 21.2.

Ω-α



## Capítulo 28

### A nova geração – Os Clones e os Bebês de Provetas

**A**P 21.2 se preparava para reagir quando o soldado-robô sacou da caixa uma garrafa de champanhe, abriu-a e, após o estouro da rolha, esguichou o líquido borbulhante sobre ele.

– Comandante Roberto 2 – disse Dorah. – Seja bem-vindo à reintegração de seu cargo de Comandante.

Surpreso e todo molhado de champanhe, AP 21.2 pegou a garrafa da mão do humanoide e deu um longo gole.

– Dorah, você quase me mata de suspense – respondeu AP 21.2, enquanto via passar à mente uma lista de propriedades do líquido que bebera. Pensou: *“Tenho que aprender a desligar essas informações e saborear os alimentos e bebidas”*

– Comandante, a resposta não é lógica, mas era exatamente o que o Comandante responderia. Sua avaliação foi APROVADA.

– Obrigado, Dorah, agora quero pôr em prática meu plano de trazer seres humanos à nave. Vamos dar início à clonagem!

– Ai, Comandante, não seria mais prudente deixar essa clonagem para quando chegarmos ao destino?

– Seria o lógico, mas não podemos ignorar o fenômeno viés de crença, e as crianças serão a alegria da NEI-1.

– Ah sim, e junto com elas muita dor de cabeça.

– Eu tenho um plano para povoar a NEI e gostaria de compartilhar com você e todos os robôs envolvidos no meu projeto.

– Qual seria esse plano, comandante?

– Eu criei projetos... quero dizer, o Comandante Roberto criou projetos para os humanos desde o berçário até a faculdade. Cada humano terá um plano de estudo e carreira; ficarão ocupados praticamente o dia todo. Todos os robôs, desde os engenheiros até os faxineiros, serão superiores aos humanos até que estes conquistem suas graduações e responsabilidades para poder dar ordem. Haverá vários níveis de graduações; cada nível conquistado terá seus privilégios, sendo o maior deles se tornar o segundo-comandante, o meu auxiliar.

– É bom que funcione, Comandante, pois a jornada para os humanos é longa, muito além de suas expectativas de vida.

– Eles presenciarão a morte de seus familiares, amigos e colegas para darem valor à própria vida. Todos deverão andar na retidão e instruídos a respeitar as leis de condutas.

No dia seguinte, todos os robôs foram convocados no salão esportivo para condecoração do Comandante AP 21.2, que decidiu manter seu nome de fábrica e deixar o nome Roberto para os futuros clones do primeiro-comandante. Após assumir o cargo explanou seus projetos a todos os presentes.

Naquele ano, o primeiro ser humano trazido à vida foi um clone de Roberto, que ganhou o nome de Roberto II. No ano seguinte, o segundo clone foi o de Paloma, a partir de sangue colhido da cientista, vindo a se chamar Paloma II. Quando Paloma II completou 2 anos e Roberto II 3 anos de idade, iniciaram o descongelamento de sêmens e óvulos. Foram gerados dez humanos a cada ano, entre mulheres e homens, até atingirem os duzentos humanos previstos. As crianças tinham as humanoides como mães e estas as tinham como filhos, uma vez que foram assim programadas para dar carinho, atenção e educação.

Aos 9 anos de idade, Roberto II gozava de alguns privilégios, por ser extremamente inteligente. Paloma II não saía de perto dele por nada, crescendo igualmente em inteligência e sabedoria. Nas horas de lazer, Roberto e Paloma II brincavam na floresta, voltavam para seus alojamentos sujos de terra e riam muito. Brigavam algumas vezes, mas eles não conseguiam ficar longe um do outro. Queriam ficar juntos até na hora de dormir, mas suas mães humanoides não permitiam. Já em suas adolescências, ambos comandavam as outras crianças, que os respeitavam. Nenhum humano tinha acesso às áreas restritas de comando, vendo AP 21.2 casualmente. Eles temiam e respeitavam o Comandante, que zelava por suas vidas. Quando se fazia necessário, AP 21.2 fazia o papel de Juiz.

Os humanoides estavam felizes em ser úteis para o que foram programados, não ficavam mais ociosos e eram respeitados pelos humanos. Todos trabalhavam para manter o ciclo da vida, cuidando da reciclagem, das plantações. Por sugestão de um robô humanoide, o Comandante AP 21.2 autorizou a criação de animais domésticos para que as

crianças pudessem ter uma atividade a mais cuidando de seus animaizinhos.

Aos 16 anos, Roberto II conquistou seu posto de Cabo. Foi o primeiro a receber um uniforme diferente. No grande salão, ele foi condecorado com a insígnia de Cabo pelo AP 21.2. Paloma II estava orgulhosa por ele e o achou atraente no uniforme. Seus olhos brilhavam, e seu sorriso aos 15 anos de idade fez com que AP 21.2 lembrasse da sua amada Paloma. Ele a fitou por alguns minutos comparando-a com as imagens do passado. Também pôde ver no rapaz o Roberto de suas lembranças. No final da cerimônia, AP 21.2 abraçou Roberto II e, em seguida, Paloma II. Com um olhar meigo, fitou-os e se retirou. Os dois jovens estavam em êxtase por tamanha honra, juntaram-se aos amigos que os admiravam e foram comemorar em um lugar da nave apelidado de “O Canto”, uma danceteria preparada pelos robôs. No comando das músicas eletrônicas, androides e humanoides Djs se revezavam para garantir diversão a todos os jovens. Dorah e AP 21.2 programaram a cerimônia na véspera do dia de folga dos adolescentes, para que eles pudessem descansar no dia seguinte. Roberto e Paloma Segundo namoravam escondidos.

Dorah nunca se comunicava com os humanos, utilizando-se da rede *wireless* para se comunicar com AP 21.2 e os demais robôs. Sabia do namoro dos dois, pois onde as câmeras não podiam monitorar, os robôs eram seus ouvidos e olhos.

- Comandante, tenho um assunto a lhe comunicar.
- Sim, Dorah – respondeu AP 21.2.
- Roberto e Paloma II estão de namoro.

– Sério?

– Sim, Comandante, e parece ser muito sério mesmo – riu Dorah de sua própria resposta. – Eu notei o olhar dela para ele na cerimônia. – Devemos puni-los? Eles estão infringindo as regras.

– Não sei, Dorah, melhor não. Roberto II completará 18 anos no próximo ano, mas ele teria que esperar mais um ano até que Paloma atingisse a maioridade. Você sabe se eles estão tendo relações sexuais?

– Não sei, há uma probabilidade de trinta por cento; há lugares aos quais não tenho monitoração.

– Essa geração é muito inteligente, não tenho registro de uma geração na Terra com um índice de Q.I. tão alto. Mas com toda essa inteligência, eles apresentam uma certa ingenuidade.

– É verdade, Comandante.

– Vamos fazer vista grossa para os dois; eles têm o direito de ser felizes, e ninguém tirará o amor que foi tirado de seus originais. Ah, Dorah, solicite aos robôs-pais para acompanhar a orientação sexual de todos os humanos, a fim de evitar que as moças engravidem antes do tempo.

– Sim, Comandante, ficaremos atento.

Aos 17 anos de idade, Paloma II foi condecorada a Cabo, e Roberto II, aos 19, podia julgar pequenas causas como um juiz auxiliando AP 21.2.

No ano de 2097, quando Roberto II completou 21 anos e Paloma, 20 anos, ambos ganharam autorização para se casarem. A NEI-1 teve sua primeira cerimônia matrimonial, e graças aos esforços do Comandante AP 21.2, foi realizada uma linda festa. Nenhum humano estelar tinha presenciado uma cerimônia de casamento antes; havia apenas conhecimentos gerais sobre suas origens e estudos da Terra.

Como presente de casamento, o Comandante ofereceu uma suíte na área restrita a comandantes. Logo, o jovem casal estaria auxiliando-o no comando da nave e pesquisando os astros. Roberto e Paloma já detinham um grau de entendimento sobre a nave à frente dos demais. Também estudavam o extinto planeta Terra e a história da humanidade. Paloma reunia-se com a maioria dos jovens que se assentavam à sua volta para aprender.

A nova tripulação de humanos não compreendia como seria a vida fora de uma nave como a em que eles nasceram; não conseguiam instruir-se como era possível morar na superfície de um planeta rochoso, expostos ao espaço hostil; era-lhes tão mais lógico viver no interior do planeta. Paloma passava seus conhecimentos teóricos, preparando a geração futura de que esse seria o destino de seus descendentes quando chegassem ao exoplaneta. Infelizmente, a sua geração e a próxima não chegariam ao planeta habitável; ainda faltavam 246 anos.

Cada vez mais a nave se distanciava de qualquer corpo celeste, cruzando o espaço através do vácuo, rumo ao seu destino...

**Ω FIM α**

## Agradecimentos

Agradeço de coração a essas pessoas maravilhosas que me ajudaram e incentivaram a escrever este meu primeiro livro.

Amanda C. Medeiros

Antônio G. Junqueira

Elizeu O. Ribeiro

Deborah Rivelli

Joel Medeiros Jr.

Kyanja Lee

Mateus C. Medeiros

Michele Riquelme Hartkopf

Nelma C. P. Medeiros

Valdir Riquelme Jr. Hartkopf

---

E-mail:

[omega-alfa@sistrom.com.br](mailto:omega-alfa@sistrom.com.br)

Nilton G. Medeiros



## Login de Acesso Pessoal e Intransferível

### Como ativar seu login

Acesse o portal [www.biblioteca24horas.com](http://www.biblioteca24horas.com) e utilize o *login* de acesso e senha que se encontram mais abaixo nesta página.

Digite essas informações nos campos “*email/login*” e “senha” que ficam no canto superior esquerdo do portal e clique no botão “Go”.

Ao detectar que se trata de um *login* que está sendo utilizado pela primeira vez, o sistema solicitará um novo *login* baseado em seu email, uma senha, um cadastro pessoal e a concordância com os termos de condições de uso. Em seguida, o leitor poderá utilizar os recursos adicionais gratuitos.

Em caso de dúvidas, use o botão de ajuda.

**Login:**

**Senha:**

